



Universidade Federal de Uberlândia

Instituto de História

Ana Clara Buso Santos

O espetáculo da bola: ciência, trabalho e política nas páginas do Jornal dos Sports
(1930-1934)

Uberlândia

2023

Universidade Federal de Uberlândia

Instituto de História

Ana Clara Buso Santos

O espetáculo da bola: ciência, trabalho e política nas páginas do Jornal dos Sports
(1930-1934)

Monografia apresentada ao Instituto de História da
Universidade Federal de Uberlândia, como requisito
para obtenção do título de bacharelado e licenciatura
em História.

Orientadora: Prof^a Dr^a Daniela Magalhães da
Silveira.

Uberlândia

2023

SANTOS, Ana Clara Buso. “O espetáculo da bola: ciência, trabalho e política nas páginas do Jornal dos Sports (1930-1934)” – Uberlândia, 2023.

Orientação: Prof^a Dr^a Daniela Magalhães da Silveira Monografia (Bacharelado) – Universidade Federal de Uberlândia,

Curso de Graduação em História.

Inclui bibliografia.

Palavras-chave: Futebol, Jornal dos Sports, Saúde, Trabalho.

ANA CLARA BUSO SANTOS

BANCA EXAMINADORA

Profª Drª Daniela Magalhães da Silveira (Orientadora)

Profª Drª Ana Flávia Cernic Ramos

Universidade Federal de Uberlândia

Profª Dra. Ana Paula Spini

Universidade Federal de Uberlândia

Uberlândia

2023

AGRADECIMENTOS:

Apesar de todas as minhas dificuldades durante a graduação, consegui adquirir um apreço pela leitura e pela escrita, por isso, reservo esse espaço para demonstrar toda minha gratidão. Este trabalho só foi possível pois tenho amigos e familiares incríveis que me ajudaram nos momentos mais difíceis durante minha vida acadêmica. Agradeço imensamente minha mãe, Deborah Cristiane Vilela Buso Santos, por me ensinar a nunca desistir, apoiar minhas escolhas e decisões e me aliviar e confortar sempre que eu sentia que algo não daria certo. Ao meu pai Carlos Henrique Fonseca Santos agradeço por ter me incentivado com a leitura, agradeço por todos os livros que me deu, e, principalmente, por ter transmitido para mim esse amor pelo futebol, o que nos uniu ainda mais. Agradeço aos meus pais por incentivarem minha pesquisa e por todo o apoio que me deram durante toda minha vida.

Agradeço as minhas irmãs Rafaella Buso Santos e Luísa Buso Santos, por todo o apoio durante a minha graduação, elas me ajudaram e me estimularam com a escrita e com os estudos. Agradeço a minha querida amiga e parceira da universidade, Milena Alves de Souza, que compartilhou toda sua experiência comigo e dividiu angustias e alegrias. Conheci a Milena durante o ensino médio, mas nunca tínhamos conversado até a graduação, o que foi uma satisfação imensa ter uma amiga tão atenciosa que me apoiou nos momentos de dificuldade e comemorou comigo as pequenas vitórias do dia-a-dia. Agradeço também a minha amiga Ana Clara Guimarães, por ter me apoiado e me incentivado a continuar com essa pesquisa de uma forma tão divertida e carinhosa. Agradeço ao meu parceiro da vida Vitor Pietro Lozano dos Santos por toda ajuda e segurança que me dedicou durante esse período tão duvidoso cercado de dificuldades e inseguranças.

Agradeço a minha orientadora Daniela Magalhães da Silveira por acreditar no meu potencial e por me apresentar ao mundo amplo, complexo e maravilhoso da pesquisa. Acredito que as dificuldades seja o que nos move, e o professor é aquele que nos ajuda e nos apoia, reconheço todo esforço, cuidado e atenção da professora Daniela comigo durante toda essa etapa, que inclui também o incentivo e as orientações com as iniciações científicas, mesmo com todas as adversidades, redescobri minha capacidade. Agradeço a todos os docentes do Instituto de História que me inspiraram a seguir a carreira de futura professora-pesquisadora de História. Agradeço principalmente as mulheres do corpo docente do instituto que marcaram minha formação, com discussões e aulas

enriquecedoras que transformaram minha vida acadêmica, profissional e pessoal, especialmente, as professoras: Ana Flávia Cernic Ramos, Iara Toscano Correia e Ivete Batista da Silva Almeida.

RESUMO: Este trabalho trata de uma discussão acerca do jogo da bola, tendo como foco o cruzamento das temáticas: ciência, trabalho e política, assuntos que perpassam o futebol desde a chegada desse esporte no Brasil. A pesquisa realizada se situa no período de 1930 a 1934, momento em que o esporte é finalmente profissionalizado no país, e considerado uma das poucas alternativas de modernizar e tornar moral o físico e a mente do povo brasileiro. Trata-se de um estudo que utiliza e analisa a imprensa da época, o *Jornal dos Sports* foi um dos principais periódicos que circularam no país durante a busca pela regulamentação do futebol como profissão. Esse acontecimento foi marcado pelos primeiros anos de governo de Getúlio Vargas, no decorrer do Governo Provisório. Ademais, é um jornal que visava à modernização do esporte, da nação e dos cidadãos, por isso, utilizava técnicas e recursos como as fotografias, as quais serão fundamentais para os debates propostos nesse trabalho. Por fim, essa pesquisa considera questões como raça, classe e gênero e levanta hipóteses a partir do cotidiano social e político durante os anos de 1930 a 1934.

Palavras-chave: Ciência; Trabalho; Política; Futebol; Getúlio Vargas.

ABSTRACT: This work deals with a discussion about the ball game, focusing on the intersection of themes: science, work and politics, issues that permeate football since the arrival of this sport in Brazil. The research carried out is located in the period from 1930 to 1934, when sport is finally professionalized in the country, and considered one of the few alternatives to modernize and make the physique and mind of the Brazilian people moral. It is a study that uses and analyzes the press of the time, *Jornal dos Sports* was one of the main periodicals that circulated in the country during the search for the regulation of football as a profession. This event was marked by the first years of the government of Getúlio Vargas, during the Provisional Government. Furthermore, it is a newspaper that aimed at the modernization of sport, the nation and citizens, therefore, it used techniques and resources such as photographs, which will be fundamental for the debates proposed in this work. Finally, this research considers issues such as race, class and gender and raises hypotheses from the social and political daily life during the years 1930 to 1934.

Keywords: Science; Work; Policy; Soccer; Getulio Vargas.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO:	9
CAPÍTULO I - Higienizando os campos: as políticas higienistas e eugenistas durante a década de 1930 e a imprensa como ferramenta desse processo.	18
1.1 As políticas eugenistas e a educação física na década de 1930.	18
1.2 Os corpos ordenados, morais e saudáveis expostos no <i>Jornal dos Sports</i>	26
1.2.1 A perspectiva dos homens da “ciência”: os corpos valorizados no esporte e sua função na sociedade.	32
1.2.2 Os corpos morais ostentados pelo <i>Jornal dos Sports</i> : a concepção dos atletas sobre o futebol e a saúde.	36
1.3 As mulheres no esporte: a razões e os deveres dessas no esporte de acordo com as políticas eugenistas.	41
CAPÍTULO II - Amadorismo x Profissionalismo: a mobilização de jogadores e árbitros descritos na luta pela regulamentação do futebol.	47
2.1 O amadorismo x profissionalismo: o duelo da regularização e profissionalização do futebol.	47
2.2 Os autores da regularização do esporte expostos no <i>Jornal dos Sports</i>	56
2.2.1 Profissionalismo x Amadorismo: disputas e contradições observadas pelo <i>Jornal dos Sports</i>	63
2.3 “Implantado, finalmente, o profissionalismo honesto”: A euforia do <i>Jornal dos Sports</i> após a oficialização do futebol como profissão.	69
CAPÍTULO III - As políticas e intervenções relacionadas a saúde e ao trabalho no mundo dos esportes durante o governo de Getúlio Vargas (1930-1934).	80
3.1 . A política sanitaria do Governo Provisório de Getúlio Vargas e os impactos na saúde e da educação física publicados pelo <i>Jornal dos Sports</i>	80
3.2 Direitos trabalhistas no esporte: Getúlio Vargas e as medidas trabalhistas no futebol pelas lentes do <i>Jornal dos Sports</i>	87
Considerações Finais:	93
FONTES:	95
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:	99

INTRODUÇÃO:

Definir o futebol pode parecer uma iniciativa simples, sendo ele um esporte no qual há dois times adversários com 11 jogadores, uma atividade que envolve regras, táticas, estratégias e a uniformização, além de exigir velocidade, alto desempenho físico e muita habilidade técnica. Entretanto, explicar esse fenômeno possibilita um amplo debate que permeia discussões nas áreas sociais, políticas e econômicas. Os estudos sobre o futebol têm se aprofundado com o passar das décadas, por mais que sejam relativamente atuais, contando em média de 40 anos. A temática é debatida e causa discordância entre muitos autores. Nesse sentido, o antropólogo Roberto DaMatta foi um dos primeiros a se dedicar à questão, apresentando um estudo sociológico pouco preciso e que pode, em muitos casos, reforçar estereótipos desse esporte.

Em sua obra, o *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*¹, DaMatta entende o futebol como um sistema, que tem regras, objetos, cenários, personagens, tempo, espaço e contém um conjunto de relações. Para o autor, o jogo está na sociedade da mesma forma que a sociedade está nele, se expressando de forma mútua e apresentando relações sociais complexas, ademais, ele objetiva estudar o futebol junto com a sociedade, ou seja, busca fazer uma interpretação sobre essa. Assim, ele estuda o esporte como um drama, inspirado na dramatização da obra de Victor Turner e Max Gluma, pois ele trata o futebol como um rito, e entende que sem o drama não há rito. DaMatta procura analisar as atividades como modos privilegiados através dos quais a sociedade se deixa perceber ou ler por seus membros.

Entretanto, em um dos capítulos desse ensaio, o autor apenas reforça narrativas que tratam o futebol como um instrumento de manipulação e de desvio de atenção do povo brasileiro acerca de problemas mais básicos, como se fosse o “ópio” da sociedade brasileira. Além disso, demonstra que o futebol é uma oposição à sociedade, militando contra ela e parte da tese de Marshall Sahlins se o futebol existe socialmente como uma instituição importante, é porque ele deve estar desempenhando um certo papel social.

Sendo assim, para DaMatta, a função do futebol é desviar a atenção da sociedade e mistificar o povo, e somente a classe dominante saberia e entenderia o real papel desse esporte, a massa, tratada como classe popular permaneceria na escuridão de sua “idiotice

¹ DAMATTA, Robert. *Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira*. 1982

crônica”². Por mais que seja uma visão ultrapassada e estereotipada, é interessante observar como o estudo de DaMatta se perpetuou em alguns discursos e parte da sociedade, para ele o ópio representa o fácil, o dispensável e o ilusório, não poderia ter o mesmo valor do trabalho ou da guerra, esses sim seriam assuntos determinantes e dignos de atenção. Assim, o autor reduz o esporte, a arte e até mesmo a religião como atividades inconsequentes e marginais, por acreditar que foram inventados no sistema. Vai além e invalida toda a carga cultural, social e econômica que esses três aspectos apresentam.

Em contraponto, Leonardo Affonso de Miranda Pereira, em sua tese de doutorado intitulada *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro*³, utiliza fontes variadas, mas principalmente jornais publicados no início do século XX para evidenciar que o esporte, especificamente, o futebol, era uma possibilidade de demonstração da força da identidade brasileira. Este era um instrumento de expressão e de mediação de seus conflitos, o jogo mostrava-se capaz de articular diferenças e identidades, fossem sociais, raciais, regionais ou nacionais. O autor acredita que por meio do estudo do esporte poderia se abrir uma nova janela sobre os períodos históricos desejados, sendo nesse caso, o Estado Novo.

Pereira busca entender o que deu forma à construção social do amplo sentimento nacional testemunhado por Getúlio Vargas em 1938. Ele enxerga a cultura do futebol como um meio de efetivação de disputas e embates entre diferentes práticas e tradições, observando a experiência de sujeitos diversos, resultando assim em mais possibilidades e significados em sua pesquisa. Nesse cenário, Pereira, em sua tese evidencia o projeto dos higienistas brasileiros de aperfeiçoar o corpo humano, e o futebol geraria um outro benefício, o desenvolvimento do caráter, sendo esse considerado um esporte belo e completo.

Assim, os objetivos estavam cada vez mais evidentes, ou seja, tornar os brasileiros negros e mestiços robustos em homens fortes e disciplinados para o progresso físico e moral da nação. Isso porque os cuidados físicos estão na base de uma educação completa, por isso a educação física passa a ocupar um espaço importante e assim, um corpo saudável geraria um indivíduo equilibrado e gradativamente o suposto atraso brasileiro,

² Ibidem, pp. 22.

³ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda Pereira. *Footballmania: Uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)*. 1998

o qual envolve principalmente as questões de raça, seria substituído pelo sucesso vigoroso de uma nova geração de atletas⁴, esses sendo os “frutos do Brasil futuro.”⁵

Pereira também dedica em um de seus capítulos a investigar os trabalhadores da bola, os quais muitos também eram operários das fábricas. O autor aponta que o espaço de centros recreativos e locais onde se praticavam o esporte eram também ambientes utilizados para organização e mobilização política desses operários, desmistificando de forma certa o discurso de Roberto DaMatta que considerava o esporte um mecanismo de distração para as classes populares e instrumento de dominação para a elite.

Sobre essa mesma discussão, Fatima Martins Rodrigues, em sua obra *O futebol nas Fábricas*⁶, realiza uma breve análise do futebol praticado nas fábricas, utilizando trabalhos importantes como os de Waldenyr Caldas e Mário Rodrigues Filho. Inicialmente, os operários praticavam o esporte durante os intervalos ou almoço, em alguns casos as partidas poderiam acontecer nos finais de semana, considerado isso, é possível perceber como lentamente o futebol apodera-se do cotidiano dos trabalhadores. Deste modo, o gosto pelo esporte crescia da mesma forma que a vontade de aperfeiçoar a prática e a técnica, e o que antes era lazer se tornou uma atividade organizada coletiva, ou seja, aqueles jogadores que jogavam apenas por diversão, logo foram substituídos por aqueles que tinham melhores habilidades e possuíam retornos financeiros e produtivos, tendo seus corpos mais uma vez vistos como máquinas.

Rodrigues discute a relação entre a formação dos clubes e das fábricas assim como a relação entre operários e industriais. A primeira pode ser definida como uma relação econômica e cordial, a qual as fábricas começaram a subsidiar demandas do clube, como os campos para os treinos e jogos, equipamentos, uniformes ou o transporte. Com esse investimento feito, as indústrias exigiam o retorno dos investimentos de forma transparente, estabelecendo assim uma relação indireta de controle pelo clube. Além disso, era comum que os donos das fábricas ou membros das diretorias assumissem cargos na direção dos clubes.

A segunda pode ser descrita como uma relação vertical, a qual os empresários viam no esporte uma forma de domesticar os corpos de seus trabalhadores, e entendiam o futebol como um instrumento de publicidade e venda de sua produção. É necessário

⁴ Ibidem, pp. 155

⁵ Ibidem, pp. 155

⁶ ANTUNES, F. M. R. F. (1994). O futebol nas fábricas. *Revista USP*, (22), 102-109. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i22p102-109>

destacar que não eram todas as indústrias que utilizavam do esporte para melhorar a produção, entretanto, de acordo com Alfred Wahl havia um interesse dos empresários de promover uma identificação do clube-empresa.

Essa lógica questiona os diferentes significados do futebol e a sua relação com a sociedade e o trabalho, pois a vitória nos jogos pode resultar em orgulho para os operários seguirem de forma produtiva nas fábricas, e assim, o sentimento de integração poderia reduzir conflitos no local de trabalho.

Outrossim, surgiram novas possibilidades para aqueles jogadores que se destacassem, dentro e fora de campo (nas fábricas), esses poderiam construir carreira como operário-jogador, recebendo assim, possíveis bonificações, promoções e até um segundo salário. O processo de popularização ampliou as possibilidades profissionais desses operários e de outros indivíduos que enxergavam no futebol uma chance de ascensão social.

Nesse sentido, o futebol é transformado em atividade profissional paralela, surgindo assim a necessidade da sua regularização e profissionalização, tanto dos jogadores, quanto dos árbitros, política que é estabelecida apenas em 1933, com a persistência e mobilização desses sujeitos, isso pois muitos clubes resistiram a essa profissionalização o máximo que foi possível.

A profissionalização do esporte que ocorreu na década de 1930 está diretamente relacionada com a mobilização de diferentes setores operários no Brasil por direitos trabalhistas, nesse caso o futebol passa a ser uma profissão, ganhando novos símbolos, e um novo papel socioeconômico, ou seja, o futebol está oficialmente envolvido em uma complexa rede de relações sociais e interesses⁷. Durante o Governo Provisório de Getúlio Vargas, foram conquistados direitos reivindicados pelo movimento operário, sendo assim, é fundamental entender e analisar o futebol dentro dos mundos do trabalho. Posteriormente, durante o Estado Novo, as políticas varguistas promoveram intervenções organizacionais e burocráticas nas associações esportivas.

Nesse sentido, percebe-se uma lógica produtiva no esporte, pois os atletas deveriam atuar com disciplina, saúde e bem estar, após sua profissionalização, esperava-se um futebol com um maior retorno financeiro e a permanência dos principais craques no país, já que, anteriormente, era comum alguns jogadores atuarem em outros países que já haviam decretado a regulamentação do esporte. É interessante observar que durante a

⁷ANTUNES, F. M. R. F. (1994). O futebol nas fábricas. *Revista USP*, (22), 102-109. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i22p102-109>

década de 1930, o projeto era de que a sociedade fosse um reflexo dos jogadores de futebol, ou seja, sérios, disciplinados e saudáveis, assim, pode-se estabelecer uma nova relação entre o jogo da bola e as classes populares.

O futebol não seria mais tratado como apenas um espetáculo para as massas, mas também um instrumento para mobilizar a massa, além de angariar fundos para seus clubes. Essa mobilização política visa o bem estar coletivo, a qual as diferentes classes sociais conviveriam de forma harmônica e que estivessem entusiasmadas com os deveres cívicos em prol da sociedade.

Ademais, o projeto político de Getúlio Vargas, além de exigir uma padronização do corpus social, valorizava também a educação física, como já considerada por Leonardo Pereira ao falar sobre as políticas higienistas, os exercícios físicos poderiam disciplinar os corpos e tornar a sociedade brasileira, de acordo com os ideais higienistas e eugenistas da época, cada vez mais evoluída. A educação física se torna obrigatória nas escolas e o discurso eugenista e racista do período divulgava que a partir dessa haveria uma higienização do corpo do indivíduo, o qual, anteriormente, estava em inércia e com os corpos domados pela preguiça.

Visto que, o futebol passaria a ser sinônimo de disciplina, obediência, solidariedade e abnegação. Mais do que dar forma, o futebol formava indivíduos melhores física e mentalmente, era essa a narrativa construída pelo Estado Novo e a imagem futura que o Brasil queria apresentar para os países europeus nos eventos esportivos internacionais. O objetivo estadonovista era exaltar as grandes qualidades dos jogadores brasileiros e tornar o futebol como um instrumento de controle físico e moral da população.

Assim, Melina Nobrega Miranda Pardini em sua dissertação *A narrativa da ordem e a voz da multidão: O futebol na imprensa durante o Estado Novo*⁸, utiliza diversos periódicos da época, dentre eles o *Correio Paulistano*, a *Gazeta de Notícias*, o *Jornal do Comércio* e o *Jornal dos Sports*, além de utilizar o acervo do Museu de Imagem e Som (MIS) de São Paulo. Nobrega realiza uma discussão acerca do futebol ser acionado pelo Estado Novo de Vargas como uma ferramenta de ordenar e disciplinar uma nação e que tivesse acima de tudo, valores produtivos e a capacidade de fortalecer o projeto de unidade

⁸ PARDINI, Melina Nóbrega Miranda. *A narrativa da ordem e a voz da multidão: O futebol na imprensa durante o Estado Novo*. São Paulo 2009.

nacional. Assim, o futebol possui elementos rígidos e hierárquicos em sua estrutura, sendo elas as regras, as entidades, os esquemas táticos e a uniformização dentro de campo.

O Estado Novo projetou firmar a imagem do futebol como parada militar, ou seja, estabeleceu que uma das funções sociais desse esporte seria disciplinar, uniformizar e educar o corpo e a mente dos indivíduos. Assim, o bom futebol seria aquele jogado com seriedade, disciplina e coletividade, descartando e perseguindo a ideia de que poderia ser praticado por lazer e diversão. Aqueles que não jogassem com ordem e seriedade não eram reconhecidos, apenas tratados como sujeitos sem moral e brutais.

O senso de coletividade surge principalmente para abolir o sentimento regionalista e individualista que fazia parte das rivalidades estaduais, destacando o Rio de Janeiro e São Paulo. A coletividade também carregava uma tentativa de criar uma identidade nacional brasileira. A política estadonovista tinha um projeto específico de minar esse separatismo e individualismo, construído durante o futebol amador, segundo o jornalista Mário Filho, podendo ter relações diretas com o fato de os jogadores objetivarem se destacar de forma individual para obter promoções nas fábricas em que trabalhavam.

Percebe-se assim o projeto de utilizar o futebol como um instrumento para diminuir a desordem, a indisciplina e o descompromisso com a sociedade brasileira. Os verdadeiros heróis da pátria seriam aqueles disciplinados, inteligentes e equilibrados dentro de campo, não aqueles ditos como loucos, irracionais e que não praticavam o esporte de forma padronizada. Esses seriam considerados apenas como malandros. Mais uma vez, se evidencia a perseguição contra aqueles que jogavam o esporte apenas pelo lazer e diversão, sendo penalizados e criminalizados por isso. Assim, nota-se uma relação entre futebol, trabalho e criminalidade.

O que antes era tratado como lazer estava sendo considerado como crime, o que antes era visto como paixão, seria uma obrigação profissional. Nesse sentido, os estudiosos Nizamar Aparecida e Anderson Soares Lopes em seu artigo *O Futebol como patrimônio nacional cultural*⁹ apresentam o futebol como uma paixão nacional, além de entender a importância do esporte e a possibilidade de considerá-lo um patrimônio cultural imaterial. Eles, assim como DaMatta retomam a ideia do futebol como ritual, entretanto discutem a partir de acervos de museu de futebol, sejam eles de equipamentos, chuteiras, troféus e uniformes, mas também acervos de filmagens e narrações antigas que expõe regras e curiosidades sobre o futebol no Brasil e no mundo, os autores promovem

⁹ DE OLIVEIRA, Nizamar Aparecida. LOPES, Anderson Soares. *O Futebol como patrimônio nacional cultura*. Vol 5. Nº12, ano 2011

uma discussão que se pode contrapor com as de DaMatta, embora tratem dos rituais presentes no esporte.

É necessário recordar, que desde o início da Era Vargas a necessidade de estabelecer uma identidade nacional era uma das principais propostas políticas varguistas. Assim, Aparecida e Soares utilizam a obra de Benedict Anderson *Comunidades Imaginadas*¹⁰, em que o autor objetiva entender o imaginário ligado à nação e à “mágica do nacionalismo”. Essa nação como comunidade imaginada foi construída culturalmente, ou seja, não apenas por suportes escritos e materiais, mas também pelos imateriais.

No caso brasileiro, havia uma certa urgência para se definir uma nação, indivíduos que encontrassem uns nos outros, um senso de coletividade e união, o qual já foi trabalhado por Nóbrega anteriormente. Assim, o futebol mesmo tendo uma origem elitista, pode ser uma ferramenta para dar sentido a essa coletividade. O futebol está presente em todo o território nacional e não deve ser visto apenas no campo da materialidade dos acervos de museus e nos próprios campos de futebol.

É a partir dessa lógica que os autores Nizamar Aparecida e Anderson Soares destacam o futebol como uma manifestação por meio dos corpos, além de apontarem o futebol como uma cerimônia, e antes do início da partida há um ritual, é cantado o hino do país, dos clubes, há símbolos e bandeiras, além das regras impostas e da uniformização, tanto dos atletas como da torcida. Durante esse processo é fundamental destacar todo o sentimento de paixão, euforia, união e expectativas do jogo que é despertado nos torcedores, podendo ser comparado até mesmo com uma devoção.

É fato, que cada país tem sua história com o futebol, a Inglaterra, sendo a pioneira a praticar o esporte do que mais se aproxima com o de hoje e no Brasil, Charles William Miller é considerado por trazer o jogo da bola, após sua estadia no território britânico. Nesse sentido, é possível perceber que apenas uma parcela da população brasileira tinha acesso ao futebol, sendo esse um esporte da elite, que demandava não só o conhecimento do jogo da bola, mas também os equipamentos, os quais não eram acessíveis para a maior parte da população.

Desse modo, a partir dessa discussão, nota-se que o futebol desde antes de sua profissionalização já atravessava questões políticas, sociais e econômicas, discussão que se perpetua ainda nos dias atuais. Nesse sentido, Patrícia Hill Collins no livro

¹⁰ ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas*. Rio de Janeiro: Ática, 1989.

*Interseccionalidade*¹¹, busca entender como as relações de poder, raça, gênero, classe, nação e sexualidade organizam esse esporte, segundo Collins:

“O futebol é um grande negócio, que proporciona benefícios financeiros a patrocinadores e a uma pequena parcela de atletas de elite. Diferenças de riqueza, origem nacional, raça, gênero e capacidade moldam padrões de oportunidades e desvantagens no esporte. Além disso, essas categorias não são mutuamente excludentes. Ao contrário, o modo como se cruzam determina quem chega a jogar futebol, o nível de apoio que recebe e os tipos de experiência que tem se e quando joga.” (COLLINS, Pg 21)

Assim, a autora utiliza a interseccionalidade como ferramenta analítica para mostrar o caráter mercantil do futebol. Além disso, ela utiliza esse instrumento para analisar a Copa do Mundo da Fifa e as relações de poder dentro da organização. O evento é, segundo a autora, um exemplo inegável de como o poder das ideias, representações e imagens em um mercado global normalizam atitudes e expectativas culturais em relação às desigualdades sociais.

Competições internacionais como a Copa do Mundo podem transmitir a mensagem de que aquele que ganha é porque é merecedor, tem talento, técnica e disciplina, enquanto aqueles que perdem carecem dessas características, as quais são estimuladas desde a primeira metade do século XX. Tal discurso não é apenas simplista como também sugere que a competição é justa para todos os participantes, ignorando todo o histórico de desigualdades sociais, raciais e de classe. Essas divisões estão profundamente interconectadas no domínio estrutural desse poder, e embora pareça que os confrontos da bola estejam em situação de igualdade, não estão. Isso pois:

“O futebol é um esporte global que, teoricamente, pode ser jogado em qualquer lugar por qualquer pessoa. Em geral, crianças e jovens que jogam futebol amam o esporte. O futebol não exige aulas caras, campos bem cuidados nem calçados especiais. O futebol recreativo não requer nenhum equipamento ou treinamento específico, apenas uma bola e participantes em número suficiente para colocar duas equipes em campo.” (COLLINS, Pág. 26)

Nesse cenário, como discutido anteriormente, parte da classe trabalhadora da década de 1930, enxergava no futebol uma chance de ascensão econômica e estabilidade financeira, foi construída uma narrativa de que para prosperar nesta profissão ter talento

¹¹ COLLINS, Patricia Hill. *Interseccionalidade*. Boitmepe. 2016.

e técnica era o suficiente e que nessa prática há menos barreiras entre indivíduos com aptidão comparada a outras. O sonho do jogo da bola não se manteve só durante esse período, ele se perpetuou e se ampliou entre milhões de jovens de diferentes nacionalidades, raças, classe social e gênero.

Desse modo, o primeiro capítulo foi organizado com o objetivo de discutir como as políticas e os ideais de eugenia se manifestavam no *Jornal dos Sports* e como o racismo estampado pelo periódico afetavam os atletas durante o início da década de 1930, marcada pelo Governo Provisório. Ademais, intento analisar e refletir acerca dos discursos dos médicos e representantes do esporte que buscavam o aperfeiçoamento da raça, tanto dos homens quanto das mulheres que se dedicavam as práticas esportivas, sendo essa a melhor alternativa para o progresso do indivíduo.

Outrossim, o segundo capítulo é voltado para o mundo do trabalho e as condições dos trabalhadores do período. Visto que, o início do governo de Getúlio Vargas é notado por vitórias do movimento operário e as conquistas de direitos trabalhistas. Desse modo, procuro evidenciar a luta e mobilização de atletas e juízes (personagens fundamentais para que o jogo da bola exista) descritas pelo *Jornal dos Sports*. Além disso, questionar a dualidade entre o profissionalismo x amadorismo vigente na época, visto que foi um embate presente dentro e fora dos campos de futebol.

Por fim, o terceiro capítulo é apresentado como um item conclusivo das duas primeiras temáticas exploradas respectivamente no primeiro e segundo capítulo. Nessa última parte, busquei centralizar a figura de Getúlio Vargas e suas políticas tanto sanitárias, quanto trabalhistas centralizadas, evidentemente, no mundo esportivo, especificamente, no futebol, expostas no *Jornal dos Sports*.

CAPÍTULO I - Higienizando os campos: as políticas higienistas e eugenistas durante a década de 1930 e a imprensa como ferramenta desse processo.

1.1 As políticas eugenistas e a educação física na década de 1930.

O presente texto tem como propósito refletir sobre os princípios eugenistas e higienistas, discursos racistas considerados científicos e disseminados desde o final do século XIX até a primeira metade do século XX. Além disso, pretendo analisar sua influência na formação do povo brasileiro, as políticas de fortalecimento do Estado Nacional e os impactos na saúde e na educação física, durante o início da Era Vargas. Para isso, primeiramente, foi necessário compreender como os temas de saúde, eugenia e políticas higienistas são abordados e estudados no Brasil. A pesquisadora Nancy Leys Stepan é uma das principais referências no estudo de questões que tocam à eugenia, raça, gênero e nação. Em seu capítulo “Eugenia no Brasil”¹², presente no livro *Cuidar, Controlar e Curar: ensaios históricos sobre a saúde e doença na América Latina e Caribe*¹³, Stepan demonstra o quanto a Eugenia foi negligenciada pelos historiadores na América Latina¹⁴.

Essa desatenção distorce a história moderna da América Latina, pois desconsidera que a eugenia tenha desempenhado funções na formação do continente americano. É de suma importância evidenciar, de acordo com Stepan que houve movimentos eugênicos na maior parte da América Latina, e que esses conformaram de forma inesperada o pensamento científico, social e político. A eugenia não deve ser descrita ou entendida apenas como uma ciência racista do período, mas também como uma ferramenta que se transformava e era recebida de diferentes maneiras pelo mundo, além disso, a eugenia estava associada à legislação social sobre o bem-estar infantil, saúde materna, direito de família e controle de doenças e imigração, ou seja, os eugenistas se preocupavam não apenas com o embranquecimento da população, mas também com o desenvolvimento moral e físico das crianças, com os papéis sociais femininos da época, os quais envolvem as questões de maternidade e família e com a saúde pública.

¹² STEPAN, N. L. *The idea of race in Science: Great Britain, 1800-1960*. Londres: Macmillan, 1982

¹³ HOCHMAN, G., and ARMUS, D., orgs. *Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. História e Saúde collection. 568 p.

¹⁴ *Ibidem*, pp.334

A eugenia¹⁵ no caso brasileiro, de acordo com Stepan, se diferencia da ideologia nazista, visto que ela não foi um movimento disposto a eliminar a raça, ela esteve associada ao esforço de resgatar o país da acusação de decadência tropical e degeneração racial¹⁶, por mais que muitos eugenistas brasileiros se espelhassem em eugenistas alemães. Assim, faz-se necessário examinar como esse caso é recebido no Brasil, país pioneiro da América Latina em ter um movimento eugênico organizado.¹⁷ Entretanto, o país representava tudo o que os europeus consideravam insalubre e disgênico, ou seja, estava destinado a prejudicar suas futuras gerações devido a desvios genéticos, mas os representantes da eugenia no país estavam otimistas sobre as possibilidades de regeneração, visto que, nesse momento, a eugenia já estava relacionada ao patriotismo e às reivindicações de um papel mais importante para o Brasil no mundo.

Nesse sentido, ao destacar as diferenças dos ideais de eugenia no caso brasileiro, é fundamental entender como elas foram recebidas no território, e muito antes da Era Vargas, esses discursos já ocupavam as políticas públicas, a imprensa brasileira (meio comum entre os cientistas e a sociedade) e o imaginário de uma nação forte e moral. Na obra *A recepção do Darwinismo no Brasil*¹⁸, Regina Cândida Ellero Gualtieri em seu capítulo “O evolucionismo na Produção Científica do Museu Nacional do Rio de Janeiro (1876-1915)”¹⁹ comprova as tentativas brasileiras de transformar sua política, economia e sociedade desde a transição do Império para a República. Por isso, os principais intelectuais do período estavam receptivos às ideias evolucionistas, já que, percepções evolucionistas permitiam a seus adeptos uma visão otimista da possibilidade de o Brasil

¹⁵ A eugenia foi um movimento científico e social que teve suas diretrizes desenvolvidas pelo britânico Francis Galton, na segunda metade do século XIX, e que foi posteriormente propagada em diversos países do mundo. Introduzida no Brasil, ao final da década de 1910, teve no país como seu principal cientista e propagandista o médico Renato Ferraz Kehl. [...] O conceito foi cunhado por Galton em 1883, para representar as possíveis aplicações sociais do conhecimento da hereditariedade para obter-se uma melhor reprodução, sendo que sua etimologia consiste em eu: boa e genia: geração. Segundo Nancy Stepan a eugenia como ciência se baseou nos entendimentos acerca da hereditariedade humana; como movimento social envolveu propostas que permitiram à sociedade assegurar a constante melhoria de sua composição hereditária encorajando indivíduos “adequados” a se reproduzirem, e desencorajando os “inadequados” a se reproduzirem. [...] A eugenia no Brasil, teve duas fases distintas. A primeira pode ser classificada como positiva e sanitaria, defendendo um programa eugênico mais “suave”, ao estilo da eugenia preventiva. A segunda fase ocorre a partir do final dos anos 1920, quando após visitas ao Instituto de Eugenia de Berlim, em 1928, passa a se aproximar dos pressupostos mais radicais da eugenia negativa. (DE SOUZA, Filipe Marcel Brito. *Eugenia Negativa no Brasil: Renato Kehl e suas Lições de Eugenia.*)

¹⁶ *Ibidem*, pp.334

¹⁷ *Ibidem*, pp.334

¹⁸ DOMINGUES, HMB., SÁ, MR., and GLICK, T., orgs. *A recepção do Darwinismo no Brasil* [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003, 189 p. História e saúde collection.

¹⁹ GUALTIERI, Regina Cândida Ellero. O evolucionismo na produção científica do Museu Nacional do Rio de Janeiro (1876-1915). In: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol. *A recepção do darwinismo no Brasil* Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

superar seu atraso econômico, social, cultural e político²⁰, assim, o país deveria espelhar-se na Europa, não apenas incentivando a vinda de imigrantes europeus, mas também adequando-se aos ideais científicos disseminados por esses.

O Brasil experienciava fortes mudanças nas estruturas políticas e sociais com a queda da monarquia, o fim do trabalho escravo e a vinda de imigrantes europeus para o território, além disso, as correntes evolucionistas continham elementos que se encaixavam perfeitamente no projeto de transformação do país, forjados, especificamente, pelas elites,²¹ já que o discurso evolucionista atendia aos interesses dessa classe. Nesse sentido, Lilia Schwarcz em seu trabalho “O espetáculo da Miscigenação”²², reunido no livro *A recepção do Darwinismo no Brasil* tenta compreender como o argumento racial foi política e historicamente construído e de que forma as ideias evolucionistas traduzidas nas vertentes do evolucionismo cultural e do darwinismo social foram apropriadas por intelectuais brasileiros²³. Para a autora, o modelo racial vigente no período servia para explicar as diferenças e hierarquias, mas feitos certos rearranjos teóricos, não impedia de pensar na viabilidade de uma nação mestiça²⁴.

Assim, destaco a influência das ideias evolucionistas nas atividades científicas das instituições brasileiras do final do século XIX e início do século XX, ou seja, os museus brasileiros foram importantes ambientes orientados pelos paradigmas do positivismo, evolucionismo e do naturalismo. Gualtieri destaca a figura do diretor por 18 anos do Museu Nacional do Rio de Janeiro no período da transição do Império para a República, Ladislau Netto, o qual compreendia como essencial o papel do museu na formação dos indivíduos e no desenvolvimento das atividades no país, denominando então uma função pedagógica dos museus com o objetivo de civilizar e instruir o povo brasileiro. Por isso, trabalhos e pesquisas brasileiras ao serem divulgados demonstravam não só para os brasileiros, mas principalmente para os estrangeiros o grau de desenvolvimento científico do país e colocava o Brasil na marcha civilizatória da humanidade.

Dessa forma, novas especialidades científicas conquistavam espaços no Museu Nacional do Rio de Janeiro por efeitos diretamente relacionados com o desenvolvimento

²⁰ Ibidem, pp.45

²¹ Ibidem, pp.46

²² SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. Homem de ciência e a raça dos homens: cientistas, instituições e teorias raciais em finais do século XIX. São Paulo, 1993. Tese (Doutoramento), Universidade de São Paulo.

²³ Ibidem, pp. 167

²⁴ Ibidem, pp.171

das teorias darwinistas, esses estudos envolviam adaptação, distribuição geográfica e especiação, pesquisas que poderiam ser úteis para entender e hierarquizar a raça humana. As interpretações darwinistas eram muitas, como concluem Heloisa Maria Bertol Domingues e Magali Romero de Sá no trabalho “Controvérsias Evolucionistas no Brasil do Século XIX” do livro *A recepção do Darwinismo no Brasil*. No Museu Nacional do Rio de Janeiro circularam diferentes teses como as do já mencionado Ladislau Netto, sendo este um dos intelectuais que conciliava a ciência e a religião, tendo uma posição otimista quanto ao futuro da humanidade, e, conseqüentemente, da nação brasileira, sendo composta por um povo miscigenado. Para ele, a raça humana era diversificada, o que justificava a barbaridade de ser hierarquizada, classificando indivíduos em inferiores e superiores.

Os estudos sobre eugenia, políticas higienistas e as práticas racistas, advindas das teorias evolucionistas e darwinistas circularam não só na América Latina, mas também no Brasil, com apropriações. Domingues e Romero evidenciam que as ideias darwinistas operaram como armas ideológicas para enfrentar as questões sociais emergentes, a análise das atividades do Museu nacional revelaram que as ideias darwinistas também foram incorporadas à cultura brasileira por meio das investigações em ciências naturais e, além disso, o evolucionismo respondia aos anseios de modernização que o país tanto objetivava.

Assim, o Brasil se tornava uma grande atração e espécie de paraíso para os naturalistas, por ser descrito como uma nação mestiça, Lilia Schwarcz, em seu capítulo “O espetáculo da miscigenação” evidencia o quanto os naturalistas tratavam a população brasileira como viciada no sangue, no espírito e assustadoramente feia²⁵. No início do século XX, o Brasil não era apenas caracterizado como um país mestiço, também havia um esforço da elite e dos intelectuais do período de exaltarem a mudança operante no local, assegurando que a partir do embranquecimento, o país teria uma solução, a miscigenação transformou-se assim em um tema polêmico entre as elites locais.²⁶

Da mesma forma que a eugenia se associou com o patriotismo brasileiro, os discursos raciais influenciados por esse ocorrido também se vinculavam a projetos nacionalistas, visto que, era um momento de transição em que ainda se construía uma identidade

²⁵ Ibidem, pp. 165

²⁶ Ibidem, pp. 166

nacional, e os grupos indígenas, africanos e mestiços eram considerados obstáculos. As teorias raciais chegaram tardiamente no país, mas foram bem acolhidas nas diferentes instituições de ensino e pesquisa. Schwarcz aponta a importante missão dos homens da ciência daquele período, e o quanto esse discurso favorecia a elite brasileira:

“Obscuros homens de *sciência* que, em finais do século XIX e do interior dos locais em que trabalhavam, tomaram para si a quixotesca tarefa de abrigar uma ciência positiva e determinista e, utilizando-se dela, procuraram liderar e dar saídas para o destino desta nação. Misto de cientistas e políticos pesquisadores e literatos, esses intelectuais se moveram nos incômodos limites que os modelos deixaram, haja vista que naquele momento indagar sobre a nação era essa significativa, de alguma maneira, se perguntas sobre que raça era a nossa, ou, então, se uma mestiçagem tão extremada não seria um sinal em si de decadência e enfraquecimento”²⁷

O objetivo era encontrar possibilidades para modificar o destino do país, entretanto, internacionalmente, o Brasil era considerado por naturalistas europeus como um grande laboratório. Assim, a elite, composta pelos homens de direito deveria conduzir a nação, desse modo, foram incentivadas a criação e o fortalecimento de escolas espalhadas pelo país, como em São Paulo e Recife. Essas instituições defendiam a hegemonia da prática do direito, para garantir a hierarquia social, a qual estava diretamente relacionada com a cultura para a natureza, do indivíduo para o grupo e da cidadania para a raça.²⁸

As escolas realizavam, em alguns casos, leituras germânicas sobre as determinações das raças, em outros, analisavam com cautela a introdução dos modelos darwinistas sociais, e debatiam a entrada de imigrantes asiáticos e africanos no país. Essas pautas eram motivadas, principalmente devido aos projetos políticos que visavam a modernidade e o progresso do país, para superar suas origens raciais e degeneradas.

Com isso, Nancy Leys Stepan, em seu capítulo “Eugenia no Brasil, 1917-1940”, demonstra que a saúde se torna um objetivo político aceitável, já que o país era tido como exemplo ideal de degeneração e instável. Assim, iniciam-se os projetos políticos e buscas por um aprimoramento racial, por isso, é de suma importância entender e evidenciar o envolvimento do Estado no gerenciamento da saúde racial, muito antes do início da Era Vargas. Stepan aponta a importância da propaganda do fortalecimento físico

²⁷ Ibidem, pp. 168

²⁸ Ibidem, pp. 171

e moral do povo brasileiro, principalmente na imprensa, a importante ferramenta de comunicação da época. A autora destaca um dos principais sujeitos responsáveis pela propaganda eugenista, o Dr. Renato Kehl, o qual manteve a intensidade no interesse da eugenia por meio de panfletos, livros e debates, relatados na imprensa médica e esportiva.

A eugenia já estava relacionada com a saúde, mas a partir desse momento, essa relação encontrava-se cada vez mais evidente, pois a eugenia ocupou um forte espaço na Liga Brasileira de Higiene Mental, adentrando outros espaços relacionados à saúde nacional. O trabalho não envolvia mais apenas o embranquecimento da população e solucionar os povos degenerados, era fundamental sanar a delinquência juvenil, a prostituição, o alcoolismo, as doenças venéreas e a criminalidade²⁹, todas essas “enfermidades” estavam diretamente ligadas à raça. Por isso, o projeto político de realizar um programa de higiene mental e eugenia na vida individual, escolar, profissional, social, e o esporte e a educação física terão um compromisso em tornar esses cidadãos saudáveis e morais.

A eugenia tornava-se uma metáfora para a própria saúde³⁰, passando a ocupar espaços em todos os setores sociais, políticos e culturais no país. Eram organizadas conferências para tratar de assuntos como matrimônio, educação, proteção da nacionalidade, tipos raciais, imigração, campanhas antivenéreas. Os sujeitos eram julgados eugênicos e racialmente, esse controle tratava-se de restringir a procriação de doentes e degenerados, a educação eugênica, a mulher tendo como único e obrigatório papel a maternidade, ou seja, os conflitos familiares e privados, passaram a ser um dos maiores interesses dos eugenistas brasileiros, expandindo-se para a esfera pública.

O nacionalismo também era uma das pautas eugenistas, e muitos intelectuais começaram a rejeitar sua tradicional dependência de valores e conhecimentos europeus, e buscaram maneiras de reinterpretar suas próprias condições climáticas e raciais³¹. Tal posicionamento permitiu ampliar uma visão otimista do que poderia se tornar o Brasil, já que a solução para um grande futuro do país estava na higiene³² e no saneamento, Stepan aponta que para os médicos do período a eugenia era o novo capítulo da higiene, que

²⁹ STEPAN, N. L. *The idea of race in Science: Great Britain, 1800-1960*. Londres: Macmillan, 1982. Pp. 337

³⁰ *Ibidem*, pp.350

³¹ *Ibidem*, pp.356

³² Higiene é o conjunto de medidas para eliminar a sujeira, que pode causar doenças infecciosas. As técnicas de higienização envolvem a soma da limpeza (onde retiramos a sujeira visível) mais a sanitização, que é a redução dos micróbios.

levava à saúde na gestação, na educação física, na inteligência e na moralidade, a prevenção era mais importante até mesmo que a cura, e a eugenia preventiva era a melhor opção para um Brasil saudável³³.

Outras atividades que envolviam a eugenia, como já mencionadas eram a educação, o saneamento, os esportes e a legislação, atribuições incentivadas e desenvolvidas pelo Estado, com a criação de escolas eugenistas, o incentivo ao esporte como meio de desenvolvimento do corpo e da moral, o comportamento social e as legislações. A imigração seria outro fator determinante, pois seriam bem-vindos ao país apenas aqueles que estivessem dispostos a aprenderem português e adaptar-se ao jeito brasileiro, para que dessa forma, o país finalmente alcançasse a unidade nacional.

Com a “Revolução de 1930” e a chegada de Getúlio Vargas ao poder surgiram, em conjunto novas perspectivas e possibilidades para a consolidação da eugenia em âmbito nacional³⁴. Os esforços pelo estabelecimento de uma legislação contra o alcoolismo, exames pré-nupciais e o incentivo ao esporte como ferramenta que ordenaria e tornaria os corpos físicos morais foram intensificados, a criação da Clínica Infantil de Eugenia, e diversas escolas eugênicas exemplos dos objetivos que o estado brasileiro tinha de promover a eugenia. Como afirmava Karl Lowenstein, o Estado de Vargas foi marcado pela ambição de criar uma consciência homogênea de nacionalidade como base para a vida social e política.³⁵

Dessa forma, em cada país a eugenia foi difundida e construída por diversas circunstâncias sociais, econômicas e raciais locais. No Brasil, como evidenciado anteriormente, medidas políticas de controle racial foram utilizadas pela elite e pelos meios de comunicação, como a imprensa. A capital brasileira investia seriamente em um projeto de ordenamento social ideal para alcançar o progresso e a civilidade, e o esporte e as atividades físicas tinham um caráter salvador, especialmente, o futebol, que durante a década de 1920 se popularizou, com a formação de clubes de bairros e fábricas, entretanto, era um esporte extremamente elitizado devido a forma que chegou ao país.

Mesmo que as atividades físicas tenham sido, e ainda sejam em grande parte do país, práticas elitistas, a ginástica e o futebol eram sinônimo de Educação Física durante

³³ Ibidem, pp.357

³⁴ Ibidem, pp.372

³⁵ LOWENSTEIN, K. Brazil under Vargas. New York: Macmillan, 1942

esse período. O estado brasileiro, a imprensa e a elite intelectual eugenista apoiavam e incentivavam a implementação dessa disciplina nas escolas, o exercício físico tinha como objetivo o controle do corpo individual e social. Nesse sentido, Fabiana Pomin e Lucas Santos Café, no artigo “Modernidade, civilização dos costumes e apuração da raça: o futebol, os esportes e a educação física como ferramentas de eugenia nos estudos dos médicos da FAMEB”³⁶ abordam sobre os estudos realizados por médicos da Faculdade de Medicina da Bahia, nos finais do século XIX e início do XX. Os autores realizaram uma leitura à brasileira do racismo científico e do darwinismo social, as quais tinham uma visão otimista para solucionar os problemas raciais por meio da prática dos exercícios físicos.

Por mais que os autores tenham se aprofundado nos médicos da FAMEB, era uma prática comum e conciliadora com as demais regiões do país, o esporte teria uma importante função de formar pessoas sadias e civilizadas, e o futebol, tendo origens inglesas, sendo um esporte com regras e normas, teria ainda mais incentivo e impacto sobre o controle e a moral da população. Ao contrário do que diversos teóricos racistas europeus afirmavam, de que o Brasil estava fadado ao fracasso como nação devido a suas falhas raciais e degeneradas.

Os médicos eugenistas brasileiros acreditavam no desenvolvimento das próximas gerações, e que o bem-estar infantil, tanto físico quanto mental, deveriam ser uma das principais pautas para o desenvolvimento da raça e da nação, e o esporte deveria fazer parte desse imaginário, o investimento no esporte solucionaria então os problemas sociais, físicos, mentais e morais da população brasileira. Pomin e Café concluem o artigo evidenciando o quanto à Educação Física foi uma aliada tanto para a elite quanto para o estado brasileiro, os quais aspiravam ao aprimoramento racial da população brasileira³⁷. Com o propósito de introduzir a discussão da eugenia no Brasil, pretendo demonstrar, em seguida, como esses ideais de corpos ordenados e saudáveis foram moldados com o auxílio do esporte, e como as políticas higienistas e a eugenia aparecem com novos formatos nos jornais esportivos.

³⁶ Pomin, F., & Café, L. S. (2022). Modernidade, Civilização dos Costumes e Apuração da Raça: O Futebol, os Esportes e a Educação Física como Ferramentas de Eugenia nos Estudos dos Médicos da FAMEB. LICERE - Revista Do Programa De Pós-graduação Interdisciplinar Em Estudos Do Lazer, 24(4), 178–208. <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2021.37725>

³⁷ Ibidem, pp. 192

1.2 Os corpos ordenados, morais e saudáveis expostos no *Jornal dos Sports*.

A imprensa foi um dos principais meios de comunicação durante a década de 1920 e 1930, sendo que as revistas médicas, nas quais os ideais de eugenia eram difundidos e apresentados à sociedade, foram extremamente apropriados por outros jornais, principalmente, os de cunho esportivo. Dito isso, a imprensa se torna uma das principais fontes para a realização deste trabalho e por meio do acesso online ao acervo da Hemeroteca Nacional Digital, foi possível encontrar jornais que destacam em suas notícias, o discurso da evolução das raças por meio do esporte, sendo essa, uma das principais soluções para tornar os sujeitos morais e saudáveis. Nesse sentido, destaco o *Jornal dos Sports* um dos periódicos com maior circulação do país.

Primeiramente, o *Jornal dos Sports* era um dos principais periódicos esportivos, não só do Rio de Janeiro, mas de todo o Brasil. Desde sua criação, em 13 de março de 1931, tornou-se um jornal composto por redatores e diretores que idealizavam a modernidade e o desenvolvimento técnico esportivo de diferentes esportes, além do futebol no país. Os fundadores do jornal foram Argemiro Bulcão, jornalista e diretor do periódico, e Ozéas Mota, empresário do setor gráfico que aceitou a proposta de sociedade para o comando do periódico. O jornal seguia os padrões fundamentais daqueles do período, sendo confeccionado em preto e branco, mas conforme sua valorização e reconhecimento adotou uma técnica que seria sua marca registrada: o papel cor de rosa. Essa estratégia foi copiada do jornal esportivo francês *L'Auto* e transmitia um ideal de desenvolvimento técnico, mesmo sendo uma estratégia já utilizada em décadas anteriores.

Ainda nas primeiras edições, no dia 26 de março de 1931, o *Jornal dos Sports* em uma de suas colunas, noticia uma apresentação feita pelo *Jornal do Brasil*, anunciando esse novo periódico esportivo como um jornal de grande potencial ao defender as boas causas esportivas e “tratar com carinho tudo aquilo que esteja ligado ao progresso do esporte brasileiro”³⁸. Assim, percebe-se o interesse e a atenção dada não só ao progresso do esporte brasileiro, mas tudo que ele representava, sendo este, uma alternativa para salvar o Brasil da degeneração e fazer com que o país superasse suas origens, alcançando o reconhecimento de outros países.

³⁸ *Jornal dos Sports*. Edição 00009. 26 de março de 1931. Página 2.

Além disso, devemos nos atentar a outra característica diferencial do jornal de ter colunas locais dos clubes de bairro, por exemplo, diferente de outros periódicos do país. O *Jornal dos Sports* cobria práticas esportivas locais e estaduais, ampliando assim sua cobertura jornalística. Dessa forma, contemplava tanto os leitores da cidade do Rio de Janeiro, quanto o público das outras regiões do país, importantes embates nacionais e até mesmo competições de diferentes modalidades internacionais. Essa estratégia adotada pelos dirigentes do jornal despertava tanto um sentimento nacionalista, quanto local, pois, como já considerado, ele promovia clubes locais e nacionais e também confrontos internacionais. Um dos objetivos dos redatores do periódico era oferecer um jornal “cheio de vibração, trabalhado a capricho sem sacrificar a amplitude de seu noticiário”³⁹. Essa lógica estava perfeitamente alinhada com a política e as expectativas da época: tornar o Brasil finalmente uma nação, criar e ampliar um sentimento de unidade nacional.

O “Diário esportivo de maior circulação no Brasil”, era assim que o próprio *Jornal dos Sports* se descrevia em seu subtítulo na primeira página, investia em mudanças tecnológicas e acompanhava esportes de diversas modalidades, como natação, boxe, remo e atletismo. Além disso, sua logomarca apresentava imagens que se misturavam com as letras garrafais do título do *Jornal dos Sports* de diversos atletas praticando as atividades, dando uma sensação de movimento e fortalecendo a ideia de ser um periódico que trabalhava com recursos visuais. O periódico utilizava de imagens e fotografias das diversas modalidades esportivas, jogadores, equipes, delegações, e até mesmo os membros e presidentes dos clubes acompanhados de figuras políticas, por exemplo. Além disso, é fundamental percebermos como essas fotografias eram introduzidas nos jornais, ou seja, de que forma eram retratadas as fotos dos atletas? O que a imagem desejava valorizar? Havia um interesse dos redatores e dos fotógrafos dos jornais no embranquecimento dos atletas?

Nesse sentido, nas primeiras edições do *Jornal dos Sports* podemos observar um certo padrão, quando se trata da exposição dos atletas, a presença das fotografias era forte em praticamente todas as páginas do jornal, especialmente, na primeira. Mas os atletas dessas diferentes modalidades eram expostos de formas divergentes. Muitos jogadores de futebol descritos nas matérias do periódico estão de terno e gravata, alguns aparecem utilizando chapéu. É interessante observar esse padrão e questionar o porquê desses atletas utilizarem tais vestimentas, enquanto era comum aparecer nadadores utilizando

³⁹ *Jornal dos Sports*. Edição 00019. 5 de abril de 1931. Página 2.

touca e os trajes para a piscina nas fotografias. Quais seriam os motivos do periódico de investir nessas vestimentas consideradas “elegantes” e de alto custo financeiro? É de suma importância perceber se há alguma manifestação de uma suposta popularização do futebol mediante as fotografias publicadas no *Jornal dos Sports*, pois a narrativa de que o futebol é um esporte de todas as classes se fortaleceu nesse período e permanece ainda nos dias de hoje.

Nesse sentido, é devido a capacidade da fotografia de despertar diversos sentimentos e questionamentos na vida dos indivíduos e na sociedade e a partir do texto de Ana Maria Mauad *Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX*⁴⁰ que pretendo analisar fotografias expostas pelo *Jornal dos Sports*. Primeiramente, a autora realiza uma discussão teórica e metodológica mais ampla sobre visualidade e história. Dito isso, devemos indagar: Como aprender por meio das fotografias? Como usá-las enquanto fonte? Como ultrapassar a superfície da mensagem fotográfica?⁴¹ A fotografia, desde sua descoberta até a atualidade, acompanha o mundo e registra sua história em uma linguagem de imagens. Ela desafia o historiador, pois demanda um novo tipo de crítica: além de não responder perguntas de forma imediata, é preciso que o historiador utilize técnicas de análise e de interpretação que se diferem das fontes verbais.

Além disso, as imagens dependem das diferentes técnicas do contexto histórico que as produziram e das diferentes visões de mundo concorrentes nas relações sociais. Assim, as fotografias carregam marcas do passado em que foram produzidas e consumidas. Mas elas podem ser consideradas sempre duradouras, pois recuperam o seu caráter de presença em um novo lugar, um novo contexto e com uma função diferente. É necessário levar em consideração o contexto da fotografia, a sociedade em que ela foi codificada, e entender que tal fotografia foi “resultado de um processo de construção de sentidos”⁴². É importante ressaltar que a fotografia é produto de um trabalho social de produção de sentidos, pautado sobre códigos convencionais culturais, ela se processa através do tempo e assume diferentes funções sógnicas.

Nesse sentido, é necessário entender que entre o sujeito que olha a fotografia e a imagem que elabora, há um processo de naturalização e homogeneização das

⁴⁰ MAUAD, Ana Maria . *Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX*. Rio de Janeiro. 2005

⁴¹ *Ibidem*, pp 137.

Ibidem, pp 144.

representações concebidas. Essa naturalidade é um resultado de fortes intervenções da ordem burguesa. Isso pois, durante a primeira metade do século XX, o Rio de Janeiro, ainda capital, passava por fortes intervenções urbanas, e tentava deixar o passado escravista e monarquista para o século XIX. Assim, as mudanças na capital a favor da civilização e do progresso, os periódicos e jornais da época utilizaram das ilustrações para divulgação e rápida assimilação de imagens, tanto de pessoas, objetos, lugares e eventos, inclusive o *Jornal dos Sports*.

Dito isso, o recurso das fotografias estava na maioria das vezes no domínio da elite carioca, o bom gosto era o burguês, sendo assim eram comuns fotografias em jornais que remetesse a criar modas e impor comportamentos, além de criar realidades. A elite carioca garantiria seu domínio, naturalizando suas representações. Nesse sentido, devemos lembrar que a fotografia informa, mas ela também conforma uma determinada visão de mundo. Ou seja, o controle dos meios técnicos envolve tanto aquele que detém o meio quanto ao grupo que ele serve, e por isso, a fotografia é interpretada como resultado de um trabalho social de produção de sentido.⁴³

Sendo assim, a imprensa, no geral, irá produzir e realizar a manutenção de um código dominante que associa não só pessoas, mas também lugares e objetos. Entender a fotografia como uma mensagem significativa que se processa através do tempo e que dialoga com os elementos da cultura material que a produz⁴⁴, contribui e facilita para a elaboração de novos questionamentos e possibilidades. Entretanto, é fato que as fotografias são resultados de um conjunto de escolhas possíveis, desde a vestimenta, o ângulo, o autor da iconografia, essa fonte histórica está totalmente relacionada com a mentalidade e o contexto da época e sua cultura. Assim afirma Mauad:

Evidencia-se na produção contemporânea como a fotografia para ser trabalhada de forma crítica não pode ficar limitada a um simples exemplar. A noção de exemplo foi superada pela dinâmica da série que estabelece contatos diferenciados com distintos suportes da cultura material. [...], demandando ao pesquisador uma metodologia que considere seu caráter polifônico, resultante de um círculo social de produção, circulação e consumo de imagens (MAUAD,2005)

Nesse sentido, foi realizado um levantamento, a partir do acervo da Hemeroteca Nacional Digital, de fotografias publicadas pelo *Jornal dos Sports* entre os anos de 1931-1934, por meio de palavras-chave, que se relacionam com o tema explorado neste capítulo, são elas: Saúde, Física, Raça, Eugenia e Higiene. Apresentados e tabelados nos quadros a seguir:

⁴³ Ibidem, pp. 139

⁴⁴ Ibidem, pp. 140

Quantidade de ocorrências por ano encontradas no *Jornal dos Sports*:

	Saúde	Física	Raça	Eugenia	Higiene
1931	95	76	62	18	11
1932	118	94	94	27	7
1933	138	115	73	31	7
1934	124	78	78	16	7

Quantidade de fotografias por ano encontradas no *Jornal dos Sports*:

	Saúde	Física	Raça	Eugenia	Higiene
1931	18	12	9	4	2
1932	16	15	4	4	1
1933	6	18	7	1	1
1934	13	14	13	1	0

As tabelas apresentadas foram feitas a partir de um levantamento de palavras-chaves retiradas do acervo da Hemeroteca Nacional Digital. Ou seja, a partir das escolhas de vocábulos específicos tive a possibilidade de analisar quantas notícias foram publicadas sobre cada verbete. Além disso, com base em cada ocorrência investigada, pude observar em quais dos casos as ocorrências apresentaram fotografias de lugares, centros esportivos e de sujeitos relacionadas ao esporte como atletas, políticos, militares e médicos.

A palavra-chave saúde teve 118 ocorrências no ano de 1932, por exemplo, e apresentou 16 fotos. Enquanto o verbete raça apareceu em 73 matérias no ano de 1933 e foram expostas 7 fotos mencionadas pelo vocábulo. É interessante realizar essa investigação para que se possa realizar comparações, questionamentos a partir da relação de fontes verbais e não verbais. Além de ser importante se atentar para a quantidade de

imagens e verbetes que aparecem em um dos jornais de maior circulação do país e que almejava a modernidade tanto para o esporte, quanto para o país e principalmente para seus leitores.

Após o levantamento desses dados, é fundamental destacar a metodologia utilizada por Ana Maria Mauad ao realizar os estudos de iconografia de revistas e periódicos da primeira metade do século XX. Como afirma a autora, existe sempre um conjunto de escolhas possíveis, a partir do qual, uma escolha é feita⁴⁵. Nesse sentido, Mauad realiza um importante debate sobre o papel da imagem fotográfica veiculada pela imprensa, e põe em evidência a importância de discutir a dimensão histórica desse processo, que implica em desnaturalizá-lo, reiterando-o do senso comum ao analisá-lo de forma crítica⁴⁶.

Dessa forma, as fotografias não falam por si só, é necessário que sejam feitas as perguntas⁴⁷. Entretanto, a fotografia pode, por um lado, contribuir para a veiculação de novos comportamentos e representações da classe que possui o controle desses meios⁴⁸. E nesse caso, no meio esportivo, durante o Governo Provisório de Getúlio Vargas, momento em que se busca uma unidade nacional e a evolução das raças, os jornais esportivos vão atuar como eficiente controle social, por meio da educação do olhar. Visto que, as fotografias, sejam elas quais forem, nos despertam sentimentos, dúvidas e possibilidades, assim, a imagem, ao assumir o lugar de um objeto - de um acontecimento ou ainda de um sentimento – incorpora funções sígnicas.⁴⁹

Maud elabora uma série de elementos da forma do conteúdo das fotografias, sendo elas a agência produtora, o ano, o local, o tema, se há pessoas retratadas e quem são elas, se há objetos e quais são eles, os atributos das pessoas ou das paisagens, o tempo retratado, ou seja, se é dia ou noite, e a numeração das fotos. A partir desses componentes, pode-se interpretar a relação dos elementos das fotografias com o contexto no qual se insere, remetendo-se ao corte temático e temporal⁵⁰. Cada campo deve ser preenchido por itens presentes nas fotografias, concebidos como unidades culturais, o conceito como afirma o escritor Umberto Eco:

⁴⁵ Ibidem, pp. 151

⁴⁶ Ibidem, pp. 152

⁴⁷ Ibidem, pp. 144

⁴⁸ Ibidem, pp. 144

⁴⁹ Ibidem, pp. 145

⁵⁰ Ibidem, pp. 145

“Uma unidade é simplesmente toda e qualquer coisa culturalmente definida e individuada como entidade. Pode ser pessoa, lugar, coisa sentimento, estado de coisas, pressentimento. Fantasia, alucinação, esperança ou ideia [...] Reconhecer a presença dessas unidades culturais (que são, portanto, os significados que o código faz corresponder ao sistema de significantes) significa compreender a linguagem como fenômeno social”⁵¹

1.2.1 A perspectiva dos homens da “ciência”: os corpos valorizados no esporte e sua função na sociedade.

Dito isso, proponho a análise de algumas fotografias publicadas no *Jornal dos Sports*, as quais se relacionam, primeiramente, com as políticas higienistas e racistas, além dos ideais de eugenia do período (1931-1934). Como se observa na matéria publicada pelo periódico no dia 30 de agosto de 1931:



Dr. Renato Pacheco

“Vai ser criada no Rio, Escola de Eugenia. Um esplendido programa que pretende muito breve realizar: Dentro de poucos dias vai ser criada, nesta capital, a Escola de Eugenia, cuja finalidade, como a sua denominação indica, é a do promover, por todos os meios, uma campanha intensa e continuada, pela melhora da raça, pelos ensinamentos ministrados em aulas, pela assistência técnica e científica que a mesma prestará à educação física, quer da criança, quer do adulto, nas associações esportivas e centros de culturas. A frente dessa iniciativa acha-se o Dr. Estellita Lins, o qual vai convidar para auxiliarem nessa patriótica empresa nomes dos mais destacados nos nossos meios científicos, [...] O dr. Renato Pacheco presidente da C.D.B.”⁵² (JORNAL DOS SPORTS. Edição 00145 - 30 de agosto de 1931)

O título da matéria e a notícia publicada evidenciam o óbvio interesse e o projeto nacional da criação de escolas de eugenia. Sendo assim, o *Jornal dos Sports* fortalece o discurso sobre a melhora das raças por meio das atividades físicas, o que levanta questionamentos sobre a relação entre saúde e raça. Entretanto, a fotografia posta na matéria, pode gerar diversos questionamentos, inicialmente, visto que, a escolha feita pelo jornal de que o Dr. Renato Pacheco seja o rosto da matéria levanta uma série de possibilidades. Por que não publicar o espaço físico da escola de Eugenia? Ou então dos alunos e futuros alunos que serão a próxima geração saudável do país? Quais seriam os critérios realizados pelo *Jornal dos Sports* para escolher o Dr. Renato Pacheco, presidente da Confederação Brasileira de Desportos, para noticiar a fundação de uma escola de eugenia?

⁵¹ Ibidem, pp. 146

⁵² *Jornal dos Sports*. Edição 00145 - 30 de agosto de 1931

As possibilidades são inimagináveis, e assim como considera Mauad, são as perguntas que irão traçar os sentidos para as possíveis respostas das escolhas dessa fotografia. A escolha de uma pessoa e não de um objeto ou local, pode trazer uma ideia de proximidade com o leitor, de identificação ou apenas para apresentar esse sujeito a sociedade, como uma das principais figuras do esporte brasileiro, valorizando ainda mais, a figura dos médicos perante os atletas, visto que, o Dr. Renato Pacheco é mencionado frequentemente no *Jornal dos Sports*. Além disso, a escolha de um dos maiores representantes de desportos do país, em uma matéria que trata da criação de uma escola de eugenia, confirma nitidamente a tentativa do Estado e da imprensa de relacionar os desportos com a saúde, a higiene e a educação física no país.

Visto que, outros sujeitos da época poderiam ser o rosto da publicação, como por exemplo, o Dr. Renato Kehl, um dos maiores representantes do movimento eugênico, como já citado anteriormente. Nesse sentido, o Dr. Renato Pacheco, embora esteja apenas de busto, apresenta um semblante sério, com vestimentas consideradas elegantes, de fato o tamanho da foto é pequena comparada a outras presentes no periódico e, conforme Mauad evidencia, o tamanho das iconografias também são aspectos a serem analisados. Por outro lado, o Dr. Renato Pacheco é um dos nomes importantes do esporte, conhecido internacionalmente, e mesmo que essa relação entre esporte e a criação de escolas eugênicas seja incontestável, a notícia deveria ter, talvez, maior relevância do que a identidade de Pacheco, ele poderia ser um símbolo dessa relação.

Além disso, o uso de fotografias de pessoas para publicar notícias relacionadas à Educação Física, saúde e eugenia era uma estratégia comum do *Jornal dos Sports*, o discurso da evolução das raças já se perpetuava como um projeto político, o desenvolvimento da sociedade brasileira era fundamental para o Brasil ser reconhecido no exterior. Ao utilizar, frequentemente, as fotografias dos sujeitos responsáveis por esse propósito, o *Jornal dos Sports* apresenta aos seus leitores as “grandes” e importantes figuras, legitima esse discurso e molda comportamentos por meio de discursos racistas e o incentivo para que a tão sonhada evolução das raças se concretizasse. Como se nota na matéria publicada pelo *Jornal dos Sports*, no dia 24 de dezembro de 1932:



Deem músculos ao Brasil! O vasto programa de educação física contido nas diretrizes de um partido político!

Como o Dr. Heitor Beltrão se manifesta sobre o magno assunto: A educação física do povo brasileiro não pode deixar de ser enquadrada entre os nossos problemas essenciais. Afinal, os políticos convenceram-se de que a eugenia, ou melhor o aperfeiçoamento do nosso tipo físico – pela prática da vida ao ar livre, pela racionalização dos jogos e exercícios modernos – [...]. (JORNAL DOS SPORTS. Edição 00551. 1932)

O Dr. Heitor Beltrão era secretário geral da nova agremiação política e uma das figuras mais destacadas do esporte do período, sua opinião sobre o programa de educação física é no mínimo relevante para ser publicada. Além disso, demonstra, mais uma vez, a posição do *Jornal dos Sports* de noticiar e preservar o discurso da importância do Brasil se tornar um país com músculos, que objetiva programas de educação física e ainda naturaliza o termo da eugenia e os discursos racistas, essa palavra se torna um sinônimo de “aperfeiçoamento do tipo físico”.

Nas páginas seguintes do jornal, Beltrão reafirma o compromisso de seu partido, o Partido Economista do Brasil, de promover a coordenação de esforços oficiais e privados para desenvolver a educação física, por todos os modos, em todas as classes, regiões e incentivar a criação de Institutos de Eugenia, tornar obrigatória a cultura física na mocidade e assim preparar as gerações que constituirão a base física do espírito nacional e solucionar esse problema essencial, como aponta a matéria.

Nesse sentido, nota-se a relação entre a evolução da raça com o esporte, este seria primordial para que o primeiro fosse alcançado. O esporte não era apenas uma solução, como também considerado um remédio, sendo assim, fundamental para se manter saudável. Nesse sentido, proponho agora analisar a matéria publicada pelo *Jornal dos Sports*, no dia 24 de abril de 1932:



Os esportes são remédios necessários à saúde! Como o Dr. Neves Manta falou ao Jornal dos Sports sobre o valor da patinagem e do hockey, na formação das raças

Os esportes são remédios. Já afirmamos muitas vezes, através dessas colunas, sempre abertas as campanhas esportivas de utilidade geral. Quando A. Austregesilo e Augusto Linhares falaram ao Jornal dos Sports sobre a palpitante questão, os meios esportivos ficaram surpreendidos com a delicadeza dos comentários desses grandes cientistas. Eles disseram que é mister exercitar o organismo, para que haja equilíbrio mental e nervoso.

Agora ouvimos dr. Neves Manta, cuja fama já ultrapassa as lindes das nossas fronteiras da literatura e da medicina, onde ele é um vitorioso, criou símbolos exóticos, para fazer vibrar sua celebração. [...] Quando procuramos o escritor e médico, para falar sobre esportes, ele pitou um cigarro para dar tempo as reflexões, mas respondeu serenamente:

- Os esportes são remédios, eu mesmo já disse ao seu próprio jornal. Através da palavra do professor A. Austregesilo, a quem muito admiro. Seu praticante de natação e aconselho a patinagem nos casos de *physicastenía* de *neurasthenia*, etc. Os sofredores de ácido úrico, devem, também dedicar algum tempo a prática da patinagem, que provoca a transpiração e auxilia, desse jeito, o trabalho dos *emmectorios*.

- Acha que pode patinar em qualquer estação?

- Depende. O inverno é mais propício a esse divertimento. Nos países frios a patinagem criou raízes, associada ao hockey, que desenvolve os músculos de quase todos os membros, inferiores e superiores. Os braços e as pernas são grandemente beneficiados com a prática do hockey, porque se desenvolvem de uma maneira bela de ver-se. E que o manejo o "stick" concorre enormemente para esse fim. Quando os cariocas compreenderem a vantagem de patinar, meu caro jornalista, desaparecerão os males provocados pela má eliminação dos alimentos e por certas toxinas que acumulam no organismo.

Assim falou Neves Manta (JORNAL DOS SPORTS. Edição 00334. 1932)

O literato e médico Dr. Neves Manta expõe seus argumentos no periódico, evidenciando a importância do exercício físico, e do esporte como sinônimo de remédio. É interessante observar que em sua entrevista, o médico aponta o quanto é importante se exercitar para que exista um equilíbrio entre a mente e o físico. Além disso, no título da matéria nota-se o valor do exercício para a formação das raças, ou seja, novamente, percebe-se a formação de comportamentos sendo moldados pelo jornal para o incentivo da prática esportiva.

A fotografia apresenta o Dr. Neves Manta apenas de rosto, ele está de terno e como evidenciado na entrevista, este é entrevistado e citado no jornal diferentes vezes. Entende-se que a visão dos intelectuais da época sobre esporte, evolução racial e o

equilíbrio mental dos atletas e da população, é uma pauta importante veiculada. O retrato de seu rosto pode ter sido utilizado para apresentar a população um dos principais intelectuais do período e suas convicções sobre o esporte e a saúde.

Nessa perspectiva, Ana Maria Mauad questiona como se pode aprender por meio das imagens?⁵³ Essas dependem de um contexto, e como são fontes, as imagens analisadas expõe anteriormente sujeitos que moldaram os discursos raciais de um Brasil que se firmava ainda como uma unidade nacional. No passado, essas fotografias foram memórias presentes ou narrativas, próxima àqueles que as consumiam, possuíam, guardavam e colecionavam como relíquias, lembranças ou testemunhos.⁵⁴ O historiador investe em sentidos diversos das imagens e as analisa a partir de um propósito e construção de um objeto de estudo específico.

1.2.2 Os corpos morais ostentados pelo Jornal dos Sports: a concepção dos atletas sobre o futebol e a saúde.

Após realizar a análise de fotografias que destacam a figura de médicos e jornalistas como principais figuras do esporte do período, proponho agora realizar a leitura crítica de imagens que apresentam os atletas e as suas atuações no esporte expostas pelo *Jornal dos Sports*, ou seja, pretendo explorar o protagonismo dos esportistas representados pelo periódico. Nesse sentido, a partir do artigo de Ana Maria Mauad “O poder em foco – imagens reservadas de homens públicos, uma reflexão sobre fotografia e representação social”⁵⁵, a autora reflete sobre o poder simbólico através da criação de códigos e comportamentos e de representação social que servem de guia para seus pares de medida para o restante da população⁵⁶, sendo essa uma reflexão a ser feita sobre a exposição desses atletas.

Mauad se atenta sobre como as imagens de homens públicos refletem nos comportamentos sociais e servem para medir o restante da sociedade. Assim, ao expor as imagens dos corpos dos atletas e das práticas esportivas, o *Jornal dos Sports* reforça uma função e dita códigos e comportamentos, sendo esses a suma importância da prática dos esportes para a evolução da raça e da sociedade brasileira. Os atletas evidenciados no

⁵³ MAUAD, Ana Maria . *Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX*. Rio de Janeiro. 2005. Pp. 172

⁵⁴ Ibidem, pp. 172

⁵⁵ MAUAD, Ana M. . O Poder em Foco: imagens reservadas de homens públicos, uma reflexão sobre fotografia e representação social.

⁵⁶ Ibidem, pp. 120

jornal, por meio das imagens, não eram apenas estrelas do esporte, mas um exemplo para a população. Como se observa na matéria publicada pelo *Jornal dos Sports*, no dia 14 de março de 1934:



É lisonjeiro o Estado de Saúde de Victor – Reduzido a um choque sem consequências o acidente com o “gatinho”: O Goal-Keeper Rubro cercado de atenções

O acidente de que foi vítima o excelente arqueiro Victor, por ocasião do treino de domingo último, no América, não teve, felizmente, a gravidade que a princípio aparentava. Socorrido, convenientemente, após o choque, Victor foi recolhido à Casa de Saúde Dr. Francisco Guimarães, a rua Aristides Lobo, 115, onde se encontra. Ontem à noite, o *Jornal dos Sports* foi notificado que o "Gatinho" vem melhorando sensivelmente, apresentando noventa pulsações por minuto e temperatura de 37°. A radiografia feita em Victor naquele estabelecimento hospitalar, não acusou nenhuma lesão. O América tem cercado o seu novo defensor de todo o conforto, encontrando-se sempre um dos seus diretores a cabeceira do popular arqueiro. (JORNAL DOS SPORTS. Edição 00920. 1934)

A matéria publicada pelo periódico destaca o acidente sofrido por Victor, um dos jogadores do América e um dos principais jogadores de futebol do período. O acontecimento preocupou o clube, os torcedores e os fãs do “Gatinho”. Assim como afirma a notícia, o atleta estava recebendo atenções, pois levantou preocupações, mesmo que as consequências tenham sido consideradas leves e pelo fato de não ter sido fortemente lesionado. O América recobrou os cuidados com o esportista, o amparando com as devidas condições.

A imagem, entretanto, apresenta um sujeito de braços abertos, provando sua força, energia e, principalmente, que está saudável. Não se vê fotografias do atleta lesionado no hospital ou com o outro atleta que ele se chocou. Visto que, a narrativa construída pelo periódico e que permaneceu durante o período é a capacidade dos atletas brasileiros de se superarem física e moralmente, independente do que aconteça, já que, são esses os exemplos que a sociedade deveria seguir. A partir do retrato de Victor, o qual destaca sua moral e robustez, percebe-se uma tentativa da imprensa e do estado de moldar e incentivar códigos e comportamentos que incentivem não só os atletas, mas a população a exceder seus limites na busca pela evolução racial e moral.

Dito isso, Mauad analisa em um de seus projetos, os processos de codificação das representações políticas veiculadas pelo Estado, enquanto agência produtora de imagens fotográficas, e pela grande imprensa ilustrada da época, ambos compreendidos como canais de competência para a produção e distribuição do capital simbólico, fundamental

para a legitimação dos campos ideológicos homologadores dos campos políticos.⁵⁷ No sentido do esporte, os periódicos que apresentavam fotografias junto ao governo tinham uma importante função na distribuição de retratos como esse, o qual destaca a figura de um atleta vigoroso e saudável.

O *Jornal dos Sports* destaca principalmente o corpo do atleta, e devemos nos atentar a sua vestimenta, Victor demonstra sua robustez de uniforme, com uma pose que mostra sua energia e capacidade de superar as adversidades como as lesões. Entretanto, há de se analisar e comparar, por exemplo, casos de jogadores negros que ao se lesionarem, são questionados de forma diferente pelo próprio periódico, como se pode observar na matéria publicada em 19 de outubro de 1934:



Domingos afirma que está em condições físicas excelentes e declara-se preparado para jogar o valor do descanso que teve anteriormente queixas de saúde abalada e estava fisicamente abalado

Domingos acentua que se sente bem, como antes. Suas condições físicas são as melhores. Mas..

-Há um mas?

Sorri, mostrando duas fileiras iguais de dentes.

-Estou gripado, explica Domingos. A gripe veio me visitar um dia desses. Uma visita desagradável, hein? Mas, é só isso. Nada do que eu sentia antes, tenho sentido. O descanso fez bem e eu me sinto outro. Como nos meus melhores tempos, sabe?

- Mas seu nome está na lista dos observados pelo Departamento Médico...

- Porque antes eu me queixava de estar com a saúde abalada e realmente estive fisicamente bem abalado com uma contusão, cansado e sem muita vontade de jogar. Tudo passou.

-Você está em forma?

-Em plena forma. Preparado para jogar como antes.

- E o scratch?

- Poderei atuar se precisarem do meu concurso. O que tenho agora é apenas, uma gripe ligeira. Nada para um homem que andou, como eu, quase sem forças para entrar num campo. O que se fazia necessário, era um descanso. Tive a folga e fiquei outro... como naqueles anúncios de remédios. (JORNAL DOS SPORTS. Edição 01051. 1934)

A matéria publicada pelo jornal expõe a volta do jogador Domingos, este apresentou um excelente quadro físico e afirma estar pronto para voltar. O atleta negro, viveu uma situação parecida com a de Victor, entretanto, este não foi questionado de sua

⁵⁷ Ibidem, pp.121

melhora, ele contou com o apoio e com a atenção de seu clube e torcedores e pela fotografia publicada, sua robustez estava mais do que irrefutável. De outro modo, a condição de Domingos é questionada pelo fato de o atleta estar apenas gripado, ademais, o entrevistador ainda cita o departamento médico como um argumento de que há possibilidades de o esportista não está no seu melhor momento. Por fim, perguntam se este está em forma, e, novamente, ele afirma ser uma nova pessoa, após o descanso.

Na fotografia, Domingos aparece de terno, segurando um chapéu, com a feição fechada e com boa postura, como se precisasse provar que, além de saudável, estava apto para fotografar e que era um sujeito moral. O entrevistador o questiona o atleta como se duvidasse de sua capacidade, o que não foi feito com o atleta Victor, anteriormente. Dessa forma, nessa matéria pode-se observar o racismo presente nas páginas do jornal, em forma de desconfianças. Ademais, a fotografia pode despertar diferentes impressões e sentimentos, como por exemplo, que o atleta tivesse que se redimir por se lesionar, e provar publicamente que estava capacitado para retornar às suas atividades. Além disso, é interessante, questionar o apoio, a atenção e o suporte que o esportista recebeu, enquanto estava se recuperando.

Nesse cenário, é evidente a necessidade dos atletas, principalmente, os esportistas negros, de se comprometerem com a saúde e a moralidade. Uma vez que o esporte é o principal meio de fortalecer o físico e até mesmo o espírito. Como pode-se observar em outra matéria publicada pelo *Jornal dos Sports*, no dia 5 de fevereiro de 1932, que inicialmente destaca Velloso, jogador de futebol do Fluminense.



Em oportunnissima entrevista ao *Jornal dos Sports*, Velloso Manifesta-se favorável a continuação da presente lei de Estágio⁵⁸. As Razões que levam o keeper tricolor a pensar desse modo. Velloso é uma das expressões mais brilhantes do nosso futebol. Autêntico na posição que ocupa, conforme tem provado nos embates mais importantes, Velloso forma, também, entre os nossos amadores de verdade, desses que praticam o association como um meio de fortalecer o físico e alegrar o espírito. (JORNAL DOS SPORTS. Edição 00280. 5 de fevereiro de 1932)

⁵⁸ Considerada em vários títulos de matéria do *Jornal dos Sports*, como uma lei ingrata para os jogadores e que irá produzir maus frutos no futuro. A lei de Estágio prevê um estágio necessário para jogar nos principais jogos. E sob o pretexto de obstar que esses elementos percam a forma, obriga-os a jogar um ano a fio ao lado dos principiantes o que eu equívale a condená-los a assimilar todos os vícios destes, sem a desejável reciprocidade.

O atleta é visto como um exemplo vigoroso e saudável, que fortalece seu físico e seu espírito. Assim, o *Jornal dos Sports* noticia novamente a relação entre os esportes e a saúde, moral e física. Além disso, o retrato exposto de Velloso, exhibe apenas o seu rosto, com uma feição séria e sendo ele, um exemplo a ser seguido, não apenas dentro dos campos de futebol mas também com seus ideais apresentados em sua entrevista.

Por mais que a matéria relacione a saúde e o esporte, é inegável que o posicionamento crítico de Velloso também é revelado e valorizado pela imprensa. Isso pois, o atleta dispensa seus interesses e defende o amadorismo do futebol, para manter a ordem e evolução do esporte. Ou seja, ele defende que movimentos “borboletas” ou a organização de esportistas que reivindicam o fim do amadorismo e amplas liberdades sejam descartados em prol do desenvolvimento do esporte. Assim, o esporte e a saúde devem vir antes de qualquer forma de contestação, como Velloso afirma “vale a pena esse sacrifício, uma vez que ele redundará em benefício da coletividade, isto é, do alevantamento moral do esporte”⁵⁹.

Assim, percebe-se uma possível tentativa do *Jornal dos Sports* de apresentar as ideias de Velloso e o aproximar da sociedade como um exemplo do esporte e figura nacional, já que este defende o esporte em benefício do físico e do espírito, argumentando que seus ideais são pela coletividade. Na entrevista, a moralidade também é um dos fundamentos do atleta para defender a prática esportiva, o que evidencia que o periódico não apenas valoriza corpos saudáveis, morais e ordenados, mas também aprecia e difunde certos códigos e comportamentos desses atletas. Em muitos casos, não é exposto o físico desses esportistas, apenas o rosto, mas questiono quais são as razões do jornal de escolher retratar rostos, quando a notícia se trata de condutas e ideais e corpos, quando a matéria é sobre lesões ou saúde, que exaltem os músculos e o vigor dos esportistas.

Após realizar uma análise a cerca dos corpos morais masculinos e do incentivo aos esportes em prol da saúde e da ordem no país, pretendo refletir a cerca de mulheres no esporte, e a importância da eugenia nessas atividades.

⁵⁹ *Jornal dos Sports*. Edição 00280. 1932

1.3 As mulheres no esporte: as razões e os deveres dessas no esporte de acordo com as políticas eugenistas.

Desde a Proclamação da República e durante as primeiras décadas do século XX, havia uma iniciativa das instituições políticas de definir os papéis dos homens e mulheres para que se concretizasse o progresso e o desenvolvimento do país. Nesse sentido, as mulheres teriam como principal função a maternidade, visto que essas eram responsáveis pela formação moral dos futuros cidadãos do país. Nesse sentido, a historiadora Rachel Soihet, em sua obra *Violência Simbólica – saberes masculinos e representações femininas*⁶⁰, expõe como a medicina da época determinava por razões biológicas as características femininas relacionadas à fragilidade, ao recato, as faculdades afetivas sobressaindo as intelectuais e destaca principalmente a vocação materna, tais perspectivas são exemplos de uma modalidade de violência simbólica⁶¹, a qual é desenvolvida pela autora ao decorrer de sua obra.

Soihet evidencia o quanto a educação durante a primeira metade do século XX, era um dos principais veículos de difusão da violência simbólica, já que contribuiu inegavelmente para a inscrição das representações da inferioridade feminina nos “pensamentos e nos corpos de umas e de outras”⁶². Além disso, o discurso sobre o comportamento ideal feminino a ser lapidado pela educação é difundido por diferentes instituições da época, como a literatura e a imprensa, esta atuando de diversas formas por meio dos folhetins, crônicas ou piadas⁶³, por exemplo.

Assim, faz-se fundamental observar como são retratadas as mulheres cotidianamente nos jornais do período, não so em crônicas ou piadas, e, principalmente, quem eram essas mulheres, quais eram suas condições sociais, econômicas, físicas, raciais, se eram estrangeiras ou brasileiras e porque estavam “se apoderando” de atividades ocupadas pelos homens. Isso porque quando se manuseia o *Jornal dos Sports* é evidente a quantidade marjotitária de notícias que abordem *sportsman* e equipes masculinas da época, nesse sentido, qual seria então a motivação de publicar matérias que exibem as mulheres no esporte?

⁶⁰ SOIHET, Rachel. *Violência Simbólica. Saberes Masculinos e Representações Femininas*. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 7, jan. 1997. ISSN 0104-026X. Disponível em: . Acesso em: 04 abr. 2016.

⁶¹ Ibidem, pp.4

⁶² Ibidem, pp.8

⁶³ Ibidem, pp.11

Além disso, assim como as políticas eugenistas eram utilizadas para justificar as práticas do esporte masculino em prol do desenvolvimento da raça, a eugenia também fará parte do discurso nas habilidades esportivas femininas. Visto que, o esporte também era uma das alternativas de ordenar e tornar moral e belo os corpos femininos, os quais conceberiam as próximas gerações do Brasil, as quais necessitavam ser mais evoluídas fisicamente e racialmente. Como pode-se observar na matéria exposta pelo *Jornal dos Sports*, no dia 28 de junho de 1931:

Demonstrando o progresso acentuado do esporte feminino no Brasil!



Legenda: A beleza, a elegância e a saúde esplendem desses grupos, que fizeram ontem soberbas demonstrações de ginásticas. (JORNAL DOS SPORTS. Edição 00091. 28 de junho 1931)

Em princípio, a partir da legenda, constata-se a relação entre beleza, elegância e saúde, sendo essas peculiaridades que toda mulher de moral deveria ter e manter, seja no vôlei, na ginástica ou no tênis. Assim como se afirma na matéria “no Brasil, a mulher já aperfeiçoa o seu físico praticando o esporte em suas variadas modalidades”⁶⁴, provando uma postura do *Jornal dos Sports* de estimular as práticas esportivas entre as mulheres.

O objetivo dessas atividades se assemelhava com o desempenho esportivo masculino: o desenvolvimento e aperfeiçoamento do físico e da raça. Entretanto, percebe-se uma diferença inquestionável, já que a competitividade é pouco explorada e estimulada no esporte feminino. Visto que, de acordo com a notícia os resultados não foram computados, pois o objetivo era somente de “exibir o preparo e a técnica das jovens tenistas.”⁶⁵ A finalidade principal, era celebrar as habilidades físicas dessas mulheres e evidenciar o progresso dessas nas práticas esportivas, enquanto essas festejavam com suas famílias.

⁶⁴ Jornal dos Sports. Edição 00091. 1931

⁶⁵ Jornal dos Sports. Edição 00091. 1931

Na fotografia, nota-se um grupo de mulheres com as mesmas vestimentas, a maioria com um semblante alegre, o qual condiz com a festa realizada no estádio do Fluminense F.C. Na imagem as mulheres exibem sua saúde, beleza e vivacidade, essas exaltam com alegria o desenvolvimento esportivo feminino e o trabalho realizado em equipe nos esportes coletivos como o voleibol. Desse modo, percebe-se que a cultura física e a eugenia se mantêm nesses discursos e ideais também no esporte feminino, como nota-se também na notícia publicada pelo *Jornal dos Sports*, no dia 5 de setembro de 1931:



Os benefícios da cultura física feminina: O que disse a *Jornal dos Esportes* mistress Yola Pabl, professora inglesa.

Acha-se esta capital, tendo viajado pelo Highland Prince, a sra. Lola Pabl, a professora de ginástica plástica e de cultura física feminina, na qual, contratada pela Companhia Brasil Cinematográfica vai, aqui, realizar várias exibições de sua especialidade, bem como de bailados acrobáticos e de força, a exemplo do que tem feito nos teatros Schubert, de Nova York, Folies Bergères, de Paris, Impire, de Londres e no Casino de Buenos Aires, onde teve grande êxito. A senhora Yola Pabl, que é húngara de nascimento, porém educada na Inglaterra é, também jornalista, pois traz credenciais da revista "The Dance", de Londres, para onde vai mandar vários tratados sobre o que tem observado no Brasil, sobre cultura física feminina. Da Argentina, de onde procede, a Sra. Yola trouxe excelentes impressão. Tendo no discurso da palestra que entreteve conosco declarado que a mulher está, agora conquistando o seu lugar ao sol, não pelas reivindicações políticas ou pessoais, mas pela eugenia e cultura do corpo, base da saúde e da fortaleza da raça. A época do colorido artificial do rosto, dos postiços para suprir as deficiências de sangue e de tecidos naturais acabou. A mulher, com o abandono do "corset", dos vestidos apagados e dos sapatos de salto alto, bem como das vastas e compactas cabeleiras, ganhou uma grande batalha, a maior, talvez de todo o período da evolução feminina, vitória que será assegurada com a cultura física que está sendo, já, praticada pelas mulheres das cinco partes do mundo. Mistress Yola, segundo nos disse, pretende visitar as escolas de educação física, tais como as do botafogo, fluminense e, também declarou ter um intenso desejo de dançar o "maxixe" brasileiro e não o estilizado e isso por ter sabido, que, nessa dança, há um motivo digno de estudo pelos que se dedicam a educação física e a ginástica plástica. (JORNAL DOS SPORTS. Edição 00150. 5 de setembro 1931)

Na fotografia, destaco a figura da professora de ginástica Yola Pabl, que viajou para o Brasil com o objetivo de realizar exibições de sua especialidade. A estrangeira nascida na Hungria e criada na Inglaterra está retratada no jornal com uma postura elegante e voluptuosa, com um vestido longo e um semblante sério, o que demonstra o progresso da cultura física feminina.. A partir da matéria, é evidente a influência da professora em diferentes países, inclusive, na Argentina e no Brasil, já que ela é um dos

grandes exemplos de superação e progresso do esporte, além de ser um símbolo de beleza e delicadeza.

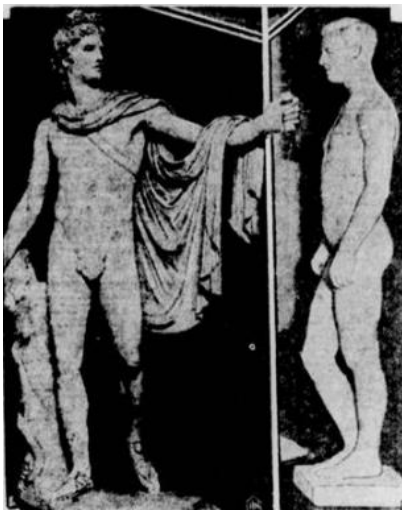
Entretanto Yola Pabl indica o principal motivo do desenvolvimento e do aperfeiçoamento das mulheres nas atividades esportivas, ao afirmar que as mulheres estão “conquistando o seu lugar ao sol, não pelas reivindicações políticas ou pessoais, mas pela eugenia e cultura do corpo”⁶⁶. Dessa forma, Pabl evidencia e propaga o quanto a eugenia e a medicina social da época influenciaram nas práticas esportivas femininas, sendo essas executadas apenas para aperfeiçoamento da raça, visto que, as mulheres ainda eram classificadas como indivíduos afetivos e pouco racionais, essas deveriam cultivar os corpos belos, harmoniosos e saudáveis, sendo a eugenia a principal ferramenta desse movimento.

Ela ainda justifica que o abandono de antigos acessórios utilizados pelas mulheres como o corset, vestidos apagados e salto alto deu local para novas batalhas como “talvez de todo o período da evolução feminina, vitória que será assegurada com a cultura física que está sendo, já, praticada pelas mulheres das cinco partes do mundo”⁶⁷. Por fim, Yola Pabl ainda se compromete em visitar os colégios de educação física do Rio de Janeiro, instituições que estão diretamente relacionadas com o discurso eugenista do período.

A eugenia estava infiltrada nos discursos, no esporte, na saúde e no comportamento da sociedade brasileira, essas políticas tinham que moldar o cidadão, torná-lo moral e evoluído racialmente. Em razão de, como já discutido, anteriormente, a preocupação de uma possível degeneração da população desagradava a elite e os homens da ciência do período, que nutriam uma aspiração do desenvolvimento esportivo e racial. Assim, congressos de eugenia, que aconteciam em todo o mundo, influenciavam fortemente o Brasil, no sentido de ditar o belo e o moral, tanto para os homens, quanto para as mulheres. Como percebe-se na matéria publicada pelo *Jornal dos Sports*, no dia 17 de setembro de 1932:

⁶⁶ *Jornal dos Sports*. Edição 00150. 1931.

⁶⁷ *Jornal dos Sports*. Edição 00150. 1931



A raça humana está decaindo – Assim se disse no congresso de eugenia, após a 10 olimpíada.

Nova York, setembro – Revelada, logo depois do êxito extraordinário que tiveram os Jogos Olímpicos, realizados em Los Angeles, a declaração feita no Terceiro Congresso Internacional de Eugenia, de Nova York, de que a raça humana está decaindo, causou uma verdadeira surpresa. Comparações, sempre permissíveis, foram feitas por cientistas entre o modelo do deus grego Apolo e um tipo considerado bom, do “homo americanos” atual, representando, em gesso, as medidas médias de 100.000 veteranos do exército americano da grande guerra. Dizem os técnicos que o modelo do Apolo clássico tem os seus defeitos atléticos, embora seja, em conjunto uma bela figura, os ombros são um tanto estreitos e a espinha dorsal não tem o desenvolvimento que deveria ter. Por sua vez, o modelo de gesso do “homo americanos” ideal apresenta desenvolvimento exagerado do abdômen, como podemos notar pela estatua da direita. O que não existe no modelo grego. Se o modelo grego tem um peito mais belo e mais amplo e pernas mais sólidas, o modelo atual apresenta a vantagem, que não se pode negar, de conseguir, de ano para ano, maiores recordes em corrida, em salto, em natação e em mergulho. Por conseguinte, não podemos dizer que a raça humana esteja decaindo, como sustentou um grupo de cientistas no Terceiro Congresso Internacional de Eugenia. O modelo grego, do IV século antes de Cristo, tem mais belo aspecto que o modelo do século XX, da nossa era, mas, sem dúvida alguma o modelo atual é mais rápido, mais resistente e mais tenaz. (JORNAL DOS SPORTS. Edição 00467. 1932)

Embora o *Jornal dos Sports* tenha optado por utilizar corpos masculinos em sua matéria, evidencio a presença do “Deus Grego Apolo” de um lado e o “Homo Americanos” do outro. O primeiro, seria aquele ideal do belo, robusto, saudável, enquanto o segundo apresenta características diferentes demonstradas na publicação do periódico, tendo o abdômen exagerado, por exemplo. Além disso, destaco o título da notícia “A raça humana está decaindo”, sendo que esse era um dos principais assuntos do congresso de eugenia que ocorreu pós-olimpíadas e uma das principais preocupações dos homens da ciência não apenas no Brasil, mas no mundo. Entretanto, essa ideia não é um consenso na comunidade científica da época, como o próprio jornal demonstra, mas é uma tese estável sustentada por um grupo de cientistas.

Por fim, observa-se a necessidade de associar o ideal grego com as políticas eugenistas durante a primeira metade do século XX. Além disso, o discurso e o

comportamento do belo não era extremamente estimulado entre as mulheres, como verifica-se na notícia publicada pelo *Jornal dos Sports*, no dia 12 de junho de 1932:



Lydia Von Lhering, a candidata gentilíssima dos rubro negros.

Em torno da candidatura da galante senhorita Lydia Von Lhering, congregaram-se, desejos de mais uma brilhante vitória, todos os “flamengos”. Com um esforço magnífico e com a contribuição valiosíssima do prestígio da sua vivaz e inteligente candidata, O Flamengo, conseguia ver lindamente triunfante nas votações, o nome da senhorita Lydia Von Lhering. A candidata do glorioso Flamengo dispõe de méritos invejáveis, que justificam perfeitamente a esplêndida votação obtida. E uma ardorosa sportswoman entusiasta praticante de natação, remo, tênis, basketball e voleibol e etc., Fala corretamente três línguas e dispõe de um físico impressionante em que a graça e a beleza se aliam. (JORNAL DOS SPORTS. Edição 00386. 12 de junho 1932)

A atleta Lydia Von Lhering do Flamengo é destaque do *Jornal dos Sports* devido ao seu prestígio, vivacidade e inteligência, a *sportswoman* apresentava domínio em diferentes modalidades como natação, remo, tênis, basquete e vôlei. Além disso, a esportista possuía habilidades intelectuais, falando três idiomas e tendo um “físico impressionante”⁶⁸.

Von Lhering é retratada com graça e beleza, não apenas na matéria publicada, mas também da forma que está exposta no jornal, ela está usando vestimentas esportistas com um dos seus braços para trás e sorrindo, demonstrando uma postura graciosa, e sendo elogiada não apenas por seu esforço e progresso no esporte, mas pela sua beleza, sendo essa uma característica pouco explorada e evidenciada nas matérias que mencionam os homens durante esse período. Ou seja, sobressaindo novamente, o ideal da mulher delicada, harmoniosa e bonita, enquanto os *sportsman* são aqueles robustos, competitivos e resilientes.

⁶⁸ *Jornal dos Sports*. Edição 00386. 1932

CAPÍTULO II - Amadorismo x Profissionalismo: a mobilização de jogadores e árbitros descritos na luta pela regulamentação do futebol.

2.1 O amadorismo x profissionalismo: o duelo da regularização e profissionalização do futebol.

O processo de profissionalização do futebol brasileiro foi gradativo e prolongado, já que envolveu diferentes sujeitos da sociedade brasileira, e estava inserido em um contexto de transformações socioeconômicas. A década de 1930 foi marcada pela vitória coletiva dos movimentos operários que desde 1917 se mobilizava visando melhores condições de vida e de trabalho, além disso, os grupos políticos aspiravam por uma rápida urbanização e industrialização nas grandes cidades, principalmente, na capital do país, o Rio de Janeiro. Nesse sentido, o futebol está imerso a essa realidade e experienciou todas essas transformações, visto que, o início de sua prática, por volta dos anos de 1894 era um esporte praticado por uma elite brasileira e era considerado um passatempo, e durante os anos tornou-se um fenômeno no país.

Anteriormente a popularização desse esporte e das grandes ligas esportivas criarem campeonatos nacionais e estaduais, era comum a prática do futebol por parte de operários e trabalhadores de outros setores. O historiador Leonardo Affonso de Miranda Pereira, em sua tese de doutorado, *Footballmania*⁶⁹, discute em um de seus capítulos “Os trabalhadores da bola” a tendência de jogadores/operários e a relação construída entre o empresariado brasileiro e o esporte, o qual anteriormente não era acessível para uma grande parcela da população.

Os trabalhadores passaram a fazer parte dos centros esportivos e os patrões apoiavam financeiramente essas associações. Dessa forma, o futebol seria introduzido a essa classe trabalhadora como uma opção de lazer, praticada também aos finais de semana. Assim, os clubes estabeleciam com as companhias empresariais, uma espécie de quintal da fábrica⁷⁰, eram construídos pequenos estádios próximos às fábricas, as quais em diversos casos cediam o terreno, forneciam uniformes, equipamentos desportivos e qualquer outro instrumento que o clube precisasse.

Pereira evidencia a formação de uma relação dos clubes operários com as fábricas, e nesse sentido uma relação política e de controle que os dirigentes empresariais exerciam

⁶⁹ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

⁷⁰ *Ibidem*, pp. 256.

sobre esses clubes e conseqüentemente sobre os jogadores, os quais também eram seus empregados. Era recorrente que os presidentes ou membros da diretoria dos clubes fossem diretores, ou gerentes das indústrias, assim esses obtinham maior controle sobre a disciplina tanto do corpo dos atleta, quanto da produtividade desses operários. Nesse sentido, foi idealizado aquele ilusório discurso de que o futebol aproximaria pessoas de diferentes classes sociais, assim como afirma Pereira:

Criando laços e identidades entre trabalhadores e patrões, o esporte teria para muitos o poder de dissolver diferenças e contradições que os separavam, criando entre eles uma imagem fraterna e amigável [...] os operários são tão unidos e pacatos que têm o seu clube, o seu teatro, a sua banda de música, o seu campo de futebol, pareciam imunes aos distúrbios sociais. (PEREIRA, 2000)

Destaca-se o quanto era importante para os empresários e patrocinadores das agremiações esportivas, que os trabalhadores tivessem um posicionamento passivo e pacífico, e nem mesmo participassem de manifestações políticas. Ou seja, membros da elite acreditavam que o futebol seria uma alternativa para manter os jogadores-operários sob controle e afastados dos movimentos operários. Dessa forma, os clubes de fábrica se tornaram comuns e criou-se uma tradição de futebol amador, no qual esses deveriam informar o retorno dos investimentos feitos pelos empresários nas agremiações, estabelecendo assim uma relação política e mercantil.

Ademais, é necessário evidenciar que o incentivo do futebol entre os operários seria uma forma de domesticar seus corpos para o trabalho fabril, assim como argumenta Fátima Martin Rodrigues Ferreira, em *O futebol nas fábricas*⁷¹. Era de suma importância que os amadores se identificassem com o clube e uns com os outros, evitando não só conflitos no ambiente do trabalho, mas também promovendo a disciplina entre esses. O objetivo comum dos donos de fábricas era que os clubes operários conquistassem vitórias e campeonatos, tornando-se um orgulho para as empresas e trazendo retornos financeiros para essas.

Como o esporte ainda não era profissionalizado oficialmente, os clubes ligados às indústrias, montavam equipes competitivas e técnicas e ofereciam remunerações especiais aos seus jogadores de destaque, o que fomentava ainda mais disputas por posições entre os trabalhadores. Assim, o cenário era de operários/jogadores que faziam

⁷¹ ANTUNES, Fatima Martin Rodrigues Ferreira. O futebol nas fábricas. Revista USP. São Paulo, v. 22, p. 102-109, 1994.

testes para os grandes clubes, e se dedicavam às fábricas durante a semana e ao futebol nos finais de semana⁷², entretanto, apenas uma pequena parcela conseguia preencher as posições nos grandes times.

Dessa forma, a realidade da maioria dos atletas/operários era a dupla jornada de trabalho, a primeira nas fábricas e a segunda se dedicando ao futebol, porém, não eram remunerados, e tinham pouca ou quase nenhuma cobertura médica, caso se lesionassem durante essa prática desportiva. Fazendo com que muitos jogadores tentassem se transferir para clubes de outros países que já haviam aderido à profissionalização.

Ademais, ao contrário da forma que os movimentos militantes da época, descreviam o futebol, sendo esse um instrumento de alienação que distraia os operários das causas e das lutas trabalhistas, e em diferentes casos tratavam esses trabalhadores como conformados e sem consciência de classe. Nesse sentido, parte dos grupos militantes se recusavam a analisar o significado complexo, simbólico, ideológico e socioeconômico que o futebol representava para os trabalhadores, que em muitos casos, interpretavam o futebol não só como lazer, mas como oportunidade de melhorar sua condição financeira, tendo uma ascensão econômica em clubes internacionais.

Entretanto, gradativamente, os sócios desses novos grêmios iam fazendo do futebol um meio de criar redes de solidariedade mais claras entre os companheiros de ofício⁷³. Superando assim desavenças, os adeptos do jogo dentro da fábrica expressavam, para além de suas diferenças, uma identidade que tinha no futebol um meio eficaz de efetivação. Nesse cenário, pouco a pouco, houve uma consolidação de uma clara identidade entre os trabalhadores, sejam do mesmo ramo, ou de áreas diferentes, o surgimento de clubes esportivos proletários é um dos grandes exemplos dessa articulação operária.

Esses novos clubes assumiram um papel de autênticas associações operárias, construíram entre si redes de solidariedade, que as faziam se reconhecerem como iguais⁷⁴. Tal acontecimento fez com que alguns grupos militantes que criticavam o esporte e o tratavam como um instrumento alienante da elite, passassem a ver o jogo da bola de forma mais ampla e complexa, o esporte poderia ser uma das alternativas de aproximar

⁷² Ibidem, 108

⁷³ PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. *Footballmania: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. Pp. 264.

⁷⁴ Ibidem, pp. 275.

trabalhadores que não estavam inseridos nas discussões políticas de seu movimento. Assim, a criação de clubes proletários era um afronte para os clubes ligados às fábricas, os quais defendiam os interesses dos patrões e patrocinadores, e visavam o retorno financeiro somente para esses grupos.

Ademais, havia um certo temor dos grandes clubes de futebol de que o movimento grevista alcançasse os jogadores de futebol, da mesma forma que atingiu operários de todos os setores no Brasil desde 1917. Já que, os atletas, também eram operários, ao disputarem campeonatos, comparecendo aos treinos e se dedicando ao esporte durante os dias de folga, estavam trabalhando, mesmo que esse ainda não recebesse remunerações e proteções trabalhistas.

O futebol assume variados significados para cada um de seus participantes, é uma prática intensa, complexa e que dialoga com diferentes grupos e atinge diversos sujeitos, ele é feito de sonhos, projetos, esperanças e sentidos⁷⁵. Por isso, a profissionalização dessa atividade foi lenta e gradativa, houve disputas políticas, por grupos que desejavam sua regulamentação e outros que acreditavam que o amadorismo era o único caminho possível. Assim, oficialmente, o futebol tornou-se profissional no ano de 1933, mas antes ocorreram mobilizações de diferentes grupos ligados ao esporte, tanto por parte de jogadores, quanto de juizes.

Nesse sentido, Eduardo de Souza Gomes, em seu trabalho “História comparada do esporte na América Latina: um olhar para a profissionalização do futebol no Brasil (1933-1941) e na Colômbia (1948-1954)”⁷⁶, argumenta que após 1933, o esporte estava em um livre regime, ou seja, era admitido tanto para profissionais, quanto para amadores. Gomes evidencia a existência de uma disputa política que pairava sobre o esporte, no sentido de organizações e entidades que visavam o controle de campeonatos e qualquer decisão que envolvia essa prática.

Outrossim, o autor menciona a rivalidade criada entre a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) e a Federação Brasileira de Futebol (FBF), a primeira aspirava manter sua influência e o esporte no estilo amador, enquanto a segunda desejava o poder das decisões que envolvia o esporte e transformar o futebol amador em profissional.

⁷⁵ Ibidem, pp. 283.

⁷⁶ GOMES. Eduardo de Souza. História comparada do esporte na América Latina: um olhar para a profissionalização do futebol no Brasil (1933-1941) e na Colômbia (1948-1954). Anpuh. Rio de Janeiro. 2014

Gomes constata que a profissionalização dessa prática é fundamental para a consolidação dessa atividade corporal como um esporte popular no Brasil.

Visto que, a profissionalização envolveu mudanças nas relações sociais, no cenário econômico, cultural e político dos clubes envolvidos no processo de regulamentação dessa profissão. Como afirma o autor:

A aceitação do público em relação à nova esfera que o futebol agora profissional se encontrava, a aceitação do processo de profissionalização pelos outros estados que compõem o Brasil e a formação de um esporte espetáculo, são fatores primordiais para pensarmos a realidade social brasileira do período abordado e como o profissionalismo foi importante para consolidar o futebol como uma cultura nacionalista no Brasil. (GOMES, 2014)

Assim percebe-se a importante função do futebol profissional para o desenvolvimento de uma identidade nacional e para o desenvolvimento dessa nação, já que o esporte era visto como um símbolo da civilização europeia e possibilitava o engrandecimento da raça. Entretanto, mesmo depois da profissionalização ser oficializada em 1933, o embate permanecia, visto que parte da elite argumentava que esse esporte teria como função aperfeiçoar a raça, portanto, não era certo que nenhum grupo, seja jogadores, técnicos, dirigentes ou juízes, ganhassem remuneração com essa prática.

Independente da prática profissional ou amadora, o futebol já era uma atividade que representava um novo segmento da economia, visto que, as atividades esportivas contribuíram para a indústria do entretenimento. Nesse sentido, João Manoel Malaia em seu artigo “O processo de profissionalização do futebol no Rio de Janeiro: dos subúrbios à Zona Sul. A inserção de negros, mestiços e brancos pobres na economia da Capital Federal (1914-1923)”⁷⁷ evidencia que mesmo antes da oficialização da profissionalização do esporte, ele exercia um papel importante no setor da economia, à medida em que ia se popularizando.

Visto que, com a industrialização das grandes cidades, no início do século XX atraiu um número considerável de trabalhadores para as zonas urbanas, conseqüentemente, houve um aumento do mercado consumidor e a renda nos estádios em consonância e gradativamente o esporte deixou de ser exclusivo da camada dominante, e os trabalhadores assalariados buscavam mais momentos de lazer, seja assistindo, seja

⁷⁷MALAIÁ, João Manoel. O processo de profissionalização do futebol no Rio de Janeiro: dos subúrbios à Zona Sul. A inserção de negros, mestiços e brancos pobres na economia da Capital Federal (1914-1923). Leituras de Economia Política, Campinas, (13): 125-155, jan./jul. 2008.

praticando futebol. Nesse sentido, essa prática já era uma atividade econômica, o esporte já era profissional, só os seus principais artistas que não eram remunerados, devido a um esforço da elite brasileira.

Como já discutido anteriormente, além dos operários/jogadores, foi se formando um grupo de jogadores de futebol com mais tempo e disposição para se dedicar exclusivamente ao esporte. Tais clubes eram mais pobres e tinham mensalidades com baixos custos, tais jogadores trabalhavam informalmente, com bicos e trabalhos temporários, eles se associavam aos clubes, visando o aperfeiçoamento de suas técnicas, e, posteriormente, eram procurados pelos grandes clubes do Rio de Janeiro e São Paulo. Tal mecanismo foi considerado a fase inicial do profissionalismo no Brasil.

A profissionalização do futebol brasileiro se deu em um momento de expansão industrial das grandes cidades, e os times dessas precisavam uns dos outros para organizar campeonatos, e as entidades com maior poder político ficariam responsáveis por organizar as regras e os regulamentos do esporte. Ademais, com o desenvolvimento e a popularização do futebol, surgiam lojas de material esportivo, ferrovias e bondes dobravam o número de seus passageiros em horários ociosos para levar esses torcedores aos estádios, os clubes começaram a se tornar cada vez maiores e a expandir sua renda.

Os periódicos da época também ganharam mais leitores interessados em notícias esportivas, foram criados jornais específicos que tratassem apenas dessa temática e como já mencionado e discutido anteriormente, o *Jornal dos Sports* era uma das gazetas com maior circulação no país devido a sua ampla cobertura esportiva. Esse, assim como outros informativos da época como o *Jornal do Brasil* tiveram influência na difusão de ideais políticos que envolvessem o esporte e na consolidação de um campo em meio as suas disputas⁷⁸.

Nesse sentido, no trabalho de Maurício Drumond “A política do jornalismo esportivo: o *Jornal do Brasil* e o *Jornal dos Sports* no dissídio esportivo dos anos 30”⁷⁹, o historiador discute cuidadosamente a diferença de enfoque com que diferentes jornais lidavam com o mesmo assunto, nesse caso, a luta pela profissionalização do futebol.

⁷⁸ DRUMOND, Maurício. *A política do jornalismo esportivo: o *Jornal do Brasil* e o *Jornal dos Sports* no dissídio esportivo dos anos 30*. Pp. 1.

⁷⁹ DRUMOND, Maurício. *A política do jornalismo esportivo: o *Jornal do Brasil* e o *Jornal dos Sports* no dissídio esportivo dos anos 30*. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009.

Entretanto, essa temática é muito mais complexa e abrangente do que o debate entre amadorismo x profissionalismo, isso pois as entidades criadas que defendem seja a regulamentação ou não do esporte, buscam primordialmente a hegemonia do controle do esporte brasileiro⁸⁰.

Assim, é evidente que a disputa entre o profissionalismo, é, primeiramente, política, envolvendo diferentes grupos de diferentes classes sociais, sejam os trabalhadores da bola e os juízes, ou a própria elite, representada pelos dirigentes dos clubes e das entidades criadas. Os artistas do jogo, como ainda não eram remunerados, recebiam prêmios por jogos disputados, o que tornou ainda mais acirrada a competitividade entre eles em busca por posições e frequências nos torneios. Tal estratégia foi utilizada pelos grandes clubes brasileiros para retrazar o processo da profissionalização, conceituada como amadorismo marrom, ou semiprofissionalismo, conforme Franco Junior⁸¹ demonstra:

Cada vez era mais frequente os jogadores receberem uma premiação, desde 1923 chamada de “bicho” – como o futebol era oficialmente amador, os comerciantes portugueses torcedores do Vasco recompensavam com uma vaca inteira as vitórias sobre o América, campeão do ano anterior, enquanto derrotar o Flamengo, campeão de 1920 e 1921, valia uma vaca de três pernas, o Fluminense duas ovelhas e um porco, e assim por diante. (2007, p.72)

Desse modo, essa forma de remuneração também era uma tentativa dos clubes de atrair jogadores pobres para melhorar suas equipes.⁸² Entretanto, o processo de profissionalização desenrolou-se em outros países, não apenas na Europa, mas na América do Sul, a Argentina e o Uruguai, por exemplo iniciaram essa transição em 1930 e, gradativamente, o êxodo de jogadores brasileiros para o exterior tornou-se comum e a regulamentação do futebol como profissão passou a ser considerada por alguns grupos como a única forma de modernizar o futebol brasileiro.

Esse embate político envolvendo diferentes associações como a Confederação Brasileira de Desportos (CBD) e a Federação Brasileira de Futebol (FBF) foi noticiado por periódicos como o *Jornal do Brasil* e o *Jornal dos Sports*, o primeiro, alinhava-se com os ideais da CBD, justificando em algumas de suas matérias que a FBF buscava se

⁸⁰ Ibidem, pp. 8.

⁸¹ FRANCO JÚNIOR, Hilário. A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade / Hilário Franco Júnior. – São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

⁸² PINHEIRO, Caio Lucas Moraes. *Futebol de categoria e futebol suburbano: o amadorismo marrom e a segregação socioespacial no futebol cearense*. ANPUH. Natal. 2013.

beneficiar com o profissionalismo, enquanto o segundo justificava seu apoio a entidade FBF, pois se pensava que a partir do profissionalismo o esporte brasileiro triunfaria. Desse modo, essa disputa transferiu-se também para as folhas dos jornais, as quais seus leitores acompanhariam, posteriormente.

O *Jornal dos Sports*, ao demonstrar seu apoio a regulamentação do futebol como profissão, também realiza partidárias decisões veladas a favor das entidades que já haviam aderido ao profissionalismo em São Paulo e no Rio de Janeiro, noticiando em suas primeiras páginas times que aderiram ao novo regime, como Corinthians em São Paulo, e Fluminense, Flamengo e Vasco no distrito federal. Como argumenta Drumond:

Ainda que de forma mais velada, é possível ver no *Jornal dos Sports* sua predileção pela liga especializada. O destaque dado cotidianamente aos dois campeonatos organizados simultaneamente pela Amea e pela LCF demonstra a posição do jornal. Se por um lado o *Jornal dos Sports* destinava a maior parte de suas manchetes de primeira página aos times da LCF – Flamengo, Fluminense e, até 1935, Vasco da Gama –, por outro o *Jornal do Brasil* dava uma cobertura muito mais ampla aos jogos organizados pela associada regional da CBD, como Botafogo e Olaria, Andarahy e Cocotá, Portuguesa e Mávilis (DRUMOND, 2009)

Desse modo, o autor evidencia que a imprensa esportiva é feita a partir de um olhar historicamente situado e com um ponto de vista específico⁸³, ou seja, de uma determinada posição social e com a intenção de atingir um público característico. Posto isto, proponho analisar algumas matérias expostas pelo *Jornal dos Sports* que tratam da temática da profissionalização, e posteriormente, a reflexão das fotografias publicadas por ele.

Assim como se observa na edição 00786 datada em 1 de outubro 1933:

Um problema a resolver: o profissionalismo, evidentemente, veio exigir de nossos clubes principais de futebol uma solução imediata para o problema complicado que o falso amadorismo não pode resolver, qual seja o das direções técnicas das equipes portanto, de seu preparo, toda essa sarabanda de jogadores que saem e entram e que são experimentos e depois postos à margem, toda essa irregularidade de quadros que um dia se exibem bem para no outro se ofuscarem na mediocridade, enfim, essa indisciplina que origina as suspensões de jogadores, toda essa consequência de desastres provem, não há dúvida, das direções técnicas. Por isso urge que os clubes cuidem de dar as suas equipes diretores, treinadores e técnicos capazes de satisfazerem aos clubes e atendem as necessidades do preparo dos jogadores. Quando os clubes deliberarem adotar esse programa terão solucionado, a contento, o grande problema. Do contrário continuarão a sofrer as alternativas de subir e descer no

⁸³ DRUMOND, Maurício. *A política do jornalismo esportivo: o Jornal do Brasil e o Jornal dos Sports no dissídio esportivo dos anos 30*. Pp. 13.

cronômetro da cotação de acompanhar num domingo para vencer no outro e vice-versa, nas lutas mais contraditórias. (JORNAL DOS SPORTS. Edição 00786 - 1 de outubro de 1933)

A notícia publicada pelo periódico demonstra uma intensa preocupação com o desenvolvimento do esporte, e um nítido problema a ser resolvido, sendo esse, o futebol amador, o qual é desorganizado e instável. Dentre os problemas, é destaque o despreparo técnico de equipes, a irregularidade de jogadores que se transferem para outros times e, conseqüentemente, o pequeno aproveitamento das equipes, chamado de “medíocre” pelo jornal. Desse modo, o profissionalismo resolveria todas as problemáticas citadas pelo *Jornal dos Sports*, já que, é dever dos clubes cuidarem de suas equipes, treinadores, diretores e jogadores.

Entretanto, por mais que seja perceptível a posição do periódico perante a profissionalização dos esportes, faz-se necessário evidenciar as suas principais preocupações. Visto que, é muito pouco, ou quase inexistente, a preocupação com a qualidade de vida e de trabalho dos jogadores, ou seja, dos profissionais da bola e de outros sujeitos que participam diretamente dos jogos, como os juízes. Nesse sentido, a busca pelo reconhecimento e pelos direitos trabalhistas dos atletas e árbitros é pouco mencionada pelo *Jornal dos Sports*, sendo a principal reivindicação deste, a organização e o desenvolvimento do esporte.

O apoio ao profissionalismo deste periódico é demonstrado em diferentes matérias até a sua real oficialização, isso pois o *Jornal dos Sports* considera o amadorismo um “vexame”⁸⁴ e uma vergonha para o progresso do esporte e o engrandecimento da população. Como nota-se na matéria publicada no dia 11 de setembro de 1932:

Teremos o profissionalismo em São Paulo e em Minas: Já se iniciaram os trabalhos preparatórios nesse sentido.

Adoção oficial do profissionalismo entre nós já é um fato fora de dúvida. Apesar da grita de alguns interessados em que perdure essa situação de falso amadorismo, será regulamentado o profissionalismo, por parte de alguns clubes. Diremos que será regulamentado porque ele já existe aqui clandestinamente e isto ninguém pode, de boa-fé, negar. É preciso, de vez, acabar com esse regime vexatório humilhante, de gorjeta, de pagamento de “bicho”. É um regime em que o jogador recebe dinheiro sem poder explicar legalmente a sua procedência. Ontem, tivemos informações seguras, colhidas em fonte das mais autorizadas de que o profissionalismo regulamentado não se circunscreverá a nossa capital. Já foram iniciados entendimentos com figuras de prestígio nos esportes de Belo Horizonte e de São Paulo, a fim de que, dentro em breve, o

⁸⁴ *Jornal dos Sports*. Edição 00462.

profissionalismo honesto, regulamentado, também exista nos aludidos núcleos. (JORNAL DOS SPORTS. Edição 00462 – 11 de setembro de 1933)

Novamente, o periódico condena a prática do esporte de forma amadora, descrevendo práticas semiprofissionais como a do bicho como “humilhante”. O *Jornal dos Sports* tece inúmeras críticas ao amadorismo e convoca a regularização, evidenciando que os estados de Minas Gerais e São Paulo irão aderir ao novo regime, sendo esses estados exemplos para os outros que ainda insistem nessa forma considerada desorganizada. Entretanto, pouco menciona as condições dos trabalhadores da bola, alude apenas as remunerações, mas não sobre coberturas médicas, seguro de vida, direito a férias, ou qualquer direito trabalhista que já estava sendo reivindicado por membros dos movimentos operários nas primeiras décadas do século XX.

Nesse sentido, pretendo discutir, subsequentemente, sobre as greves, ou “paredes” como era usualmente falado durante o período, de atletas e juízes, não só essas mobilizações, mas quaisquer outras formas de organização que visavam os direitos trabalhistas dos artistas do jogo, e conseqüentemente, sua profissionalização. Essa análise, será feita a partir de imagens publicadas pelo *Jornal dos Sports*, entre os anos de 1930-1934.

2.2 Os autores da regularização do esporte expostos no *Jornal dos Sports*.

Primeiramente, para a investigação e reflexão das fotografias foi realizado um levantamento a partir do acervo da Hemeroteca Nacional Digital, de fotografias publicadas pelo *Jornal dos Sports* entre os anos de 1931-1934, por meio de palavras-chave, que se relacionam com o tema explorado neste capítulo, são elas: Profissionalismo, Greve, Parede e Amadorismo. Apresentados e tabelados nos quadros a seguir:

Quantidade de ocorrências por ano encontradas no *Jornal dos Sports*:

	Profissionalismo	Greve	Parede	Amadorismo
1931	58	13	16	59
1932	117	7	7	64
1933	423	6	11	230
1934	158	10	11	74

Quantidade de fotografias por ano encontradas no *Jornal dos Sports*:

	Profissionalismo	Greve	Parede	Amadorismo
1931	9	3	1	6
1932	18	1	0	3
1933	22	1	0	7
1934	9	1	0	2

As tabelas apresentadas foram feitas a partir de um levantamento de palavras-chave retiradas do acervo da Hemeroteca Nacional Digital. Ou seja, a partir das escolhas de vocábulos específicos tive a possibilidade de analisar quantas notícias foram publicadas sobre cada temática. Além disso, com base em cada ocorrência investigada, pude observar em quais palavras-chave escolhidas que tiveram mais fotografias ou quais foram as palavras que tiveram mais ocorrências durante os anos do Governo Provisório (1930-1934) de Getúlio Vargas.

A palavra profissionalismo teve 423 ocorrências no ano de 1933 e apresentou 18 fotos, por acaso, o ano em que foi oficialmente profissionalizado o esporte. Enquanto a palavra greve apareceu em 13 matérias no ano de 1931 e foram expostas 3 fotos mencionadas pelo vocábulo, por exemplo. É interessante realizar essa investigação para que se possa realizar comparações e questionamentos a partir da relação de fontes verbais e não verbais. Além de ser importante se atentar para a quantidade de imagens e vocábulos que aparecem em um dos jornais de maior circulação do país e refletir sobre as motivações de vocábulos como profissionalismo e amadorismo ter uma quantidade maior discrepante de ocorrências e iconografias se comparada com as palavras greve e parede.

Ao investigar as imagens das ocorrências amadorismo e profissionalismo, é comum observar que os dirigentes, representantes das entidades e até mesmo jogadores são expostos frequentemente. Além disso, as matérias evidenciam a necessidade de regularizar o esporte, entretanto, o número de ocorrências das palavras greve e parede e consequentemente de fotografias é inferior. Ou seja, mesmo que o *Jornal dos Sports* esteja tendendo a favor da profissionalização, ele menciona, esporadicamente, a mobilização dos astros da bola e seus árbitros, enquanto dirigentes de diferentes entidades surgem com entrevistas e nas primeiras páginas de suas edições, o que pretendo explorar

a seguir, com enfoque primeiramente, nas greves ou paredes realizadas pelos sujeitos envolvidos com o jogo da bola.

As greves e paredes, como já mencionadas, são abordadas pelo *Jornal dos Sports* isoladamente. Entretanto, faz-se necessário analisar alguns casos que o periódico noticia tais acontecimentos, como a publicação feita em 7 de junho de 1931:



O flamengo jogara em Friburgo – como seguiu ontem a delegação do bicampeão carioca

O C.R. Flamengo, não obstante a parede que vem fazendo alguns dos seus jogadores, mandou um time a cidade de friburgo para disputar hoje a tarde uma partida interestadual com o selecionado da Asea, que se prepara para o Campeonato Fluminense. A rapaziada rubro-negro seguiu muito animada, tendo a confortá-la, moralmente, na hora da partida, a presença de numerosos paredros flamengos, dentre eles os dr. Oliveira Santos, Alberto Ponte e srs. Plinio Segurado Pinto, diretores: Augusto Gonzalez, Cezar Molla e Francisco Ribas, [...]. (JORNAL DOS SPORTS. Edição 00073 – 7 de junho de 1931)

A partir da matéria nota-se a forma que o clube age perante uma tentativa de parede, ou greve por parte dos jogadores, já que mesmo alguns se mobilizando, aspirando melhores condições de trabalho. Mesmo com as tentativas de organização entre os atletas, o C. R. Flamengo ainda assim, mandou seus jogadores para a partida que iria ocorrer na cidade de Friburgo. O que é perceptível com a exposição de um dos astros do jogo que iria disputar pelo time rubro-negro, Nelson era um dos titulares que não participou da parede, é exposto com um semblante alegre, roupas claras e uma postura pacífica, como se estivesse ao lado do clube independente da situação e preparado para a competição, o que claro é um comportamento esperado pelo clube.

Em outra matéria publicada pelo *Jornal dos Sports* tratando de mobilizações organizadas também por jogadores rubro-negros, é destaque a matéria publicada na data de 5 de setembro de 1931, observa-se:



O Flamengo novamente agitado! Pretendem afastar vários elementos da atual diretoria:

O C. R. Flamengo voltou ao período de anormalidade em que se encontrou, há pouco tempo, quando se deu a greve dos jogadores. O dia de ontem foi de intenso movimento, havendo “démarches” e conferências entre paredros da velha guarda e elementos da atual administração. Trabalha-se para o afastamento de vários diretores, sob a alegação de que os mesmos não estão cumprindo o seu dever, deixando o clube em situação embaraçosa. O dr. Ernani Soares Pereira, um sportsman rubro-negro de grande prestígio, é o homem apontado para chefiar as hostilidades contra alguns dos atuais dirigentes. A reação é feita pelos associados, com o apoio de ex-diretores, sendo pensamento dos opositoristas manter em seus postos os diretores que vem, realmente, produzindo, dentre eles, o capitão Cyro Rezende, Paschoal Segreto e Pindaro de Carvalho. O presidente Arthur Lobo é o mais visado pela campanha. (JORNAL DOS SPORTS. Edição 00150 – 5 de setembro de 1931)

A matéria publicada demonstra não só uma mobilização de jogadores em prol de melhorias nas condições de trabalho, como também a instabilidade de um dos principais clubes cariocas. O Flamengo passava por problemas administrativos que envolviam outros sujeitos além dos astros da bola, isso pois membros da diretoria estavam em tensões, e os jogadores se posicionaram contra diferentes membros administrativos, como Ernani Soares Pereira, um jogador de prestígio que foi “apontado para chefiar as hostilidades contra alguns dos atuais dirigentes”⁸⁵.

Na fotografia, foi exposto o tesoureiro do clube, o Dr. Pindaro de Carvalho, um dos associados que reagiram a oposição formada pelos jogadores, e que aspirava manter o cargo e de outros diretores do time. O Dr. Carvalho é apresentado ao público com um semblante sério e de terno, sendo esse uma das figuras contrárias as mobilizações de jogadores, e por determinação do Jornal dos Sports ele foi o rosto da matéria, insinuando diferentes reflexões, sobre porque não ser um dos líderes das greves como Ernani Soares.

Ademais, não eram somente os astros da bola que se mobilizavam a favor do profissionalismo, como se observa na notícia datada em 22 de maio de 1931, nota-se:

⁸⁵ *Jornal dos Sports*. Edição 00150. 1931



Profissionalismo para os juízes e jogadores - o movimento simpático em favor dessa ideia ainda verde nos domínios da metrópole

[...] Disfarçadamente, aqui, o futebol é uma colmeia de amadorismo. Todos são amadores, mas em sã consciência muitos desejariam ser profissionais. Basta que apareça um, para lançar a primeira pedra e, então, nunca mais se terá a necessidade de dizer que o futebol brasileiro viva à mingua de bons elementos. Somos adeptos do profissionalismo. Só assim se poderá separar o joio do trigo. Naturalmente, numa época em que a carestia da vida assombra populações, todos querem explorar essas habilidades. Se o boxeador ganha para dar socos, porque não pagar, também, ao homem que arrebatava multidões chutando a bola dentro da “canha”. O jogador de futebol é um rei. Aqueles os que desejam o profissionalismo, portanto. A Argentina já se levantou, agora, numa parede sensacional, para jogar por terra o amadorismo mascarado, que confunde os que precisam viver do futebol com aqueles que tem meios para andar a tripa ferra. Esses comentários vêm a propósito da tendência do nosso público pelos jogos de sensação, que só os profissionais podem oferecer, com a exigência que assistências reclamam. A propósito dos juízes profissionais: digna do nosso aplauso, por todos os títulos, a ideia dos juízes profissionais. Assim não teremos tantos chorões, e depois dos matches. Ninguém se pejará de ganhar dinheiro, na eminência de receber pancada ou morrer, talvez dentro da “canha”. Ontem, a propósito, ouvimos o ex-player do América, Oswaldo Mello, Oswaldinho, que é agora juiz da AMEA.

- Então, que acha você de um quadro de juízes profissionais?

E o simpático sportman, bem humorado, respondeu:

- Uma ideia luminosa! Irei alistar-me no primeiro dia de procura. (JORNAL DOS SPORTS. Edição 00059 – 22 de maio de 1931)

Primeiramente, o *Jornal dos Sports* evidencia sua posição em ser a favor do profissionalismo, pois só assim o esporte poderia realmente se desenvolver. Ademais, o periódico argumenta que da mesma forma que esportes como o boxe já era regularizado e remunerado, e do mesmo modo que o boxeador recebe para “socar”, o jogador de futebol deveria ser remunerado por chutar bola dentro do canha⁸⁶. Assim, a gazeta evidencia novamente sua concepção sobre os astros da bola, sendo esses “reis”. Em seguida, o jornal exemplifica o caso da Argentina, que entrou em uma “parede sensacional”, ou seja, mobilizações e greves, para enfim acabar com o amadorismo.

Por fim, faz-se necessário discutir sobre a fotografia publicada junto a matéria, o ex-jogador Oswaldinho, que estava atuando como juiz pela Associação Metropolitana de Esportes Atléticos (AMEA), o qual estava com uma postura séria e de terno e foi entrevistado pelos redatores. Assim, Oswaldinho afirma ser a favor a possibilidade de

⁸⁶ Terreno preparado para diversas modalidades de jogos, como futebol, tênis e basquete.

juizes profissionais, e que caso ocorra essa regulamentação, ele seria um dos primeiros a manifestar interesse ao cargo.

Notícias sobre árbitros que se declararam em greve, embora não fossem frequentes, não devem ser negligenciadas, já que ainda em 1931, as pautas reivindicadas pelos juizes se quer eram postas em discussão pela Federação Nacional de Futebol, destaca-se “essa é a primeira vez que se verifica uma “greve” de tal natureza, dando margem, naturalmente, aos comentários mais desencontrados. [...] A Federação Nacional em resposta aos movimentos grevistas convocou exames para a nomeação de novos árbitros.”⁸⁷

Tal postura da entidade, demonstra o quanto seria descartável juizes que reivindicassem por direitos, já que qualquer um que aderisse à greve poderia ser substituído por uma convocação feita para a escolha de novos indivíduos para o cargo. Sendo assim, as pautas de juizes e jogadores de futebol se mantiveram mesmo com a oficialização do profissionalismo em 1933 dessas novas profissões. Visto que, ainda em 1934, o *Jornal dos Sports* registrou variadas ocorrências de juizes que estavam insatisfeitos com suas funções, devido a falta de remunerações e direitos trabalhistas, como se observa na matéria publicada datada de 18 de setembro de 1934:



Teremos uma greve de juizes? – a ameaça que pesa nos próximos jogos – a remuneração dos árbitros, cronometristas e Linesmen provoca descontentamento pela redução.

Os cronometristas e juizes de linha da Liga Carioca não ficaram satisfeitos com a recente resolução do Conselho Administrativo da entidade profissionalista, segundo a qual a remuneração que lhes caberá nas partidas do “Torneio Extra” será equivalente ao terço da quantia estipulada para as pelejas do campeonato. Segundo o que apuramos os esforçados auxiliares da Liga Carioca enviarão ao Sr. Raul Campos, no sentido de que a resolução em apreço venha a ser modificada. Juizes dispostos a não atuarem as partidas: podemos assegurar que os Srs: Cordovill, Oswaldo Kropf de Carvalho e Carlos de Oliveira estão dispostos a não arbitrar as pelejas para as quais foram designados, desde que a liga carioca não modifique a resolução tomada pelo Conselho Administrativo no tocante a remuneração das partidas do “Torneio Extra”. Quanto ao “referente” Jorge Marinho, parece que alguns não concordam com o movimento que se esboça entre juizes, cronometristas e “linesmen” da entidade profissionalista. (JORNAL DOS SPORTS. Edição 01024 – 18 de setembro de 1934)

Na notícia publicada, percebe-se a insatisfação de outros trabalhadores que fazem o jogo da bola acontecer, como aqueles que cronometravam as partidas e os denominados

⁸⁷ *Jornal dos Sports*. Edição 00173B. 1931

linesman, os quais eram os juízes de linha. Esses estavam descontentes com a remuneração que seria oferecida no “Torneio Extra” e dispostos a não atuarem nas partidas seguintes, como forma de protesto. Na fotografia exibida, um dos árbitros Sr. Cordovill, um entre os vários que consideravam a greve uma boa alternativa para garantir seus direitos, esse aparece bem vestido, de terno e com um semblante sério, e estava representando não apenas os seus interesses, mas o de seus companheiros.

Entretanto o *Jornal dos Sports* opta por apresentar uma foto individual de um dos trabalhadores, e não coletiva, prática comum e observada em outras ocorrências do periódico, datado em 22 de setembro de 1934:



De pé a atitude: Os auxiliares da Liga Carioca não receberam a remuneração: Igual Gesto do juiz Carlos Monteiro

Os cronometristas e “linesman” da Liga Carioca, como se sabe, reclamaram da remuneração que lhes caberia pela atuação nos prélios do “Torneio Extra” como havíamos adentado de uma greve, tanto que aqueles auxiliares estariam dispostos a funcionar gratuitamente. Confirmando nossa informação, os cronometristas e “Linesman” da entidade profissionalista deixaram de receber, ontem, a importância relativa à função desempenhada. O juiz Sr. Carlos de Oliveira Monteiro procedeu de modo idêntico, não aceitando a remuneração de 100\$00 que lhe cabia de acordo com a redução imposta pela liga carioca. (JORNAL DOS SPORTS. Edição 01028 – 22 de setembro de 1934)

Desse modo, é necessário salientar o quanto o processo de profissionalização do esporte, o qual não envolvia apenas os astros da bola, mas toda a equipe de árbitros foi um processo lento, e é estabelecido gradualmente. Na imagem, o juiz Carlos de Oliveira, junto aos cronometristas e os juízes de linha não receberem a remuneração acordada pela Liga Carioca, novamente, um dos grevistas, aparece de forma individual, não coletiva, o que é de se questionar novamente na insistência do *Jornal dos Sports* de evitar evidenciar que essa era uma luta em grupo, ao publicar a fotografia de apenas um árbitro, o periódico pode reforçar uma ideia pacífica de reivindicação, ou até mesmo sem força o suficiente para obter sucesso nas suas reivindicações.

Posto isso, como já discutido, a exposição feita pelo *Jornal dos Sports* dos grevistas, intento debater sobre as controvérsias que envolvem o profissionalismo e o amadorismo apresentados pelo periódico.

2.2.1 Profissionalismo x Amadorismo: disputas e contradições observadas pelo *Jornal dos Sports*

O debate sobre a regulamentação do futebol como profissão x manter o antigo sistema amador ultrapassou o campo político e alcançou as páginas das gazetas, e envolve não apenas as entidades, e clubes, mas também interfere diretamente na vida dos jogadores. Além disso, o cenário internacional também influenciou decisões no Brasil, visto que, países como Uruguai, Argentina e Itália já haviam aderido à estrutura profissional. Inicialmente, observa-se a forma que o *Jornal dos Sports* defendia o profissionalismo, usando de entrevistas com dirigentes e jogadores como um de seus principais recursos. Como se observa na matéria publicada em 9 de julho de 1931:



A sensacional entrevista de Amílcar sobre profissionalismo – o grande esportista patricio lavou a alma, fazendo declarações sensacionais. O amadorismo hipócrita entravando o desenvolvimento do nosso futebol.

[...] A princípio se falava da partida para a Itália, para o Lazio, de dois únicos jogadores paulistas: agora, porém, fala-se já abertamente no embarque solutamente certo de uma leva deles.[...] O veterano jogador e ex-capitão das seleções paulista e nacional, mostra-se, como sempre, muito amável.

“Nada tenho com os contratos de elementos paulistas”. A imprensa anda me colocando em evidencia – diz Amílcar. Fala muito de mim quando na verdade, eu não tenho nada com isso. Não sei nada disso. Agora fizeram-me “cabeça de turco”. Amílcar para cá, Amílcar para lá... Ora, meus amigos, eu só sei da minha vida: Dela e de nada mais. Falem o que falar, eu sou profissional. De amadorismo estou cheio: também em 25 anos, de devotamento ao futebol paulista, ao futebol da minha terra, da minha patria... Não tenho nada, sou pobre, não quero nada, porque não sou ambicioso. Quero apenas trabalhar para quem sabe pagar bem, remunerar os meus serviços de acordo com o valor dos mesmos, se é que os mesmos ainda valem. Muita gente pensa que eu cheguei ao fim da minha carreira esportiva, mas ainda sou capaz segundo penso, de dar no couro: vou para a Itália porque quero ir. Devo ir. Ninguém é obrigado a ser amador.

O veterano continuou:

“Futebolisticamente falando, reafirmo o que dizem os ingleses e o que foi repetido aqui: Ninguém é obrigado a ser amador, como também não o é a ser profissional. Basta de hipocrisia. É por causa desse futebol de intriga, de política, que muitos reputam um dos melhores do mundo, que andamos sacrificados e ele escondido, prejudicando, quando podia estar sendo melhor conhecido e ter levantado, até, o campeonato do mundo, visto que a competencia para tal não lhe falta. Vou ser apenas treinador, mas se for preciso, também jogador”. Quando de sua passagem por este porto, no “Conte Verde”, Amílcar nos

declarou, peremptoriamente que não vinha contratar nenhum jogador. Houve quem, para se dar ares, repetisse as palavras de Amilcar e lhe atribuisse cavilosa e deslealmente, uma frase e um conselho: o de preparar as malas. Ora, Amilcar desmonstrou que era sincero nas suas declarações que, o que ficou provado, não só com o seu alheiamente da questão, como com a presença em São Paulo, de um enviado italiano, o qual teve permissão contratar, como contratou, uma grande leva de jogadores de São Paulo. Amilcar afirma na entrevista acima, estar cheio do amadorismo, onde só colheu desilusões e ingratidões. Podemos assegurar que não é só ele que assim pensa: são quase todos os amadores, de lá e destas bandas, que vem a sua sombra prosperar muitos que fazem do esporte, isto é, do esforço dos outros, a sua única razão de ser. (JORNAL DOS SPORTS. Edição 00100– 9 de julho de 1931)

A reportagem é uma das diversas tentativas de atentar os leitores sobre a necessidade de se acabar com o amadorismo no Brasil. Inicialmente, é exposto à sondagem de clubes estrangeiros em jogadores paulistas, o que é uma preocupação dos times nacionais, os quais temiam perder seus craques para times italianos, esses já haviam aderido ao sistema profissional, o que agradava a maioria dos atletas.

Na segunda parte da publicação, o Jornal dos Sports expõe a entrevista feita com um dos jogadores destaques daquele período, Amilcar se apresenta na fotografia de terno, com uma postura séria e argumenta estar exausto do amadorismo. Essa prática apenas prejudica o futebol nacional no sentido de atrasar o progresso de um campeonato que poderia ser um dos melhores do mundo caso se tornasse profissional, além disso, afirma que como amador só “colheu desilusões e ingratidões”.

Visto que, ele, assim como a maioria dos jogadores, não sente seu esforço reconhecido no país, e que se o futebol já era considerado um espetáculo, seus artistas ainda não eram validados como mereciam. Por fim, Amilcar argumenta que não pedia muito, ao afirmar: “não tenho nada, sou pobre, não quero nada, porque não sou ambicioso. Quero apenas trabalhar para quem sabe pagar bem, remunerar os meus serviços de acordo com o valor dos mesmos”⁸⁸. O jogador apenas aspirava receber o que achava que merecia, o que trabalhava para ter, e entendia que em outros países isso já era possível.

Nesse sentido, as sondagens de clubes internacionais em jogadores brasileiros, tornou-se algo frequente a ser noticiado, isso pois muitos jogadores viam no exterior uma

⁸⁸Jornal dos Sports. Edição 00100. 1931

oportunidade de melhorar suas condições de vida e reconhecimento no trabalho. Como nota-se nas seguintes matérias publicadas pelo *Jornal dos Sports*:



Hidalgardo e o profissionalismo declarado: o zagueiro rubro aconselha aos rapazes solteiros demandarem a Itália e à Espanha.

Duas horas da tarde, viajamos aborrecidos da trepidação, numa dessas “giboias” da Light, que fazem a linha “Lins de Vasconcelos”.[...] O Granê carioca sentou-se ao nosso lado, cumprimentou-nos como velhos camaradas e passamos a cortada pela inconveniência do condutor.

- Então Hidelga, suas impressões sobre o jogo do Bangu?

- Ganhamos, porque jogamos muito. Enfrentamos um adversário poderoso e se conseguimos sobressair calcule que esforços dispndemos.[...] Discorrendo largamente sobre o futebol contemporâneo, chegamos a tratar do profissionalismo, a propósito do qual nos disse o grande zagueiro rubro:

- Acho que, para os rapazes solteiros, os contratos oferecidos por italianos e espanhóis, são negócios da China. Além da oportunidade que têm de se notabilizar, angariam o necessário para estabelecer um pecúlio de reserva, com o qual poderão viver comodamente, caso sofram qualquer acidente. Empreendem viagens agradáveis, passando a conhecer vários países do mundo. Eu, porém, que sou casado, não poderia sair do Brasil e aqui fico aguardando a implantação do profissionalismo em nosso futebol, que parece ser breve. Um grande craque carioca, com quem estive conversando, está doido para ser convidado a demandar na Espanha. E eu já aconselhei a aceitar a maquia, caso lhe seja oferecido.[...] (JORNAL DOS SPORTS. Edição 00176. 7 de outubro 1931)

A reportagem se inicia de forma despreziosa, com o jornal entrevistando o atleta Hidalgardo sobre a última partida do Bangu, mas assim como o próprio título, a matéria reforça que o objetivo da entrevista era abordar a questão do profissionalismo. A matéria descreve Hidalgardo na fotografia com os cabelos para o vento, e com um sorriso que nos campos ele nunca mostra, mas em sua entrevista, o atleta compartilha algumas de suas mágoas com o futebol amador brasileiro, isso pois, aconselha todos os jogadores solteiros a buscarem melhores condições e um seguro médico no exterior, onde o esporte já é profissional.

Hidalgardo já era casado, tendo responsabilidades com sua família, por essa razão alega que não poderia ir para o exterior, mas aconselhava os demais a irem para o exterior e aguardava o profissionalismo no Brasil. Além disso, são nítidas as aspirações dos jogadores, a primeira é uma vida cômoda, segura, na qual pudessem jogar e viver

confortavelmente com seu salário, e a segunda é por um clube que cuide e caso esses fossem acidentados, tendo assim uma cobertura médica, o que não acontecia no país.

Dessa forma, países que já haviam implantado o profissionalismo, eram vistos como uma grande oportunidade e como “propostas tentadoras”⁸⁹, como se observa na publicação de 30 de junho de 1932:



A espada de Damocles Suspensa a cabeça dos dirigentes dos clubes sul americanos – A Itália suas propostas tentadoras aos futebolares desse continente: A Itália é uma especie de espada de Damocles suspensa sobre a cabeça dos dirigentes de clubes sul americanos. Qualquer divergencia, qualquer desentendimento la vem a indeferivel ameaça: Vou para a Itália! Com o half-back Ochiussi, do Wanderrera, sucedeu coisas identica. Suspenso pela diretoria dos bohemios, por ter feito greve exigia a quantia de 2.000 pesos para continuar atuando no Wanderrera. Ochiwasi declaro que não transigiria um centimetro qualquer de sua atitude. Alegando que recebera da Itália uma proposta tentadora e repetia e refraira: Ou me atendem e passam o cobre, ou irei para a Itália. O clube uruguaio teria transigido. Um dia desses acontecerá o mesmo no rio. (JORNAL DOS SPORTS. Edição 00401. 30 de junho 1932)

A matéria, embora fosse sobre o jogador uruguaio Ochior, assemelha-se muito com o impasse que o Brasil enfrenta, já que, são diversos os casos de jogadores que buscam oportunidades em países que o futebol já é visto como profissão. Assim, o jogador afirma que qualquer desentendimento ele irá se transferir para a Itália, isso pois já estavam envolvidos em greve que exigiam um aumento dos salários. O jogador é exposto no jornal de terno, fora de suas atividades esportivas, com uma postura séria e um semblante determinado a ter o que aspirava.

Posteriormente, percebe-se o quanto o cenário uruguaio não se diferencia do brasileiro, visto que, o *Jornal dos Sports* ao finalizar a reportagem afirma “Um dia acontecerá o mesmo no Rio”⁹⁰. Ou seja, o periódico compara as situações dos países e dos jogadores, evidenciando que os brasileiros também não estão satisfeitos com as posturas dos clubes.

Nesse sentido, proponho a análise sobre a contradição de um dos clubes mais importantes do Rio de Janeiro, o Fluminense, sendo esse, um dos primeiros a apoiar a causa do profissionalismo, porém, o clube assim como outras entidades, enfrentava instabilidades administrativas e financeiras, assim, nem sempre o apoio a causa

⁸⁹ *Jornal dos Sports*. Edição 00401. 1932

⁹⁰ *Jornal dos Sports*. Edição 00401. 1932

profissional foi uma pauta do clube, como se observa na matéria publicada na data de 19 de julho de 1932:



Não temos capacidade financeira para o profissionalismo. O Sr Oscar da Costa, presidente do Fluminense, fala ao Jornal dos Esportes sobre o palpitante assunto: Como o grande clube brasileiro espera trazer ao rio o “Arsenal” de Londres, que é uma das maiores expressões esportivas do mundo. Debatem os interessados pelo profissionalismo regulamentado nessa hora em que estamos assistindo o grande êxodo dos nossos jogadores.[...] Hoje é o Sr. Oscar da Costa, presidente do Fluminense, que ilustra as nossas colunas com as suas ponderadas observações. Quando o procuramos ontem, para tal fim, o presidente conversava com outros amigos sobre o Clube de Álvaro Chaves. Assim, a nossa tarefa ficou grandemente facilitada, entramos, então no terreno esportivo. Não temos capacidade financeira para o profissionalismo: Depois de palestramos sobre as festas de aniversário do Fluminense, entramos a fazer comentários em torno dos assuntos que se prendem ao profissionalismo no futebol. O nosso entrevistado declarou, logo com a sua grande experiência administrativa, posta em prática muitas vezes antes da presidência da CBD, e agora, no Fluminense:

- Acho que muitos clubes cariocas morrerão, quando se regulamentar, aqui o profissionalismo. Não temos capacidade financeira para tanto.

- Como os países europeus acha tão fácil essa tarefa? Inquerimos. O Sr. Oscar da Costa argumentou então, com maior facilidade:

- Lá no Velho Mundo as assistências são vultosas. O interesse esportivo das multidões europeias é uma coisa realmente digna de nota. Quando estive na Europa, assisti a encontros em que as assistências orçaram quase sempre, por centenas de milhares. Ademais, os preços das localidades para o futebol são muito mais elevados no Velho Continente. Eu mesmo, para poder ir ao encontro do Arsenal de Londres, contra o Racing da França, em Paris, tive que pagar 100 francos por duas entradas comuns, nas bancadas, onde fiquei de pé com a minha senhora, só foram compradas por muito empenho do meu chofer, e que conhecia o ambiente. E que o estádio, nas vésperas do jogo, já estava com a sua lotação quase toda vendida. (JORNAL DOS SPORTS. Edição 00416. 19 de julho 1932)

Em um primeiro momento, o presidente do Fluminense, Sr. Oscar da Costa afirma que o clube não tem estruturas administrativas e financeiras para adotar o regime profissional, antes de assumir o clube carioca, presidia a CBD, já apresentada anteriormente, e era uma das entidades que não apoiava a adoção desse novo sistema no Brasil. Assim, ao exercer o cargo no Fluminense, reafirma motivos que a própria CBD alegava, a falta de condição financeira e administrativa. Na fotografia, o Sr. Oscar da

Costa é exposto de perfil e usa terno, ele representa não apenas a sua opinião, mas expressa as dificuldades financeiras e administrativas do clube.

Ademais, o presidente realiza comparações entre as discrepâncias entre o futebol europeu e o brasileiro, argumentando que no “velho mundo” os valores dos ingressos são muito elevados comparado com os do país e justifica que é por isso que o sistema profissional funciona por lá. Entretanto, como já mencionado a mobilização de juízes e jogadores descritas no jornal e a sondagem de atletas realizadas por clubes internacionais a pressão pela regulamentação do esporte como profissão se ampliava, e em alguns meses, o Fluminense passou a defender uma postura diferente, publicada pelo *Jornal dos Sports*, na data 13 de novembro de 1932, nota-se:



O fluminense em face do profissionalismo. Jorge Lopes fala-nos dos propósitos do tricolor no outro campeonato falando com a voz desassombrada da sinceridade. Jorge Lopes é um amigo sincero do Fluminense F. C, onde tem ocupado cargos técnicos de grande importância. A palavra desse sportsman no tocante ao profissionalismo mereceu do cronista toda a atenção, tanto mais quanto a tarefa inovadora partiu do grêmio da rua Guanabara. O diretor de futebol do Fluminense é a favor do salário no futebol. Acha Jorge Lopes que a implantação da nova medida importará no progresso e embelezamento do nosso esporte, partindo do principio de interesses que norteiam a atividade humana. Jorge Lopes está convencido de que o profissionalismo empolgará os grandes clubes. Dizendo da situação do tricolor em face da nova regulamentação, o distinto diretor do Fluminense dissertou:

- Nosso clube está carecendo de pagar, também aos jogadores de futebol, como foram outros. Apenas com verdadeiros amadores, não podemos de verdade fazer concorrência aos adversários e não resta dúvida que essa tem sido a causa dos nossos maiores fracassos. Mas o profissionalismo virá para igualar forças e definir situações. (JORNAL DOS SPORTS. Edição 00516. 13 de novembro 1932)

Nesse sentido, percebe-se uma mudança de postura por parte de um dos diretores do Fluminense, exposta pelo Sr. Jorge Lopes, descrito como um grande amigo do clube, ele ocupa cargos técnicos importantes no clube. Lopes afirma que “O diretor de futebol do Fluminense é a favor do salário no futebol”⁹¹, as mudanças de decisões são lógicas: o aprimoramento do esporte, visto que, com a regulamentação, o progresso e o embelezamento do esporte será evidente. O profissionalismo irá igualar forças e definir de vez situações, como afirma Lopez.

⁹¹ *Jornal dos Sports*. 00515. 1932

Na imagem, Jorge Lopes é exposto de forma sofisticada, com terno, um semblante impassível, como se tivesse a máxima certeza de que apenas o profissionalismo iria resolver todos os impasses do futebol brasileiro. Ademais, Lopes assume uma postura de representar o clube, pois não fala somente de acordo com sua convicção, mas menciona o apoio de membros da diretoria do Fluminense a causa profissional e a remuneração dos atletas.

Por fim, pretendo a seguir abordar as controvérsias descritas no *Jornal dos Sports* sobre o embate entre profissionalismo x amadorismo, mesmo após a oficialização do novo regime em janeiro de 1933, a fim de refletir sobre o quanto o processo de regulamentação do futebol não foi simples e aceito por todas as regiões de forma imediata, e que mesmo após essa formalização, ainda houve embates no campo político e esportivo.

2.3 “Implantado, finalmente, o profissionalismo honesto”: A euforia do *Jornal dos Sports* após a oficialização do futebol como profissão.

“Implantado, finalmente, o profissionalismo honesto”⁹² escrita em letras garrafais esse título estava na capa da primeira página do jornal datado em 24 de janeiro de 1933. Como já mencionado, anteriormente, o profissionalismo não foi um processo rápido no país, isso pois, enquanto a maioria dos times do Rio de Janeiro e São Paulo aderiram ao profissionalismo, algumas regiões como o Sul do país não foram adeptas ao novo regime inicialmente e mantiveram uma rígida postura a favor do amadorismo, mesmo depois da oficialização do futebol profissional.

Outrossim, como o profissionalismo já havia sido implementado em outros países, era comum que atletas brasileiros fossem para o exterior, em busca de melhores condições de trabalho. Assim, o *Jornal dos Sports* noticia frequentemente diferentes matérias que tratam do êxodo de jogadores para times internacionais, como nota-se na matéria publicada em 14 de janeiro de 1933:

⁹² Implantado, finalmente, o profissionalismo honesto. Rubens o capitão do time do flamengo concedeu uma entrevista que jornal dos esportes divulgara amanhã sugerindo o caminho que seu clube tem a seguir na questão do profissionalismo que empolga o momento (*Jornal dos Sports*, Edição 00577. 24 de janeiro 1933)



Os primeiros benefícios do profissionalismo: Domingos cuja transferência para o Uruguai era coisa decidida, afirma agora que ficará entre nós. Onde se vê que a aproximação de novo Estado de coisas deve ter influído no Espírito do Famoso Back Brasileiro. Domingos ia. Já estava tudo decidido. Agora não vai mais. Uma prova eloquente de que a mudança que se vai operar no nosso ambiente lhe terá calado fundo. E o primeiro benefício... O caso estava resolvido, Domingos uma das figuras mais destacadas da atualidade esportiva havia aceito a proposta para ir ao Uruguai. O *Jornal dos Sports* foi um dos primeiros a noticiar essa transferência, ele iria abandonar o futebol carioca, onde figurava com muito brilho. Ontem apareceu declarações formais de que ele não iria mais ser profissional no Uruguai, sem desmentir entretanto que tivesse pensado em ser.[...] Essas decisões são um fruto e precioso das primeiras notícias de caráter oficial relativa à implantação do profissionalismo. Sabíamos que, comentando a sua provável transferência para o sul, Domingos lamentará que a regulamentação ainda estivesse problemática, encontrando, como se dava, séria repulsa de um pequeno grupo de adeptos da situação atual de insinceridade. É por julgá-la ainda longe de execução, preferia sacrificar o seu desejo de viver entre os seus, assegurando ganhos que reputava tão honestos como quaisquer outros. Domingos afirma que ficará: E ai está, com certeza, o primeiro e excelente fruto do profissionalismo regulamentado: Domingos, um elemento que faz falta ao futebol brasileiro diante dos indícios que asseguram, positivamente, a sua breve implantação, prefere ficar, certo e que, entre os que aprenderam a aplaudi-lo mesmo ganhando menos, está melhor. Um valor que não fugira Lucro e lucro magnifico para o futebol do Brasil, a iniciar a série de vantagem morais e materiais que advirão da nova fase. E os de São Paulo? Também os paulistas estão ameaçados de verem partir dois dos seus bons elementos: Gogliardo e Romeu, amos do Palestra Itália. Quem sabe se com a notícia que – tudo indica – modificou os projetos de Domingos. Também eles mudarão de ideia? (JORNAL DOS SPORTS, Edição 00569. 14 de janeiro 1933)

Na publicação, *O Jornal dos Sports* reflete primeiramente sobre os benefícios do profissionalismo, já que o atleta Domingos, iria se transferir para o Uruguai, país em que o profissionalismo foi adotado anteriormente que no Brasil. Entretanto, após as mobilizações de atletas e juizes e embates entre ligas esportivas e entidades, o novo sistema estava próximo a ser adotado, Domingos era um dos principais destaques do futebol carioca, e estava com pesar de abandonar o clube, mas que faria pois as propostas das equipes uruguaias eram interessantes e atendiam a necessidade do jogador.

Entretanto, ao saber da proximidade da regulamentação do futebol em seu país, o “player” decide ficar, e esse é “com certeza, o primeiro e excelente fruto do

profissionalismo regulamentado”⁹³. Ou seja, o fato de manter os jogadores de melhor atuação no país, traria também o desenvolvimento do esporte, o que era o principal objetivo das ligas esportivas. Ademais, o atleta Domingos, apresentado pelo periódico, estava com vestimentas sofisticadas e o semblante sério, o jogador estava fora das suas atividades esportivas, ele estava sendo apresentado aos leitores como um exemplo a ser seguido para outros jogadores, Domingos era um atleta negro e prestigiado no futebol carioca, seus dizeres deveriam influenciar outros “players” a continuarem no Brasil em prol do avanço do futebol.

Nesse sentido, percebe-se que as opiniões dos atletas que se posicionam a favor do profissionalismo eram apreciadas pelo *Jornal dos Sports*. Observa-se a entrevista publicada pelo periódico em 25 de janeiro de 1933:



Rubens, o capitão rubro-negro, faz um intervalo na palestra para atender a objetiva de *Jornal dos Sports*. Colocando-se à margem do movimento regenerador do nosso futebol que vai ser dentro em pouco, no profissionalismo, campo mais vasto e melhores dias, o Flamengo ficou numa situação extremamente delicada. [...]. Foi precisamente nessa hora significativa que o *Jornal dos Sports* quis ouvir a palavra do capitão do quadro principal do vice-campeão.[...]. Sua opinião vale muito. Ouçamo-os:

- Eu não concordo que este ou aquele clube se desvie do caminho da serenidade levado unicamente por uma divergência de opinião, sobre este ou aquele assunto. Acho que todos os bons “flamengos” devem conservar-se saídos sem pensar jamais em separação. E este o apelo que eu faço pelas colunas do *Jornal dos Sports* a todos os rubro-negros indistintamente. Um caminho para os jogadores

Minha opinião pessoal, é favorável ao profissionalismo. Não me envergonharei absolutamente de amanhã tiver de figurar no time do flamengo como profissional, pois julgo que esse é um meio de vida honesto e limpo como outro qualquer. Agora, como capitão do time. Julgo-me na contingência de fazer o que a diretoria de meu clube ditar. Ela tem autoridade bastante para deliberar e se os nossos administradores acharem em última instância que não devemos abraçar também o profissionalismo, os jogadores só terão de aceitar essa opinião e a maioria já resolveu isso sem vacilar. O meu voto no conselho:

- [...] Nessa justificativa eu declarei que votava assim, porque diante da exposição antes feita verifica-se que a situação financeira do mês clube não comportaria o novo regime. Não falei, entretanto, em nome do time, porque não estava teorizado para tal e votei assim porque a mim interessa, acima de tudo, o

⁹³ *Jornal dos Sports*. Edição 00569. 1933

bem do Flamengo, com profissionalismo ou sem ele. [...]. Ele voltou ontem a nossa redação para declarar o seguinte:

- Não concedi nenhuma entrevista sobre profissionalismo, a não ser ao *Jornal dos Sports* e desautorizo qualquer declaração que tenha sido publicada como de minha autoria. É possível que alguém tenha me ouvido palestrar a respeito, mas mesmo assim o que foi publicado não exprime o meu pensamento. Eu devia essa satisfação ao *Jornal dos Sports* e ali deixo o meu desmentido formal. (JORNAL DOS SPORTS, Edição 00578. 25 de janeiro 1933)

Com base na data da entrevista, percebe-se que o profissionalismo já havia sido regulamentado, entretanto, muitos times ainda não havia implementado esse novo sistema. O capitão do Clube de Regatas Flamengo, Rubens se mostra favorável ao profissionalismo, ao afirmar que não se envergonharia de atuar como profissional pela sua equipe, e que ele assim como dos outros “players” rubro-negros deveriam se manter leais ao Flamengo. Entretanto, o jogador confia no trabalho da diretoria de seu clube, visto que, é essa que possui autoridade para deliberar a regulamentação, e os jogadores deveriam apenas aceitar essa condição, ao afirmar que “interessa, acima de tudo, o bem do Flamengo, com profissionalismo ou sem ele”⁹⁴

Na imagem, o capitão rubro negro aparece junto a um dos repórteres do periódico, o que torna importante refletir sobre o último parágrafo da matéria, já que o atleta, concedeu essa entrevista exclusivamente ao *Jornal dos Sports*. O que demonstra a influência e a importância desse jornal, que desde a sua fundação visava ser uma gazeta de grande circulação, Rubens evidencia “eu devia essa satisfação ao *Jornal dos Sports* e ali deixo desmentido formal”. Esse depoimento não só eleva a posição do periódico como também despreza qualquer outro jornal do período que poderia publicar qualquer matéria que fosse sobre o capitão flamenguista.

Como examinado nas matérias anteriores, o *Jornal dos Sports* explora com frequência o uso de entrevistas com figuras esportivas competentes, sejam atletas a favor do regime profissionalizado, ou médicos, técnicos e diretores de entidades e ligas esportivas. Nesse sentido, observa-se a publicação datada em 25 de fevereiro de 1933:

⁹⁴ *Jornal dos Sports*. Edição 00578. 1933



Falando sobre o profissionalismo. O dr. Anysio de Sá faz interessantes observações sobre o Regime recém implantado em nossa capital: a vitória inicial que só o tempo consolidará: o Jornal dos Sports tem ouvido várias figuras com autoridade.[...] Vejamos, pois, a opinião do dr. Anysio: a questão do futebol profissional, de fato pode, realmente, ser chamado questão, é um fator natural, lógico como em tudo onde entra o espírito prático comercial. As rendas:

- O teatro, no seu começo era puro amadorismo, como ainda hoje o é na roça. Com o correr dos tempos nos centros adiantados, os ladinos e inteligentes, viram nele ótima fonte de receita. E quantas fortunas se não tem feito no bem explorá-lo? Que foi no boxe, antes de regulamentado oficialmente, senão mera brincadeira? Hoje, amigo, é um alto negócio para empresários e campeões. Acha que, desta, discussão, vai sair alguma coisa de útil.

[...] A vitória do profissionalismo vira com o tempo. [...] Os cinco clubes cariocas com outros sete paulistas a partida está ganha: ao contrário, aguardem melhor oportunidade, certos de que o futebol profissional é uma grande questão de tempo e também... de dinheiro. O aspecto financeiro: que não se embalem os clubes nas rendas imediatas,. Nos primeiros jogos a receita será fatalmente boa. Passado o espírito da novidade, ela cobrirá, mas, o tempo fará o profissionalismo triunfar aqui como em toda a parte. [...] Mas é voz corrente que as receitas do futebol tem diminuído, ano a ano, e os clubes não encontram outras fontes, lutando alguns com sérias dificuldades. Quanto a “outras fontes” é conversa, qualquer clube dos principais que ali estão pode duplicar sua receita, o processo é frágil sua aplicação nada inexequível. Já como se dão interessantes festas sem gastar um real e muitas vezes, com lucro. A tendência para gastar é humana, mas, a para argumentar as rendas, ou fazer inteligentes economias, é uma interrogação. E, por hoje basta. (JORNAL DOS SPORTS. Edição 00605. 25 de fevereiro de 1933)

O *Jornal dos Sports* entrevistou o Dr. Anysio De Sá, um dos representantes do Fluminense Futebol Clube, o qual afirma que a regulamentação do profissionalismo é uma vitória inicial que se consolidará com o tempo, o que demonstra o quanto esse processo se solidificará ao longo do tempo. O Dr. Anysio de Sá, exemplifica outras atividades como o teatro e o boxe, que anteriormente a sua profissionalização também eram amadoras e com o desenvolvimento dessas a regulamentação ocorreu. Além disso, o profissionalismo não era apenas uma questão de tempo, mas também de dinheiro.

Isso visto que, o Dr. Anysio de Sá acreditava que inicialmente o futebol profissional seria uma atividade que traria bons retornos financeiros, entretanto, era necessário um planejamento para o futuro e ter “habilidade do negócio”⁹⁵. Por fim, o

⁹⁵ *Jornal dos Sports*. Edição 00605. 1933

entrevistado evidencia que é um processo frágil, e que por mais que os clubes brasileiros priorizassem o lucro, esse projeto era vulnerável e deveria ser realizado com competência.

Esse processo ainda estava acompanhado de incertezas e interrogações, visto que muitas equipes de diferentes estados ainda não haviam aderido o sistema regulamentado do futebol. Essa transição, como já mencionada, foi gradual e noticiada pelo *Jornal dos Sports*. Nesse sentido, pretendo explorar alguns depoimentos e pendências que ocorreram no ano de 1934, um ano após a suposta implementação do profissionalismo desse esporte.

Inicialmente, observa-se a matéria publicada pelo periódico datado em 10 de fevereiro em 1934:



Só agora se da nova organização técnica dos times profissionais – tem a palavra Gentil Cardoso o novo técnico de futebol do América: Mudança de rótulo: do amadorismo para o profissionalismo.

Uma discussão com Russinho – A classe de jogadores e o padrão – Gentil avisará na Véspera do Jogo como os Rubro atacarão o Vasc. Gentil sentou-se diante de uma mesa do Nice em companhia de Varetá. Pouco depois chegava Russinho e formava parte do grupo. Gentil explicava que ainda não iniciara as suas atividades no América. Apenas apresentara um projeto para organização técnica do quadro. E acrescentava que até agora tinha havido apenas a mudança de rótulo: de amadorismo para o profissionalismo. A organização técnica dos times continuou a mesma. E agora?

- Agora vou trabalhar, pela primeira vez, com um entusiasmo real, porque há clubes que me oferecem meios. Todos os meios necessários, estamos atrasados quarenta anos em futebol. Há muitas coisas velhas em futebol que ainda não conhecemos. Por isso, mesmo se eu resolvesse em véspera de um match, vamos dizer, com o Vasco, declarar a maneira porque iria atacar o meu adversário, o Vasco não saberia defender-se. O protesto de russo:
- Ah! Russinho fez um protesto

- Escute uma coisa, Gentil: o Vasco tem um trio atacante de jogadores de certa classe, eu, Gradim e Leonidas. Então você acha que se pode enular com facilidade um trio atacante que sabe jogar futebol? O padrão de jogo é uma necessidade, não resta dúvida mas a classe do jogador é uma arma eficiente. Sem classe que pode fazer um time de padrão? Lembro-me bem de quando o trio do scratch carioca era Oswaldo, eu e Nilo. Ninguém nos dizia nada. Agora chegamos em campo e nós três combinávamos uma forma de atacar. Se não produzia resultados, identificávamos rapidamente a forma do ataque. Se você agarrar um ataque que pode ensinar-lhe o w que na chancha ele fará o Z ou o Y.

- Mas o que acontece com o América é isso: vamos padronizar um time com os jogadores de clube. Temos um center-formard que se adiantará a qualquer dorma de ataque. Já com Gradim não

sucede o mesmo. A sua própria agressividade só se enquadra no ataque W. Quarenta anos de atraso.

-[...] Eu fico com a minha convicção – declarou Gentil. O campeonato de 34 vai desfazer muitas dúvidas, vai imprimir uma nova feição ao futebol carioca. Precisaremos recuperar os quarenta anos de atraso do nosso futebol. (JORNAL DOS SPORTS. Edição 00896. 10 de fevereiro de 1934)

A matéria publicada pelo *Jornal dos Sports* é uma entrevista com o novo técnico do América Gentil Cardoso, o qual aborda a transição do amadorismo para o profissionalismo, sistema que mesmo sendo regularizado ainda não havia sido implementado por diferentes regiões do Brasil. Cardoso visava uma nova organização técnica do quadro de sua equipe, pois agora com a transição as equipes precisavam se articular de diferentes formas, para se firmar nesse regime com sucesso e prosperidade.

Entretanto, o técnico afirma que irá trabalhar com um entusiasmo real, porque os clubes ofereceriam mais ferramentas, e, principalmente, padronizar o time com os jogadores. Ademais, Cardoso aponta as falhas dos times recém-profissionais, já que esses ainda não reconhecem a importância dos técnicos e preparadores, o técnico exposto no *Jornal dos Sports* afirma que, quando os craques jogam lado a lado, o trabalho aparece e acontece, destacando a importância de igualar as equipes.

Por fim, o novo técnico do América aponta que o campeonato de 1934 iria ser um “divisor de águas” pois irá mostrar uma nova face do futebol, já que esse esporte está 40 anos atrasado, enquanto outros países, a maioria da Europa já dominava esse sistema e algumas equipes da América do Sul trabalhavam com essa transição e sondavam jogadores brasileiros. Portanto, o principal objetivo dos técnicos, times, entidades de desportos era o progresso e o desenvolvimento do esporte, já que esse estava atrasado.

Simultaneamente, o Brasil enfrentava embates e contradições entre seus estados para a implementação do futebol profissional em todas as regiões, como mencionado, anteriormente, o futebol gaúcho era resistente a aplicação desse novo regime. Como nota-se na matéria publicada pelo *Jornal dos Sports* datada em 15 de fevereiro de 1934:

Um golpe de vista no futebol gaúcho: Ouvindo um paredro – “Não creio que o profissionalismo venha a ser implantado no meu estado”

Encontra-se presentemente nesta capital como *Jornal dos Sports*, já teve ensejo de registrar, o desportista gaúcho sr. José m. Fisbierrek, antigo diretor da AMGEA e do Sport Clube Americano, de Porto Alegre. Aproveitando uma sua visita à

nossa redação, tivemos ensejo de colher do jovem paredro, algumas impressões interessantes não só sobre o atual movimento do futebol gaúcho com acerca da questão profissionalista. A ausência no campeonato brasileiro:

- Tenho notado que a ausência dos gaúchos nos campeonatos brasileiros da CDB – Disse o nosso entrevistado –[...] O entrevistado abordou a questão do profissionalismo, dizendo:

- Não creio que o profissionalismo venha a ser implantado no meu Estado. As rendas lá não comportariam uma remuneração suficiente aos jogadores. Basta que lhe diga que a maior receita bruta até hoje conseguida em Porto Alegre foi de 42 contos, isso num match interestadual quando da turnê do Botafogo e numa época áurea de futebol. Naturalmente, se as leis da Federação Brasileira de Futebol permitirem a filiação de entidades exclusivamente amadoras, a adesão do Rio Grande pode ser ainda objeto de cogitações. Do contrário não. Uma surpresa: antes de concluir sua palestra, adiantou-nos sportman gaúcho:

- [...] A sua vitória de 2x1 sobre o Grêmio Porto-alegrense, constituiu uma façanha notável que deixou boquiabertos os nossos aficionados. Declarando-se cativo com as atenções de que foi alvo nesta capital, principalmente por parte do Botafogo F. C. O sr. José Fisbierrek despediu-se encerrando suas declarações. (JORNAL DOS SPORTS. Edição 00897. 15 de fevereiro de 1934)

Embora a matéria do *Jornal dos Sports* não tenha fotografia, ela exprime o vasto contraste entre as regiões brasileiras acerca da adesão ao profissionalismo. Assim o atleta gaúcho José Fisbierrek afirma que o futebol profissional não irá ser implementado no Sul e questiona a ausência dos gaúchos nos campeonatos organizados pela CDB. O “player” argumenta que esse sistema não comportaria uma remuneração suficiente aos jogadores. Assim, percebem-se as dificuldades financeiras encontradas pelos clubes de estados fora do Eixo Rio-São Paulo de regularizar o esporte e o torná-lo profissão.

Entretanto, a ausência da fotografia propõe uma reflexão, qual o objetivo do *Jornal dos Sports* de não publicar a imagem de um atleta que se posicionou contrário a profissionalização? Quando não se tem um rosto, é complexo imaginar as individualidades e os ideais dos sujeitos, e mesmo que sejam suposições, é interessante considerar o fato que jogadores, técnicos e diretores que se mostraram favoráveis ao profissionalismo foram expostos, enquanto aqueles que eram contrários em alguns casos não tinham seus rostos expostos, até mesmo para não influenciarem ou serem exemplo do apoio ao amadorismo da época.

Dessa forma, é evidente que a disputa entre o profissionalismo e o amadorismo se estendeu por anos, e assim como no Sul, havia embates em diferentes regiões, até mesmo

no estado carioca, o qual alguns times como o Fluminense, Vasco e Bangu já haviam profissionalizado o esporte, ao contrário do Botafogo, o qual demonstrou incertezas sobre a implementação do futebol regularizado, como se observa na publicação datada em 18 de março de 1934:



Dr. Paulo Azevedo, presidente do Botafogo F. C.

Profissionalistas de um lado e amadorismo de outro – completa desorganização dos esportes brasileiros – onde ficara o botafogo?

[...] Há muita confusão, muita coisa embaralhada. Há expectativa de que essa confusão ainda venha a ser grandemente aumentada, com uma desorganização completa nos sports brasileiros, com um movimento subversor, consequente de um plano que vem sendo estudado. É um plano para consolidar a vitória do profissionalismo regulamentado no Brasil. Segundo se murmureja, os clubes profissionalistas, em uma ação conjunta, projetam abandonar todas as entidades onde haja clubes amadores, falsos ou sinceros. De acordo com as informações colhidas, os clubes pertencentes à Liga Carioca de Futebol deixariam: a federação de Tenis, Federação Brasileira de Desportos Aquáticos. Isto viria enfraquecer sensivelmente as duas citadas entidades e, por consequência a CDB. Repercussão em São Paulo: O movimento, projetado estende-se- la a São Paulo. Os clubes filiados à divisão principal da APEA. Abandonariam a: Federação Paulista de Tenis, a de Atletismo, a de Bola ao Cesto, a de Remo, e fundariam outras instituições, completamente desligadas da CBD. Onde ficará o Botafogo?

O Botafogo. F. C foi um inimigo intransigente do profissionalismo regulamentado. Parecia irreconciliável. Deu-se depois o milagre, a conversão. Os inimigos do profissionalismo renegaram completamente as suas ideias e tornaram-se crentes fervorosos do regime que combateram. Foi uma das maiores vitórias do profissionalismo, miraculosa e surpreendente conversão do Botafogo.[...] É agora, fanaticamente favorável ao profissionalismo regulamentado. O Botafogo, que já é um clube integralmente de profissionais, onde se erguem todos indignados investindo contra os que atacavam o profissionalismo, em que situação ficará? Ele que: agora é convictamente profissionalista, ficará ao lado dos amadoristas ou dos profissionalistas? A favor de quem se manifestar os oradores alvi-negros, os que tanto falaram na Radio Guanabara. (JORNAL DOS SPORTS. Edição 00924. 18 de março de 1934)

A matéria, inicialmente, menciona as dificuldades e a instabilidade dos esportes brasileiros, além de abordar a ação conjunta de times profissionais de abandonar as entidades que abarcam as equipes amadoras. Nesse sentido, o Botafogo F. C como escrito na reportagem “um inimigo intransigente do profissionalismo regulamentado” e tornaram-se “crentes fervorosos do regime”, o presidente do time Paulo Azevedo demonstra preocupação sobre a situação da equipe alvinegra. Assim, percebe-se uma

mudança de posicionamento do time carioca, já que este já tinha um elenco totalmente profissional a sua disposição.

Nesse sentido, o Dr. Paulo Azevedo o presidente do Botafogo disserta sobre essa transição para o profissionalismo em seu clube, como apresentado também na matéria seguinte, publicada em 28 de março de 1934:



“A mesma unanimidade que, nas fileiras do Botafogo, considerava o profissionalismo uma praga social – adotá-lo irrestritamente aprovado todos os atos nesse sentido tomados pela diretoria do campeão entre 1930” Título em garrafal da primeira página. Aprovada a implantação do profissionalismo no Botafogo - A mesma unanimidade com que se repelira o regime, ele foi aceito ontem, pelo poder máximo botafoguense. Aplaudidos todos os atos realizados pela diretoria

Foi de indiscutível importância, a reunião do Conselho deliberativo do Botafogo, ontem à noite realizada. Compareceram nada menos de 65 conselheiros e numerosos sócios. Aberta a sessão, foi lido o relatório apresentado pela diretoria, o qual mereceu aprovação geral. Logo após, pediu a palavra o dr. Paulo Lyra, que propôs o seguinte:

- 1ª Que sejam aprovados todos os atos da diretoria.
- 2ª que sejam outorgados poderes plenos e gerais à diretoria para agir como melhor consultar os interesses do Botafogo.
- 3ª Um voto de aplauso a irrestrita solidariedade à diretoria pela sua criteriosa ação.

Posta a votos a proposta acima, foi ela unanimemente aprovada. O Dr. Gabriel Bernardes solicitou ao Conselho que fossem dados poderes especiais a diretoria para na AMEA, votar pela adaptação dos estatutos desta ao da CBD. Em homenagem à memória de Paulinho. Todos os presentes se mantiveram de pé e em silêncio por um minuto. Foi designada uma comissão de 10 conselheiros para, hoje, assistir à missa de Paulinho.[...] Com essa sua atitude, o Conselho Deliberativo do Botafogo reconheceu, por uma unanimidade expressiva de modo categórico, que não tinha nenhuma razão quando investiu contra o profissionalismo.[...] (JORNAL DOS SPORTS. Edição 00932. 28 de março de 1934)

Assim como a matéria anterior, o Botafogo F. C considerava o profissionalismo uma “praga social”. Entretanto, posteriormente a mesma unanimidade que condenava esse sistema, aprovou o novo regime e sua diretoria foi aplaudida pela nova decisão. Assim, o presidente do clube, Paulo Azevedo foi um dos grandes nomes para essa regulamentação, visto que “com a sua atitude o conselho deliberativo do Botafogo, aprovou oficialmente e por unanimidade a adoção do profissionalismo.

O *Jornal dos Sports* evidencia uma “metamorfose surpreendente” do clube ao mudar radicalmente de posição acerca dessa regulamentação, isso pois o clube carioca reconheceu de modo categórico, que não tinha nenhuma razão quando investigou contra o profissionalismo. O periódico assim como as ligas profissionais ovacionavam essa decisão, entretanto, a principal motivação era primeiramente o desenvolvimento moral, físico dos atletas e o progresso do futebol brasileiro. Essa era a prioridade do *Jornal dos Sports*, recuperar um atraso de quase 40 anos. A luta que envolvia atletas e juízes por melhores condições de vida, remuneração e cobertura médica era uma preocupação exclusiva desses sujeitos, porém noticiadas pela gazeta para fortalecer o discurso da regularização.

A seguir, pretendo aprofundar a questão política que envolvia o período, ou seja, compreender as medidas realizadas durante o período do Governo provisório de Getúlio Vargas, que se relacionam com a saúde e o trabalho e como essas deliberações se relacionavam com o futebol. Por fim, aspiro analisar a atuação do *Jornal dos Sports* acerca dessas temáticas durante esse momento.

CAPÍTULO III - As políticas e intervenções relacionadas a saúde e ao trabalho no mundo dos esportes durante o governo de Getúlio Vargas (1930-1934).

3.1 . A política sanitaria do Governo Provisório de Getúlio Vargas e os impactos na saúde e da educação física publicados pelo *Jornal dos Sports*.

Após 1930, temos o início da Era Vargas, e os primeiros anos marcados pelo Governo Provisório, nesse sentido, o país passava por transformações sociais, políticas e econômicas, a busca pela industrialização e a não dependência com as atividades agroexportadoras, além do rompimento com as práticas vistas como ultrapassadas e arcaicas da Primeira República são uma das particularidades desse momento. Assim, inicia-se, como aponta Boris Fausto, em sua obra *História do Brasil*⁹⁶ a busca pelo desenvolvimento intelectual e físico da nação. Getúlio Vargas visava formar uma elite amplamente erudita e bem preparada, com pautas para combater o analfabetismo. Dessa forma o sistema educacional partia do centro para as periferias.⁹⁷

Nessa conjuntura, a educação física e intelectual está diretamente relacionada aos estudos eugenistas e as práticas higienistas desde a década de 1910, como já discutidas anteriormente. Entretanto, faz-se necessário entender como essa política eugênica é utilizada durante o Governo Provisório e perceber a raça e a cor relacionadas ao discurso de nacionalidade. Desse modo, Leonardo Dallacqua de Carvalho e Fabiana Lopes da Cunha, em seu artigo “Em busca do tipo eugênico nacional: uma discussão sobre cor e raça nas caricaturas da Revista Careta (1930-1934)”⁹⁸, evidenciam como a eugenia ganhou um contorno singular nos trópicos brasileiros e foi utilizada como legitimadora de propostas de políticas sanitárias durante os primeiros anos da Era Vargas.

Na tentativa de romper com o antigo sistema e compreender a identidade do povo brasileiro a eugenia não era apenas uma pauta médica, mas também política. Visto que, Getúlio Vargas se atentava as políticas de imigração, visto que muitos governantes da época e intelectuais declararam sua insatisfação com a vinda de japoneses, chineses e negros para o país. Isso pois uma das prioridades de Vargas era regulamentar a questão

⁹⁶ FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo. Edusp 2013

⁹⁷ *Ibidem*, pp. 288.

⁹⁸ CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. CUNHA, Fabiana Lopes da. Em busca do tipo eugênico nacional: uma discussão sobre cor e raça nas caricaturas da Revista Careta (1930-1934). *Tempos Históricos*. Volume 19. 2015.

da imigração, tanto para atrair trabalhadores supostamente saudáveis,⁹⁹ quanto para evitar a entrada de sujeitos degenerados.

Outra preocupação era estender as medidas sanitárias para a população rural e promover o “aperfeiçoamento da eugênico da raça”¹⁰⁰, embora os autores utilizem as caricaturas como fonte, é interessante refletir sobre as diversas maneiras que percebemos a eugenia e as práticas higienistas nesse momento, tanto na *Revista Careta* quanto no *Jornal dos Sports*.

Nesse sentido, Vanderlei Sebastião de Souza, em seu artigo “Eugenia racismo científico e antirracismo no Brasil: debate sobre ciência e imigração no movimento eugênico brasileiro (1920-1930)”¹⁰¹, discute sobre como as instituições estatais almejavam intervir na saúde pública, na educação e na assistência social. Já que, Vargas entendia como alternativas a possibilidade da intervenção das práticas eugênicas tanto em assuntos de reforma social, quanto nas medidas de seleção racial, sobretudo de controle imigratório, visto que, a preocupação em torno da identidade nacional projetou o debate sobre a eugenia e a imigração o caminho para a regeneração do país.

Ademais, Leonardo Dallacqua de Carvalho, em sua dissertação de mestrado “A eugenia no humor da Revista Ilustrada: raça e cor no Governo Provisório (1930-1934)”¹⁰² aponta que a eugenia era uma ferramenta teórica para aqueles que viam um perigo na imigração para a unidade nacional e evidencia que a eugenia atendia a interesses políticos, teóricos e pessoais, dos intelectuais e membros do governo.

Evidencia-se uma urgência da parte do governo de colocar em prática essas novas reformas na área de saúde no Brasil, já que é nos primeiros anos do Governo Provisório que Getúlio Vargas cria o Ministério da Educação e da Saúde Pública, embora essas novas instituições não tivessem mudanças transformadoras inicialmente, foi uma tentativa nítida de controle estatal. Assim, Gilberto Hochman discute em seu trabalho “Reformas,

⁹⁹ GERALDO, Endrica. O “perigo alienígena”: política imigratória e pensamento racial no governo Vargas (1930-1945). Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 2007.

¹⁰⁰CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. CUNHA, Fabiana Lopes da. Em busca do tipo eugênico nacional: uma discussão sobre cor e raça nas caricaturas da Revista Careta (1930-1934). Tempos Históricos. Volume 19. 2015. Pp. 229

¹⁰¹ SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Eugenia racismo científico e antirracismo no Brasil: debate sobre ciência e imigração no movimento eugênico brasileiro (1920-1930). Revista Brasileira de História. São Paulo. v. 42, nº 89, 2022

¹⁰² CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. A eugenia no humor da Revista Ilustrada Careta: raça e cor no Governo Provisório (1930-1934). Dissertação de Mestrado. Assis: UNESP, 2014.

instituições e políticas de saúde no Brasil (1930-1945)”¹⁰³ como o estado varguista criou mecanismos para o controle e ordem do desenvolvimento da nação.

A criação do Serviço Especial de Saúde Pública e das Delegacias Federais de Saúde são exemplos explícitos de uma política administrativa que visava centralização e verticalização das ações estatais. Isso devido ao interesse do Governo Federal em ampliar a sua presença nas diferentes regiões do país, implementando e supervisionando as ações de saúde pública¹⁰⁴. Assim, cada delegacia funcionava como um membro do Ministério, fazendo com que o estado tenha o controle sanitário em todo país, pois eram realizadas periodicamente Conferências Nacionais de Saúde, as quais todas as delegacias de todos os estados se reuniam em um fórum nacional para prestação de contas e discutir implementações sanitárias, como a prevenção e o combate de doenças.

Essas conferências também eram executadas na área da educação, e mais uma vez percebe-se a relação direta entre saúde e educação, tanto física como intelectual, visto que havia políticas assistencialistas voltadas à maternidade e à infância. Nesse contexto, Cristina Maria Oliveira Fonseca, em seu trabalho “A saúde da criança na política social do Primeiro Governo Vargas”¹⁰⁵, reflete como os estudos sobre as políticas de saúde se inserem no espaço mais abrangente das políticas sociais e evidencia a preocupação estatal com a criança, particularmente, com a mortalidade infantil, o menor abandonado e a delinquência infantil.

A lógica do período era resumida em defender os direitos das crianças, pois significava resguardar a própria nação, a imagem dessas estava associada a nova nação que o governo almejava construir. Assim, esse progresso seria feito em fases, primeiramente, trabalhar a infância, modelar o futuro cidadão e por fim, mudar os rumos do país, havia um interesse médico pelas crianças em um momento em que se verifica uma preocupação com a identificação da população em geral¹⁰⁶ e com a formação da “raça brasileira”¹⁰⁷.

¹⁰³ HOCHMAN, Gilberto. Reformas, instituições e políticas de saúde no Brasil (1930-1945). Educ. Rev. [online]. 2005, n.25, pp.127-141

¹⁰⁴ Ibidem, pp. 132

¹⁰⁵ FONSECA, Cristina Maria Oliveira. A saúde da criança na política social do Primeiro Governo Vargas. PHYSIS - Revista de Saúde Coletiva. Voi. 3, Número 2, 1993.

¹⁰⁶ Ibidem, pp. 105

¹⁰⁷ CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. CUNHA, Fabiana Lopes da. Em busca do tipo eugênico nacional: uma discussão sobre cor e raça nas caricaturas da Revista Careta (1930-1934). Tempos Históricos. Volume 19. 2015. Pp: 228

O projeto político definia que a população deveria ser educada para melhorar suas condições de vida, desse modo, a eugenia, o saneamento e a higiene individual se complementavam no objetivo maior que seria gerar e criar um homem perfeito sadio. Assim, era cabível o Estado assumir o lugar da família, quando necessário, para que as crianças se desenvolvessem de forma equilibrada, com saúde e educação para que estivessem preparadas de forma adequada para o trabalho.

Percebe-se assim, que a postura política de saúde voltada para as crianças tem um caráter autoritário e intervencionista, pois o progresso físico e intelectual precisava ser assegurado por meio de medidas que visavam um controle minucioso da criança, cuja ênfase recaía sobre as atividades de educação e saúde¹⁰⁸. Essa era uma das alternativas para alcançar um novo país, portanto, nota-se que a saúde era um problema administrativo e não só a resposta técnica as questões sociais, pois fazia parte do projeto de construção nacional.¹⁰⁹ Assim, o estado varguista objetivava organizar, centralizar e profissionalizar a saúde pública, mantendo-a fortemente associada ao ideário de construção da nacionalidade por meio de um Estado forte e autoritário.

Como já traçada a relação entre educação e saúde e o desenvolvimento da infância com o progresso da nação durante o Governo Provisório, Getúlio Vargas utiliza do rádio, por exemplo, e de sua relação com as massas para discursar a respeito da criação e da evolução da “raça brasileira”, como observa-se no manifesto à nação intitulado *A Nação Brasileira*¹¹⁰, de 14 de maio de 1932:

A defesa sanitária — saneamento e higiene — estendendo-a, principalmente, às populações rurais, até hoje abandonadas e, pelo aperfeiçoamento eugênico da raça, apressar o progresso do país. Para dar realidade a essa velha aspiração, foi criada uma taxa especial, com a capacidade de fornecer os recursos necessários. (VARGAS, 1932:26)

¹⁰⁸ FONSECA, Cristina Maria Oliveira. A saúde da criança na política social do Primeiro Governo Vargas. *PHYSIS - Revista de Saúde Coletiva*. Voi. 3, Número 2, 1993. Pp. 109

¹⁰⁹ FERNANDES., Suzana César Gouveia. (2007). Saúde no Governo Vargas (1930- 1945) – Dualidade institucional de um bem público. Rio de Janeiro, Editorial Fiocruz, 2007. *Cadernos De História Da Ciência*, 3(1), 215–219. <https://doi.org/10.47692/cadhistscienc.2007.v3.35718>

¹¹⁰ BIBLIOTECA DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Manifesto à Nação, do Exmo Sr. Dr. Getúlio Vargas, Chefe do Governo provisório, lido, por S. Ex. Em sessão solene, no edifício da Câmara dos Deputados em 14 de maio de 1932.

Discurso que se mantém e se elabora no natal no ano de 1939, intitulado *O Bem-Estar e a Saúde das mães e das Crianças*,¹¹¹ como observa-se:

Acredito que este desejo de melhorar a raça, de dar ao país gente forte e sadia. encontre ampla compreensão em todos os setores das atividades nacionais . E é por isso que concito os homens de sentimentos nobres. as mulheres - sempre inclinadas aos gestos de bondade e heroísmo - os médicos conscientes de sua missão e, especialmente as pessoas de fortuna, ao dever de aplicar em obras de filantropia e assistência social parte do que lhes sobeja, se não desejam ser apontados como egoístas endurecidos e simples amealhadores de pecúnia. (VARGAS, 1932:157)

Assim, o chefe de estado pensa o sentido eugênico da raça ligado a problemas de sanitarismo, higiene, a maternidade e a infância para equilibrar os indivíduos da mesma forma que pensa que a educação, tanto a física quanto a intelectual, é uma alternativa para o progresso da sociedade brasileira. Nesse sentido, Getúlio Vargas é mencionado periodicamente no *Jornal dos Sports*, aparecendo em eventos cívicos, participando de eventos esportivos, sendo em alguns casos homenageado pelos clubes da época e saudado pelos militares que participavam de ocasiões esportivas.

Como já discutido, o presidente usava de políticas para o controle sanitário e higiênico da população e o esporte, especialmente, o futebol também será um campo de disputa entre o governo federal e entidades privadas. E na tentativa de entender a identidade brasileira, usa o jogo da bola em benefício próprio para restaurar a sua imagem pública como chefe de governo. Desse modo, o *Jornal dos Sports* explora em suas páginas o envolvimento de Getúlio Vargas com o esporte, como observa-se na matéria publicada em 1931, datada em 11 de agosto:



Os gaúchos enfrentarão o Fluminense – O match será quinta feira, à noite, com a presença do chefe do Governo Provisório. [...] O Dr. Getúlio Vargas convidado a assistir ao jogo dos gaúchos. O comendador Oscar da Costa presidente do Fluminense foi convidar ontem GV para assistir ao jogo. (JORNAL DOS SPORTS. Edição 00128. 11 de agosto de 1931)

Na foto Demosthenes, jogador do Fluminense.

¹¹¹ G. Vargas, *O Bem-Estar e a Saúde das Mães e das Crianças*. discurso proferido no Natal de 1939, apud *A Nova Política do Brasil*. Rio de Janeiro. J. Olympio, s/do p. 157.

A publicação evidencia o convite feito pelo presidente Oscar da Costa, do Fluminense para o chefe de Estado, Getúlio Vargas para assistir “o match”¹¹². É importante refletir que a matéria é de 1931, ou seja, ainda no início do Governo Provisório, marcado por instabilidades, isso pois as oligarquias, principalmente, a paulista estava extremamente insatisfeita com o governo e sua proposta de unidade e centralizadora. Entretanto, os clubes do Rio de Janeiro, como o Fluminense, os quais a maioria era controlado pela elite, já realizavam convites de jogos para o presidente.

Além disso, faz-se necessário questionar a fotografia escolhida pelo *Jornal dos Sports*, o qual opta por um jogador importante do fluminense, sendo esse disciplinado e educado, tendo as características exigidas na época. Mas o presidente Getúlio Vargas é raramente apresentado no periódico com fotografias, principalmente no início de seu governo, entre 1930-1934. As justificativas podem ser várias, mas é interessante refletir a questão de que frequentemente os clubes brasileiros convidam o presidente para partidas, as aparições de Getúlio Vargas em eventos esportivos e cívicos são comuns e constantemente exibidas no jornal, entretanto, sua figura é pouco exposta.

Em outras publicações que envolvem o chefe de estado, sua foto ainda não é exposta, o *Jornal dos Sports* opta, na maioria dos casos em retratar outros sujeitos, como observa na matéria publicada em 11 de junho de 1932:



O presidente da CBD sobre o chefe de governo: não me julgo ainda autorizado a particularizar o que consegui do Dr. Getúlio Vargas para nossos atletas. Pode entretanto, tornar público que eu continuo considerando o chefe do governo provisório como um grande benemérito dos esportes nacionais. [...] Soubemos depois de uma conferência com o Dr. Getúlio Vargas, chefe do Governo Provisório, cujo principal assunto foi a representação do Brasil nas Olimpíadas de 1932, em Los Angeles. (JORNAL DOS SPORTS. Edição 00128. 11 de junho de 1932)

A matéria trata de uma entrevista feita pelo *Jornal dos Sports*, ao presidente da CBD, Renato Pacheco, o qual destaca a figura de Getúlio Vargas como um dos principais beneméritos dos esportes. Uma vez que havia uma preocupação do Governo Federal com

¹¹² *Jornal dos Sports*. Edição 000128. 1931

os atletas que iriam para as Olimpíadas de 1932, realizada em Los Angeles. Mesmo com o destaque do chefe de estado na matéria, o Jornal dos Sports, opta novamente por evidenciar outra figura, sendo essa o presidente da CBD, a qual era a principal organização de futebol da época.

Assim, questiona-se que de fato, o importante era o que um dos principais representantes do futebol, o Sr. Renato Pacheco, achava a respeito do Chefe de Estado. Visto que, o governo passava por instabilidades ainda nesse início e com os eventos esportivos internacionais como as Olimpíadas, o Brasil precisava estar pronto, ou seja, com seus atletas desenvolvidos física e moralmente, para impressionar o mundo e mostrar o progresso e a capacidade da raça brasileira. A cultura física deveria ser estimulada, apreciada e provada para todos, já que, assim como discutida anteriormente a grandeza física era um dos planos políticos visados por Vargas.

Pode-se perceber que a busca pela progresso físico dos atletas eram uma das temáticas que o chefe do Governo Provisório se atentava, como nota-se na matéria publicada em 27 de novembro de 1932:

Fortalecemos a atlética de hoje para a grandeza física do Brasil de amanhã: Inaugurado ontem o Ginásio Leite de Castro, o C.M de Cultura Física apresentou aspectos surpreendentes: Como falaram grandes patentes do nosso exército sobre o Esporte Regenerador, que será a redenção da raça em futuro não muito remoto. [...] A direita aparece o chefe do Governo Provisório, quando chegava ao local sendo recebido pelo tenente-coronel Newton de Andrade, Dr. Herbet Moses e Renato Pacheco. Ao centro está o general Leite de Castro, cercado de oficiais, a falar sobre a obra dos seus companheiros de armas, em benefício do esporte. No medalhão da direita, o chefe do governo aparece dizendo do seu entusiasmo pelo centro militar de cultura física. (JORNAL DOS SPORTS. Edição 00528. 27 de novembro de 1932)



A publicação permite refletir sobre diversos pontos, o primeiro seria o envolvimento dos militares com as atividades esportivas, esses que eram aliados de Getúlio Vargas, o qual também tem em suas origens o Exército. Outrossim, o título da matéria evidencia uma das principais pautas já discutidas nesse trabalho, “fortalecemos a atlética hoje para a grandeza física do Brasil amanhã”¹¹³, ou seja o incentivo e o financiamento de centros atléticos, estádios e o incentivo ao esporte no geral é a primeira fase para atingir o objetivo de tornar o Brasil uma nação com novos cidadãos, valorizados, desenvolvidos moral e fisicamente.

Por fim, é possível perceber e refletir sobre o envolvimento de Getúlio Vargas acerca dos esportes e atividades físicas, as quais são práticas de aperfeiçoamento da raça brasileira, ao ser fotografado com outros membros do exército, não apenas é reforçado o estímulo, o apoio e a responsabilidade do Governo Federal com os esportes, há também um possibilidade de que os militares na foto ao lado do chefe de estado são tidos como exemplos para os cidadãos, pois esses eram vistos como fortes e saudáveis, e o cidadão que quisesse o progresso da nação, deveria se dedicar as práticas desportivas.

A seguir, pretendo aprofundar a política trabalhista de Getúlio Vargas que envolvia o período do Governo Provisório, além de relacionar essas medidas com debate entre o profissionalismo x amadorismo do futebol brasileiro. Além de compreender e analisar como o *Jornal dos Sports* envolvia o chefe de estado nesse debate sobre a regularização.

3.2 Direitos trabalhistas no esporte: Getúlio Vargas e as medidas trabalhistas no futebol pelas lentes do *Jornal dos Sports*

Com o início da Era Vargas, o projeto político para a industrialização e a modernização do país foram uma das principais aspirações. Assim, o movimento operário brasileiro, que já se organizava desde as décadas de 1910 e 1920 se mobilizaram ativamente na busca pelos dos direitos trabalhistas. A pressão social por um lado foi positiva, as medidas de Getúlio Vargas como a criação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, férias, mínimo de 8 horas por dia e a previdência semanal foram concedidas. Entretanto, o estado varguista objetivava reprimir os esforços organizatórios da classe trabalhadora, passando a ter controle total dos sindicatos para evitar conflitos entre patrões e operários.

¹¹³ *Jornal dos Sports*. Edição 00528. 1932

Tal qual indica Boris Fausto em seu livro *História do Brasil*, o Governo Federal se atribuiu um papel de controle da vida sindical, determinando que funcionários do ministério assistissem às assembleias dos sindicatos. Ou seja, a legalidade de um sindicato dependia do reconhecimento ministerial, e caso não fosse, poderia ser cassado quando se verificasse o não cumprimento das normas, sendo assim, no final do ano de 1933, o sindicalismo autônomo desaparecerá e os sindicatos haviam se enquadrado na legislação.¹¹⁴

Com os direitos trabalhistas concedidos, uma grande parcela da população, especialmente pertencente a classe trabalhadora urbana saudavam e cultivavam um sentimento de gratidão pelo chefe de estado. Como aponta Lira Neto em seu livro *Getúlio do governo provisório à ditadura do Estado Novo (1930-1945)*¹¹⁵, o objetivo era tornar o proletário como uma força orgânica de cooperação do Estado, e não mantê-los em desamparo com a lei¹¹⁶. Era fundamental que essa nova classe contemplada pelas políticas de Vargas cultivassem esse reconhecimento com o novo governo.

Nesse sentido, era frequente que em eventos cívicos, esportivos, datas históricas fossem comemoradas em estádios e fossem cantadas uma compilação de músicas extremamente patrióticas. As canções exaltavam o país, incentivavam o respeito à bandeira, o amor à nação, o valor da disciplina e do trabalho e, principalmente, celebravam um novo Brasil, moderno e industrializado. Era como se Vargas conduzisse a política como um negócio, seguindo suas próprias regras e realizando combinações e arranjos políticos que lhe serviam para manter o mando.¹¹⁷

Com essas medidas, o Governo Provisório conseguiu estabelecer tanto no âmbito federal quanto estadual um Estado forte e centralizado. Nessa conjuntura, Carlos Eduardo França, em seu trabalho “Direitos sociais e identidade operária: o poder da ideologia trabalhista no governo de Getúlio Vargas”¹¹⁸ evidencia que durante esse período o Estado concentrava as principais decisões de construção de uma ideologia de classe dos trabalhadores em torno das medidas do Governo Vargas. França aponta que o governo

¹¹⁴ FAUSTO, Boris. *História do Brasil*. São Paulo Edusp. 2013. Pp. 287

¹¹⁵ NETO, Lira. *Getúlio do governo provisório à ditadura do Estado Novo (1930-1945)*. Companhia das Letras. 2013

¹¹⁶ *Ibidem*, pp. 129

¹¹⁷ SCHWARCZ, Lília M.; STARLING, Heloísa M. *Brasil: uma biografia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

¹¹⁸ FRANÇA, C. E., & Cabral, R. L. (2016). Direitos sociais e identidade operária: o poder da ideologia trabalhista no governo de Getúlio Vargas (Brasil, 1930-45). *Revista Eletrônica Do Curso De Direito Da UFSM*, 11(2), 634–653. <https://doi.org/10.5902/1981369421961>

conduzia a identidade da classe dos trabalhadores através da invenção da ideologia trabalhista criada pelo governo. Assim, os direitos sociais resumiam-se apenas aos direitos trabalhistas, já que as medidas estatais criadas construíram uma cidadania restringida, com baixa representatividade.

Além disso, o autor aponta que da mesma forma que a política trabalhista concedeu direitos aos trabalhadores, ela os sufocou organizacionalmente, controlando os sindicatos, as medidas culturais e esportivas também eram pautas que o governo Vargas aspirava ter domínio. Desse modo, como já discutido anteriormente o Estado se preocupava com a educação física, as práticas de esporte e o trabalho, o futebol podia ser tratado como um instrumento usado pelo chefe de estado para conciliar as massas. Como nota-se no discurso proferido por Getúlio Vargas:

Os desportos, sobretudo o futebol, exercem uma função social importante. A paixão desportiva tem poder miraculoso para conciliar até o ânimo dos integralistas com o dos comunistas ou, pelo menos, para amortecer transitoriamente suas incompatibilidades ideológicas. (...) É preciso coordenar e disciplinar essas forças, que avigoram a unidade da consciência nacional.¹¹⁹

Tais dizeres evidenciam a importância do esporte para a sociedade brasileira, por ter uma importante função social. Entretanto, o esporte, principalmente, o futebol perpassa por discussões trabalhistas, visto que, enquanto os jogadores, juizes e árbitros de linha se mobilizavam em busca de melhores condições de vida e trabalho, as principais entidades e dirigentes de clubes pertenciam a elite e defendiam o sistema amador. Assim o Estado tinha como objetivo controlar ou pelo menos mediar esse processo de profissionalização, tornando os esportes profissões regulares de forma pacífica.¹²⁰

Nesse sentido, Luís Carlos Ribeiro aponta em seu artigo “O futebol na proposta autoritária e corporativista”, busca analisar a reestruturação do sistema organizativo do futebol brasileiro ocorrido na Era Vargas. É fundamental compreender que a construção do autoritarismo corporativo de Vargas foi possível com a participação ativa de diversos segmentos da sociedade, incluindo os agentes esportivos¹²¹. Além disso, embora a disputa

¹¹⁹ Getúlio Vargas apud João Lyra Filho. Introdução à psicologia dos desportos. Rio de Janeiro: Record, 1983. p. 128.

¹²⁰ RIBEIRO. Luís Carlos. O futebol na proposta autoritária e corporativista. Topoi (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 22, n. 46, p. 160-181, jan./abr. 2021 | www.revistatopoi.org

¹²¹ Ibidem, pp. 163

entre profissionalismo x amadorismo ter antecedido ao Governo Provisório, há uma relação entre a regulamentação da profissão com a ascensão de Getúlio Vargas.

Assim como os direitos trabalhistas foram conquistados pelo movimento operário e conseqüentemente tiveram seus sindicatos e organizações sufocados, a profissionalização do futebol traria as melhores condições médicas e de trabalho e por conseguinte o jogo da bola estaria sob intervenção direta do Estado. Visto que, o esporte já tinha uma certa relevância em algumas competições internacionais, e no plano diplomático ele não deveria ser negligenciado. Esse momento, foi marcado por diversas contradições, isso pois havia disputas entre diferentes sujeitos, como governantes, dirigentes das entidades, atletas e juízes.

Desse modo, o *Jornal dos Sports*, como já abordado nesse trabalho publicava matérias relacionadas ao debate entre profissionalismo x amadorismo, essa disputa envolveu diferentes sujeitos. Porém, faz-se necessário analisar a posição do Estado diante desse debate, visto que em 1933 o futebol já havia sido regularizado como profissão por alguns clubes. Nesse sentido, observa-se a matéria publicada pelo periódico datado em 25 de fevereiro de 1933:

Levado a efeito o golpe da Amea contra os fundadores da Liga Carioca de Futebol – reunidos em assembleia geral os clubes da entidade amadorista, ficou deliberado o desligamento do Vasco, Fluminense, Bangu e América – considerando haver falta de elementos para igual medida contra ao Bomsussesso. [...] Conhecido o propósito dos amadoristas de, com um golpe de força visivelmente ilegal, desligar da Amea os clubes que se encontram na Liga Carioca, estabeleceu-se enorme expectativa em torno da assembleia geral. [...] A cidade aguardava com interesse os acontecimentos que se esperava esse momento, em que a Amea, pela voz de uma Assembleia declarava guerra formal a Liga Carioca de Futebol. [...] Os aludidos clubes fundaram uma liga carioca de qual reconheceram a única dirigente do futebol do Distrito Federal, quer profissional, quer amador. (JORNAL DOS SPORTS. Edição 00605. 25 de fevereiro de 1933)



Uma pequena parte da numerosa assistência que acompanhou os trabalhos da assembleia realizada ontem, na sede da Amea, vendo-se, no primeiro plano alguns dos representantes.

A matéria exibida pelo *Jornal dos Sports* demonstra nitidamente o embate entre entidades que possuem objetivos diferentes, a AMEA buscava o controle de clubes como Vasco, Fluminense e Bangu e aspirava manter o amadorismo como sistema que rege o futebol. Entretanto, esses clubes criam uma própria liga, a Liga Carioca de Futebol, na qual o profissionalismo é uma alternativa possível para aqueles que ansiavam por essa mudança. Em consequência os clubes foram desligados da AMEA.

A publicação é apenas uma das diversas que apresentam a disputa não só dentro dos estádios de futebol, mas sobre quais entidades teriam o controle político dos clubes e campeonatos. Embora pouco mencionado o Governo Federal mantém o interesse nessas decisões, visto que, os membros de entidades e dirigentes são compostos por empresários e membros da elite, enquanto os astros do jogo são aqueles trabalhadores ainda não reconhecidos mas que buscavam melhores condições de vida.

A fotografia apresenta os membros e representantes da AMEA em uma assembleia deliberativa, possíveis membros da elite carioca que buscava o controle do futebol no distrito federal. A entidade “declarava guerra formal”¹²² a liga carioca que almejava autonomia e profissionalismo para os atletas e conseqüentemente um progresso para o esporte. O *Jornal dos Sports*, evidencia que a cidade do Rio de Janeiro esperava ansiosamente pelas definições. É interessante refletir que são esses os homens que fazem parte do debate e das resoluções que envolvem o profissionalismo x amadorismo, homens brancos, da elite e postos como intelectuais, a ausência de juizes e dos atletas nas assembleias e reuniões evidenciam como foi e por quem foi conduzido a regulamentação

¹²² *Jornal dos Sports*. Edição 00605. 1933

do esporte como profissão: pela alta-sociedade, de forma gradativa e relutante. O Estado Vargasista participa dessas definições em diferentes momentos, a preocupação com os eventos internacionais e a construção de centros esportivos e estádios são uma das principais marcas, além do incentivo do esporte entre membros do exército. Como nota-se na matéria publicada pelo periódico em 16 de novembro de 1934, já no desfecho do Governo provisório:



O Chefe do Governo, Dr. Getúlio Vargas, entre autoridades

Inaugurado as instalações esportivas da polícia especial – a presença do chefe do governo na praça dos esportes Dr. Pedro Ernesto Inaugurado as instalações esportivas da polícia especial – a presença do chefe do governo na praça dos esportes Dr. Pedro Ernesto: Nos terrenos do seu quartel no morro de Santo Antonio a Polícia Especial fez construir o seu novo campo para exercícios físicos, que recebeu a denominação de Praça dos Esportes Dr. Pedro Ernesto. [...] O ato de inauguração oficial verificou-se ontem, tendo comparecido o chefe do governo, Dr. Getúlio Vargas. [...] Após a inauguração os milicianos fizeram uma atraente serie de exhibições atléticas, que mereceram calorosos aplausos. (JORNAL DOS SPORTS. Edição 01075. 16 de novembro de 1934)

Na legenda: O chefe de governo, Dr. Getúlio Vargas entre autoridades.

O *Jornal dos Sports* novamente aponta a presença do Presidente da República em eventos esportivos que envolvem instituições policiais. Nessa em específico, tratava da inauguração de um espaço dedicado para as práticas físicas, no qual a Polícia Especial se beneficiou de seu novo campo para exercícios. Nessa celebração os policiais realizaram uma série de exhibições atléticas, mostrando seus corpos fortes e vigorosos para o público.

Esses policiais atléticos seriam o exemplo para uma população que era antigamente degenerada e necessitava de políticas sanitárias para seu aperfeiçoamento moral, intelectual e físico. Nesse sentido, Vargas e suas medidas políticas se atentaram ao incentivo dos esportes e da implantação da educação física para criar uma nação com novos homens e mulheres que fossem reconhecidos internacionalmente como cidadãos vigorosos.

Por fim, a fotografia exposta pelo *Jornal dos Sports* demonstra Getúlio Vargas com outras autoridades policiais, evidenciando o apoio estatal e sua influência em outras instituições do país. A dedicação para o controle dessas práticas aconteceram durante o Governo Provisório para influenciar academias policiais, o exército, além da interferência no esporte, já que era necessário o progresso dessas práticas para o reconhecimento internacional, além do aperfeiçoamento da raça.

Considerações Finais:

Este trabalho refere-se a um exercício de análise de imprensa como fonte histórica, sendo essa uma fonte com diversificadas possibilidades de investigação. Escolher a temática esportiva, especificamente, o futebol dentro do campo da ciência, do trabalho e da política, foi necessário realizar diferentes perguntas, as quais envolviam diferentes sujeitos, trabalhadores, médicos, políticos, membros da alta sociedade durante a década de 1930. Para realizar essa pesquisa, foi indispensável retornar aos anos passados, para compreender e responder algumas perguntas, além de realizar novas.

Ao decorrer da pesquisa, por exemplo no primeiro capítulo, para falar sobre saúde e educação física, era necessário retornar as discussões da eugenia no Brasil, as quais não aconteceram apenas com a chegada de Vargas no Poder, já estavam no campo de disputa em todas as questões sociais do Brasil, não apenas no esporte, mas também na maternidade, na infância e na questão da imigração. No segundo capítulo para compreender a mobilização de atletas e juízes na busca por melhores condições de trabalho, era necessário retornar as organizações do movimento operário brasileiro, que já se articulavam desde a década de 1910. O terceiro capítulo foi uma tentativa de concluir o que foi discutido nos dois primeiros capítulos, considerando a política autoritária e centralizadora de Getúlio Vargas como um dos principais motores desses acontecimentos. Essa pesquisa monográfica viabilizou compreender a relação entre o cotidiano da década de 1930 e a imprensa, porém com cautelas essenciais, quando se utiliza periódicos como fonte.

Visto que, as fontes podem enganar o historiador Jacques Le Goff menciona que nenhum documento é inocente, e todos devem ser analisados criticamente, para não se deixar levar pelo “discurso da fonte”¹²³. A historiografia alternou o uso da imprensa como fonte de pesquisa, isso porque ainda na década de 1970 eram poucos os trabalhos que utilizavam os jornais como fonte. Nesse sentido, Tania Regina de Luca evidencia o receio presente entre os historiadores de confiar nesse documento¹²⁴, havia dois extremos acerca dessa fonte, ou era desprezada por ser “suspeita”, ou enaltecida por ser a “verdade”.¹²⁵

¹²³ LE GOFF, Jacques. História e Memória. Campinas: Unicamp, 2003.

¹²⁴ LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio de periódicos. In: PINKSY, Carla Bassanesi (org.). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2008.

¹²⁵ CAPELATO, Maria Helena Rolim. A imprensa na História do Brasil. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.

A imprensa é formada por sujeitos com diferentes vivências, pensamentos, opiniões e posições políticas, que atendem a específicas classes e durante décadas esse instrumento foi considerado por historiadores sendo “pouco confiável” devido sua carga de subjetividade, mais ainda pelo seu caráter “formador de opinião”¹²⁶. Não cabe a mim considerá-la certa ou errada. Entretanto, a partir desses periódicos é possível promover debates, perguntas e análises sobre a época, assim como Robert Darnton sinaliza o cuidado com as fontes em seu livro *Os dentes falsos de George Washington*¹²⁷, o historiador deve estar atento com o uso desse material, já que, a imprensa, é um documento escrito com intenções e objetividade. Já a fotografia, não é apenas uma ilustração de um texto ou notícia, ela propicia ao historiador acrescentar novas e diferentes interpretações da história social. Esse documento tem uma capacidade de desvendar e questionar o significado que emerge da narrativa visual¹²⁸

Meu trabalho, foi primeiramente apresentar esse jornal complexo e informativo, e, posteriormente, questioná-lo, o uso de suas notícias e fotografias tinham propósitos para a época, mesmo assim, tanto a imprensa quanto a fotografia estampadas nos jornais e revistas são fontes que abrem inúmeras possibilidades de análise e questionamentos. Evidentemente, faz-se necessário considerar e refletir sobre a história na década de 1930, suas transformações políticas, sociais e culturais, para compreender as motivações de cada matéria, entrevista e as fotografias escolhidas nessas publicações. Por fim, o trabalho monográfico foi fundamental para o contato inicial da fotografia como fonte histórica e para a abertura de possibilidades na sua articulação com a imprensa como documento. Todavia, novos questionamentos surgem sobre as problemáticas que permeiam o futebol, as quais possibilitaram perceber sua existência a partir da análise da imprensa e da fotografia.

¹²⁶ A. Vieira, M. do P., da C. Peixoto, M. do R., Kulcsar, R., & Aun Khoury, Y. (2012). IMPRENSA COMO FONTE PARA A PESQUISA HISTÓRICA. Projeto História : Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História, 3. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12495>

¹²⁷ DARNTON, Robert. Os dentes falsos de George Washington: um guia não convencional para o século XVIII. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, pp.190

¹²⁸ SÔNEGO, Márcio Jesus Ferreira. A fotografia como fonte histórica. *Historiae*, Rio Grande, v.1, n.2, p. 113-120, 2010

FONTES:

BIBLIOTECA DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. Manifesto à Nação, do Exmo Sr. Dr. Getúlio Vargas, Chefe do Governo provisório, lido, por S. Ex. Em sessão solene, no edifício da Câmara dos Deputados em 14 de maior de 1932

G. Vargas, O Bem-Estar e a Saúde das Mães e das Crianças. discurso proferido no Natal de 1939, apud A Nova Política do Brasil. Rio de Janeiro. J. Olympio, s/do p. 157.

Jornal dos Sports (RJ) – RJ, 1931-1952. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx> >

Jornal dos Sports. (RJ). 1931-1952. 30 de agosto de 1931. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Jornal dos Sports. (RJ). 1931-1952. 24 de dezembro de 1932. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Jornal dos Sports. (RJ). 1931-1952. 24 de abril de 1932. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Jornal dos Sports. (RJ). 1931-1952. 14 de março de 1934. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Jornal dos Sports. (RJ). 1931-1952. 19 de outubro de 1934. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Jornal dos Sports. (RJ). 1931-1952. 5 de fevereiro de 1932. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Jornal dos Sports. (RJ). 1931-1952. 28 de junho de 1931. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Jornal dos Sports. (RJ). 1931-1952. 5 de setembro de 1931. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Jornal dos Sports. (RJ). 1931-1952. 17 de setembro de 1932. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Jornal dos Sports. (RJ). 1931-1952. 12 de junho de 1932. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Jornal dos Sports. (RJ). 1931-1952. 1 de outubro de 1933. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Jornal dos Sports. (RJ). 1931-1952. 11 de setembro de 1933. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Jornal dos Sports. (RJ). 1931-1952. 7 de junho de 1931. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Jornal dos Sports. (RJ). 1931-1952. 5 de setembro de 1931. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Jornal dos Sports. (RJ). 1931-1952. 22 de maio de 1931. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Jornal dos Sports. (RJ). 1931-1952. 18 de setembro de 1934. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Jornal dos Sports. (RJ). 1931-1952. 22 de setembro de 1934. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Jornal dos Sports. (RJ). 1931-1952. 9 de julho de 1931. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Jornal dos Sports. (RJ). 1931-1952. 7 de outubro 1931. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Jornal dos Sports. (RJ). 1931-1952. 30 de junho 1932. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Jornal dos Sports. (RJ).1931-1952. 19 de julho de 1932. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Jornal dos Sports. (RJ). 1931-1952. 13 de novembro de 1932. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Jornal dos Sports. (RJ). 1931-1952. 14 de janeiro de 1933. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Jornal dos Sports. (RJ). 1931-1952. 25 de janeiro de 1933. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Jornal dos Sports. (RJ). 1931-1952. 25 de fevereiro de 1933. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Jornal dos Sports. (RJ). 1931-1952. 10 de fevereiro de 1934. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Jornal dos Sports. (RJ). 1931-1952. 15 de fevereiro de 1934. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Jornal dos Sports. (RJ). 1931-1952. 18 de março de 1934. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Jornal dos Sports. (RJ). 1931-1952. 28 de março de 1934. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Jornal dos Sports. (RJ). 1931-1952. 11 de agosto de 1931. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Jornal dos Sports. (RJ). 1931-1952. 27 de novembro de 1932. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Jornal dos Sports. (RJ). 1931-1952. 16 de novembro de 1934. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Jornal dos Sports. (RJ). 1931-1952. 26 de março 1931. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Jornal dos Sports. (RJ). 1931-1952. 5 de abril de 1931. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Jornal dos Sports. (RJ). 1931-1952. 5 de fevereiro de 1932. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Jornal dos Sports. (RJ). 1931-1952. 28 de junho de 1931. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Jornal dos Sports. (RJ). 1931-1952. 12 de junho de 1932. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Jornal dos Sports. (RJ). 1931-1952. 11 de setembro de 1933. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Jornal dos Sports. (RJ). 1931-1952. 9 de julho de 1931. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Jornal dos Sports. (RJ). 1931-1952. 30 de junho de 1932. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Jornal dos Sports. (RJ). 1931-1952. 24 de janeiro de 1933. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Jornal dos Sports. (RJ). 1931-1952. 25 de janeiro de 1933. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Jornal dos Sports. (RJ). 1931-1952. 11 de junho de 1932. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

Jornal dos Sports. (RJ). 1931-1952. 27 de novembro de 1932. Disponível em:
<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- ANDERSON, Benedict. **Nação e consciência nacional**. Rio de Janeiro: Ática, 1989.
- ANTUNES, F. M. R. F. (1994). **O futebol nas fábricas**. *Revista USP*, (22), 102-109. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i22p102-109>
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. **A imprensa na História do Brasil**. São Paulo: Contexto/EDUSP, 1988.
- CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. **A eugenia no humor da Revista Ilustrada Careta: raça e cor no Governo Provisório (1930-1934)**. Dissertação de Mestrado. Assis: UNESP, 2014.
- CARVALHO, Leonardo Dallacqua de. CUNHA, Fabiana Lopes da. **Em busca do tipo eugênico nacional: uma discussão sobre cor e raça nas caricaturas da Revista Careta (1930-1934)**. *Tempos Históricos*. Volume 19. 2015
- COLLINS, Patricia Hill. **Interseccionalidade**. Boitmepo. 2016.
- DAMATTA, Robert. **Universo do Futebol: esporte e sociedade brasileira**. 1982
- DARNTON, Robert. **Os dentes falsos de George Washington: um guia não convencional para o século XVIII**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, pp.190
- DE OLIVEIRA, Nizamar Aparecida. LOPES, Anderson Soares. **O Futebol como patrimônio nacional cultura**. Vol 5. Nº12, ano 2011
- DOMINGUES, HMB., SÁ, MR., and GLICK, T., orgs. **A recepção do Darwinismo no Brasil** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003, 189 p. História e saúde collection.
- DRUMOND, Maurício. **A política do jornalismo esportivo: o Jornal do Brasil e o Jornal dos Sports no dissídio esportivo dos anos 30**. XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009.
- FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. São Paulo. Edusp 2013
- FERNANDES., Suzana César Gouveia. (2007). **Saúde no Governo Vargas (1930- 1945) – Dualidade institucional de um bem público**. Rio de Janeiro, Editorial Fiocruz, 2007. *Cadernos De História Da Ciência*, 3(1), 215–219. <https://doi.org/10.47692/cadhisciecienc.2007.v3.35718>
- FONSECA. Cristina Maria Oliveira. **A saúde da criança na política social do Primeiro Governo Vargas**. *PHYSIS - Revista de Saúde Colctiva*. Voi. 3, Número 2, 1993

- FRANÇA, C. E., & Cabral, R. L. (2016). **Direitos sociais e identidade operária: o poder da ideologia trabalhista no governo de Getúlio Vargas** (Brasil, 1930-45). *Revista Eletrônica Do Curso De Direito Da UFSM*, 11(2), 634–653. <https://doi.org/10.5902/1981369421961>
- FRANCO JÚNIOR, Hilário. **A dança dos deuses: futebol, cultura e sociedade** / Hilário Franco Júnior. – São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- GERALDO, Endrica. **O “perigo alienígena”: política imigratória e pensamento racial no governo Vargas (1930-1945)**. Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 2007.
- GOMES, Eduardo de Souza. **História comparada do esporte na América Latina: um olhar para a profissionalização do futebol no Brasil (1933-1941) e na Colômbia (1948-1954)**. Anpuh. Rio de Janeiro. 2014
- GUALTIERI, Regina Cândida Ellero. **O evolucionismo na produção científica do Museu Nacional do Rio de Janeiro (1876-1915)**. In: DOMINGUES, Heloisa Maria Bertol. *A recepção do darwinismo no Brasil Rio de Janeiro*: Editora Fiocruz, 2003.
- HOCHMAN, G., and ARMUS, D., orgs. **Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe** [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. História e Saúde collection. 568 p.
- HOCHMAN, Gilberto. **Reformas, instituições e políticas de saúde no Brasil (1930-1945)**. *Educ. Rev.* [online]. 2005, n.25, pp.127-141
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 2003.
- LOWENSTEIN, K. **Brazil under Vargas**. New York: Macmillan, 1942
- MAUAD, Ana Maria . **Na mira do olhar: um exercício de análise da fotografia nas revistas ilustradas cariocas, na primeira metade do século XX**. Rio de Janeiro. 2005
- MAUAD, Ana M. . **O Poder em Foco: imagens reservadas de homens públicos, uma reflexão sobre fotografia e representação social**. *Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História*, vol. 11, núm. 3, 2007, pp. 119-149
- MALAIÁ, João Manoel. **O processo de profissionalização do futebol no Rio de Janeiro: dos subúrbios à Zona Sul. A inserção de negros, mestiços e brancos pobres na economia da Capital Federal (1914-1923)**. *Leituras de Economia Política*, Campinas, (13): 125-155, jan./jul. 2008.
- NETO, Lira. **Getúlio do governo provisório à ditadura do Estado Novo (1930-1945)**. Companhia das Letras. 2013

- PARDINI, Melina Nóbrega Miranda. **A narrativa da ordem e a voz da multidão: O futebol na imprensa durante o Estado Novo**. São Paulo 2009.
- PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda Pereira. **Footballmania: Uma história social do futebol no Rio de Janeiro (1902-1938)**. 1998
- PINHEIRO, Caio Lucas Morais. **Futebol de categoria e futebol suburbano: o amadorismo marrom e a segregação socioespacial no futebol cearense**. ANPUH. Natal. 2013.
- RIBEIRO, Luís Carlos. **O futebol na proposta autoritária e corporativista**. Topoi (Rio J.), Rio de Janeiro, v. 22, n. 46, p. 160-181, jan./abr. 2021 | www.revistatopoi.org
- SCHWARCZ, Lilia M.; STARLING, Heloísa M. **Brasil: uma biografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- SCHWARCZ, Lilia K. Moritz. **Homem de ciência e a raça dos homens: cientistas, instituições e teorias raciais em finais do século XIX**. São Paulo, 1993. Tese (Doutoramento), Universidade de São Paulo.
- SOIHET, Rachel. **Violência Simbólica. Saberes Masculinos e Representações Femininas**. Estudos Feministas, Florianópolis, v. 5, n. 1, p. 7, jan. 1997. ISSN 0104-026X. Disponível em: . Acesso em: 04 abr. 2016.
- SÔNIGO, Márcio Jesus Ferreira. **A fotografia como fonte histórica**. Historiae, Rio Grande, v.1, n.2, p. 113-120, 2010
- SOUZA, Vanderlei Sebastião de. **Eugenia racismo científico e antirracismo no Brasil: debate sobre ciência e imigração no movimento eugênico brasileiro (1920-1930)**. Revista Brasileira de História. São Paulo. v. 42, nº 89, 2022
- STEPAN, N. L. **The idea of race in Science: Great Britain, 1800-1960**. Londres: Macmillan, 1982
- POMIN, F., & Café, L. S. (2022). **Modernidade, Civilização dos Costumes e Apuração da Raça: O Futebol, os Esportes e a Educação Física como Ferramentas de Eugenia nos Estudos dos Médicos da FAMEB**. LICERE - Revista Do Programa De Pós-graduação Interdisciplinar Em Estudos Do Lazer, 24(4), 178–208. <https://doi.org/10.35699/2447-6218.2021.37725>
- A. Vieira, M. do P., da C. Peixoto, M. do R., Kulcsar, R., & Aun Khoury, Y. (2012). **IMPrensa como fonte para a pesquisa histórica**. Projeto História : Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História, 3. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/12495>